



Aline Bagetti

**Feminismos e criação de micropolíticas no plano
da diferença**

**CAMPINAS
2014**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

ALINE BAGETTI

FEMINISMOS E CRIAÇÃO DE MICROPOLÍTICAS NO PLANO DA DIFERENÇA

ORIENTADOR: Prof. Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Doutora em Educação, na área de concentração de Filosofia e História da Educação

Este exemplar corresponde à versão final da Tese defendida pela aluna **ALINE BAGETTI** e orientada pelo Prof. Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo

Assinatura do Orientador



Campinas

2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Gildenir Carolino Santos - CRB 8/5447

B146f Bagetti, Aline, 1981-
Feminismos e criação de micropolíticas no plano da diferença / Aline Bagetti.
– Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Silvio Donizetti de Oliveira Gallo.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Feminismo. 2. Micropolítica. 3. Encontro (Costumes sociais). 4. História. 5.
Resistência. 6. Diferença. I. Gallo, Silvio Donizetti de Oliveira, 1963-. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Feminisms and creation of micropolicies in plain of difference

Palavras-chave em inglês:

Feminism

Micropolitics

Dating (Social customs)

History

Resistance

Difference

Área de concentração: Filosofia e História da Educação

Titulação: Doutora em Educação

Banca examinadora:

Silvio Donizetti de Oliveira Gallo [Orientador]

Ângela Fátima Soligo

Glaucia Maria Figueiredo Silva

Guilherme Carlos Corrêa

Renata Pereira Lima Aspis

Data de defesa: 26-02-2014

Programa de Pós-Graduação: Educação

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

Feminismos e criação de micropolíticas no plano da diferença

Autor: Aline Bagetti

Orientador: Prof. Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por Aline Bagetti e aprovada pela Comissão Julgadora.

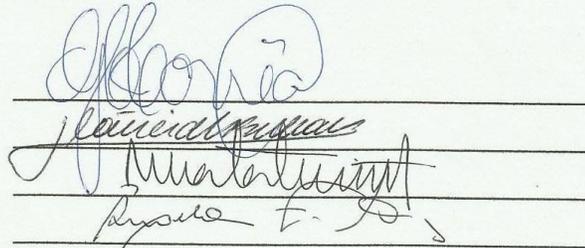
Data: 25/02/2014

Assinatura:



Orientador

COMISSÃO JULGADORA:



ANO 2014

V

RESUMO

A tese tem a intenção de acionar funcionamentos da palavra mulher. Encontros e entrevistas abrem espaço para a escuta daquilo que ainda não foi dito. A cartografia auxilia na medida em que quer riscar em mapas já prontos, rasgar, atear fogo e sair por aí a inventar mapas. Para isso convido algumas pessoas para fazer parte de encontros que desejam mexer, movimentar pensamentos e ações, como mexer em um vespeiro. Numa produção de vida em que as multiplicidades estejam acordadas, vivas, pois nada está dado. Como num quebra-cabeça, que deseja unir algumas peças múltiplas, espalhadas na diversidade de modos de vidas. Sendo a escrita uma possibilidade para abrir caminhos na construção de um outro jeito de ser mulher, um jeito que ainda não existe, mas que pode ser criado e inventado a todo instante.

Palavras chave: Feminismos, Micropolítica, Encontro, História, Resistência, Diferença.

ABSTRACT

The thesis intends to trigger workings of the word “woman”. Meetings and interviews open space for listening to what has not been said. The mapping assists in that want to scratch in ready maps, tear, fire and go around inventing maps. To some people I invite to take part in meetings wishing move, move thoughts and actions, as playing with a hornet's nest. Production of a life in which multiplicities are awake, alive, because nothing is given. Like a puzzle, you want to join some multiple pieces scattered in the diversity of ways of life. Being written a possibility to open paths in the construction of another way of being a woman, a way that does not yet exist, but that can be created and invented all the time.

Keywords: Feminism, Micropolitics, Meeting, History, Resistance, Difference.

SUMÁRIO

O que é essa pesquisa?

1

Como a chama desta pesquisa foi acesa?

12

Por que pesquisar mulher

17

Da escrita

25

Maria Lacerda de Moura e o feminismo menor

27

Resistência

31

O ato de esvaziar

40

Do que se foge?

41

Uma mulher não cabe numa esposa

44

O corpo em mulher que não quer pactuar

46

Palavras e imagens: O arsenal da mulher burguesa

48

Para que afirmar-se gay, mulher, bicha, homem, lésbica?

51

Planos de uma vida pronta:

55

IX

Alianças e convites

64

O que é mulher?

66

As mulheres

78

Uma Vera

81

Uma Lúcia

90

Uma Inaida

116

Estamira – A boa mãe e a má mãe

121

Para acabar com os programas:

131

Devires, Acontecimentos, Verdades e Processos de Singularização

139

Referências Bibliográficas:

142

Filmografia

149

Agradecimentos

Silvio Donizetti de Oliveira Gallo, pela confiança e liberdade que sempre estiveram juntas desde que lhe conheci. Agradeço por tê-lo por perto sempre. À meu pai, Vilmar Bagetti por me ensinar a ser uma pessoa melhor e lutar pela busca do conhecimento. À minha mãe Lúcia Eunice Bagetti que fez parte desta pesquisa, mulher que me deu a vida e abriu possibilidades para ser eu mesma. À minha irmã Tatiana Bagetti a qual me ajudou a ver a vida com mais serenidade. À minha irmã Milena Bagetti que me mostrou que a luta sempre continua. Ao meu irmão Mateus Bagetti por me apresentar momentos de descontração e alegria. Guilherme Carlos Corrêa, amigo sincero que fez minha vida ter movimentos incríveis. Gabriel Santos de Araújo, outro amigo que me incentivou a gostar de poesias, poemas, cinema e muitas outras coisas belas. Vera, amiga que me convidou a viver a vida de outro jeito. Inaida, mulher forte e livre, que aparece nesta tese como força para se viver o novo. Renata Pereira Lima Aspis, Ana Maria Preve, Ana Godoy, Nildo Avelino, Ana, Margareth Rago, pessoas interessadas em arte e resistência como afirmação da própria vida. Glauber Brito Matos Lacerda e Joaquim Novais, parcerias incríveis durante os almoços no bandeirão da Unicamp. Alessandra Giovanella, Uillian Ferreira Boff, Juliana Jonson, Lolita Guerra, Laisa Guarienti e Daniela Viera pela vivacidade de suas companhias. Mariane Sobrosa Ramos, pelos encontros cheios de invenções. Luiz Orlandi pela segurança, carinho e atenção que me dedicou, sempre agradecida. Aos professores do Programa de Pós Graduação em Educação da Unicamp. Aos funcionários da Faculdade de Educação. Ao grupo de pesquisa Dis, em especial a professora Ângela Soligo pelas aprendizagens. Aos amigos do grupo Transversal e ao meu antigo grupo Educação e Fascismos Hoje. À nação Tutumbaiê, pessoas fortes que me deram a oportunidade de conhecer, o que é a vida em comunidade. À Banca examinadora da tese. À Margaret Maria Chillemi, pela amizade sincera e pelas conversas que me oportunizaram um estilo de vida diferenciado.

O que é essa pesquisa?

Ninguém sabe nadar de fato antes de ter atravessado, sozinho, um rio largo e impetuoso, um braço de mar agitado. Só existe chão em uma piscina, território para pedestres em massa. Parta, mergulhe. Depois de ter deixado a margem, você continuará durante algum tempo muito mais perto dela do que da outra à sua frente, tempo bastante, pelo menos, para que seu corpo se aplique ao cálculo e silenciosamente reflita que ainda pode voltar. Até certo limiar, você conserva esta segurança: o mesmo que dizes que ainda não partiu. Do outro lado da aventura, o pé confia na aproximação, desde que tenha ultrapassado um segundo limiar: você está tão próximo da margem que pode dizer que já chegou. Margem direita e esquerda, não importa, nos dois casos: terra ou chão. Você nada espera andar, como quem salta, decola e atinge o chão, mas não permanece em vôo. A verdadeira passagem ocorre no meio. Qualquer sentido que o nado tome, o solo jaz a dezenas ou centenas de metros sob o ventre ou a quilômetros atrás e na frente. Eis o nadador sozinho. Deve atravessar, para aprender a solidão. Esta se reconhece no desvanecimento das referências.

Michel Serres

Essa pesquisa tem a intenção de abrir certas palavras, torcê-las. Especificamente se pergunta pelas engrenagens contemporâneas da palavra mulher, uma palavra que tem livre fluxo no senso comum, na ciência e na arte. Para isso busco alianças, pois a ideia é convidar e aliar-se a pessoas; para isso crio e invento *encontros* com algumas pessoas, porque eu *desejo* aprender e desaprender o que é a vida de *mulher na sociedade* e principalmente de que forma um *corpo se constitui em mulher*.

O método da cartografia auxilia na medida em que faz com que a pesquisa não seja linear, pois permite que a pesquisadora crie um mapa a ser cartografado no percurso da pesquisa. Daí surgem outros encontros, agora com autores, obras e conceitos, cuja principal característica é a inquietação. Uma inquietação que leva a mover o pensamento em torno de questões já acomodadas, estagnadas num hábito de pensar, numa acomodação que rapidamente se mostra cansativa. Um pensamento móvel como o de Maria Lacerda de Moura, Estamira, Michel Foucault, Gilles Deleuze e Felix Guattari, Suely Rolnik, Michel de Certeau, entre outros. Convido e ofereço encontros para dar força ao que se chama de “*corpos que se constituem em mulher*”.

Essa tese vai ao encontro da *filosofia da diferença*, a qual dá visibilidade aos conceitos de *micropolítica, encontros, minoria, processos de singularização diferença*.

Essa tese não desenvolve a filosofia da educação tradicional, reforçadora do discurso da

tolerância e que aposta no liberalismo democrático, com sua exigência de igualdade para todos. Igualdade que implica em obediência e submissão; submeter-se como prática universal.

Para Gallo (2011), a Filosofia da Educação tradicional sustenta o discurso da tolerância. Segundo ela é preciso respeitar, tolerar e incluir o diferente: uma unidade na diversidade, e se construa o viável com igualdade jurídica e social. Mas o projeto de Deleuze e Guattari foi de inverter este jogo, pensando a diferença em si mesma e por si mesma, de maneira afirmativa e não reativa – relacionada à identidade (Gallo, 2011:229). Assim a filosofia da diferença deseja produzir diferenças na língua, nos diversos usos da língua.

Silvio Gallo (2011:231) retoma a crítica que Deleuze e Guattari fazem aos postulados da linguagem, em *Mil Platôs*. Segundo o primeiro postulado, a linguagem seria informativa e comunicativa, a linguagem é política e serve para mandar e obedecer. Segundo esta concepção, para Aristóteles nós humanos somos seres políticos, porque portadores da linguagem. Entretanto, para Deleuze e Guattari, falamos porque somos seres políticos, falamos porque vivemos permeados por relações de poder, que muitas vezes são relações do tipo mando obediência. Assim a função da linguagem é a transmissão de palavras de ordem.

O segundo postulado é aquele que afirma que haveria uma máquina abstrata da língua, que não recorreria a qualquer fator extrínseco. Todavia, este postulado precisa ser desconstruído, já que os estoicos mostraram que a linguagem é da ordem do acontecimento. Pois para Deleuze os estoicos subverteram o platonismo, ao afirmar que o incorpóreo, o ideal é resultado de uma mistura de corpos, é um efeito e não uma causa. Palavras são corpos, coisas ou estados de coisas. Assim o sentido é o efeito da mistura dos corpos e está na ordem do *acontecimento*. O sentido é imprevisível por ser devir.

O terceiro postulado afirma que haveria constantes universais da língua, que permitiriam defini-la como um sentido homogêneo. Todavia, não há uma só língua, nem ramificações, não há um modelo arborescente. Mas há variáveis, formam-se outras variáveis, outros estilos, sem nenhum controle. Para Deleuze e Guattari, de acordo com Gallo (2011), fazer uma língua operar em modo menor, minorar o uso de uma língua estabelecida é fazer um uso político da língua.

O quarto e último postulado afirma que só se poderia estudar cientificamente a língua sob as condições de uma língua maior ou padrão. Essa é uma forma de dominação, pois toda a língua enseja línguas menores. Exemplo disso, vimos na definição da ordem ortográfica para a língua portuguesa em todo o mundo. O português falado nos diversos países pode ser diferente, diferente porque há culturas diferentes em Portugal, países africanos, países asiáticos e no Brasil. Aqui numa região do Rio Grande do Sul há um linguajar missionário, distinto do linguajar gaúcho, e evidentemente do Brasil. O falar é

próprio e alguns estudantes encontram resistência na academia e perdem a criatividade. “Não é científico”, dizem os guardiões do conhecimento organizado. Pois

os estudantes perdem a criatividade e não produzem o que é próprio, mas se acomodam aos ditames citadinos e perdem a maneira de viver de forma diferente. Então, por que se impor uma norma única?

Para Gallo (2011), o devir revolucionário é molecular e se opera nos pequenos extratos. Mas a macrofísica molar é do âmbito da dominação. Segundo ela, é impossível produzir ações políticas criativas e transformadoras neste âmbito, que é a esfera do Estado. Esta filosofia está centrada na universalidade e no princípio da identidade, um padrão hegemônico que sustenta uma política de dominação. Exemplos são os projetos de avaliação externa das escolas, o projeto de Ensino médio e politécnico no Rio Grande do Sul e a pergunta na avaliação dos professores: você usa padrões organizados pelo MEC na sua prática escolar?

Todavia, os caminhos da minoração são criados em atividades cotidianas, em nossas comunidades, sem a busca de uma universalidade, mas para fazer proliferar diferenças e singularidades.

A noção de *minoría* para Deleuze e Guattari (2011) apresenta reminiscências musicais, literárias, linguísticas, e também jurídicas e políticas. Não se opõe ao conceito de maioria de forma quantitativa. Mas se opõe a maioria, quando supõe um estado de poder e de dominação. Assim a minoria está no estado de dominado pelo poder da maioria, embora possa ser em maior número. “Pois a maioria, na medida em que é analiticamente compreendida no padrão abstrato, não é nunca alguém, é sempre Ninguém¹ – Ulisses -, ao passo que a minoria é o devir de todo mundo, seu devir potencial por desviar do modelo” (Deleuze e Guattari, 1995, 56).

Acontecimentos podem ser visíveis nas memórias. Michel de Certeau, quando descreve a *Invenção do Cotidiano*, em *Artes de Fazer* (2012) fala na arte da memória e da ocasião. Para ele a ocasião é um nó tão importante em todas as práticas cotidianas, como nos relatos populares. A memória não possui uma organização já pronta de antemão. Ela se mobiliza relativamente ao que acontece. Ela se habilita a se transformar em ocasião, como uma surpresa. Ela só se instala num *encontro*, no outro. A memória é móvel, sem lugar fixo. É um traço permanente: ela se forma, nascendo do outro (uma circunstância) e perdendo-o. A memória se esvai quando não é capaz dessa operação. Está ligada à expectativa que vai produzir. Por isso, longe de ser o relicário ou a lata de lixo

¹ Aqui Deleuze e Guattari se referem à passagem da Odisseia em que Ulisses conversa com o Ciclope e diz que se chama Ninguém. Assim, quando ele o cega, esse começa a gritar e quando chegam seus amigos e perguntam quem fez aquilo ele responde: “Ninguém me cegou!”.

do passado, a memória vive de crer nos possíveis. Há possibilidades de alterações, marcada pelos encontros. Existe mobilidade nas artes de fazer (De Certeau, 2012:145).

No entanto, o homem comum inventa o cotidiano, graças às artes de fazer, e exercita táticas de resistências, altera objetos e códigos, reapropria-se do espaço e do uso ao seu jeito. Abre o próprio caminho no uso dos produtos impostos e procura viver a liberdade na ordem social imposta e na violência das coisas.

Outro conceito que aparece com força nesta tese é a *experiência que é um saber que vai se adquirindo*, é o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que lhe vai acontecendo ao longo da vida. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal. O saber da experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece. Experiência é de cada um e não pode ser transferida para outro (Larrosa, 2002). Larrosa comenta que a experiência é cada vez mais rara devido ao acesso à informação, à opinião, trabalho e tempo.

Nunca se passaram tantas coisas a experiência é cada vez mais rara.

Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma anti experiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituirmos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação, cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a experiência é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o saber de experiência é que é necessário separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas,

quando se está informado. É a língua mesma que nos dá essa possibilidade. Depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu. Além disso, seguramente todos já ouvimos que vivemos numa “sociedade de informação”. E já nos demos conta de que esta estranha expressão funciona às vezes como sinônima de “sociedade do conhecimento” ou até mesmo de sociedade de

aprendizagem”. Não deixa de ser curiosa a troca, a intercambialidade entre os termos “informação”, “conhecimento” e “aprendizagem”. Como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação. E não deixa de ser interessante também que as velhas metáforas organicistas do social, que tantos jogos permitiram aos totalitarismos do século passado, estejam sendo substituídas por metáforas cognitivistas, seguramente também totalitárias, ainda que revestidas agora de um look liberal democrático.

Independentemente de que seja urgente problematizar esse discurso que se está instalando sem crítica, a cada dia mais profundamente, e que pensa a sociedade como um mecanismo de processamento de informação, o que eu quero apontar aqui é que uma sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível. Em segundo lugar, a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião. O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo

aquilo de que tem informação. Para nós, a opinião como a informação, converte-se em um imperativo.

Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre que nos sentimos informados. E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresenta, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial. E pensa que, tem de ter uma opinião. Depois da informação, vem a opinião. No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça (Larrossa, 2002: 21-22).

Desejo então abrir passagens para que estes encontros sejam prazerosos, e me proponho a desaprender o que já foi colocado, para então, se possível, trocar saberes com as pessoas que cruzaram a pesquisa, entrevistei as pessoas, utilizando-se da cartografia como método de pesquisa.

Segundo Neves (2009 apud Tedesco e Nascimento) é no encontro, neste meio de proliferação, que os corpos expressam sua potência de afetar e ser afetado. É nele que o desejo flui e cria mundos agenciando modos de expressão e a conectividade da vida em suas múltiplas experimentações. Então, a pesquisa aparece como uma intervenção que acontece nos encontros com as pessoas.

A cartografia como método de pesquisa intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa (Passos e Barros, 2009: 17).

Esta pesquisa tem a intenção de acompanhar trajetória de vidas, de afirmar potências de vidas. Este trabalho de pesquisa cruza outras geografias e outros lugares para compor os cinco sentidos da diversidade e do porvir. “Com a abertura de um porvir novo e imprevisível, de um outro porvir que não seja resultado daquilo que sabemos, daquilo que queremos ou daquilo que esperamos (LARROSA:2006:15).

O que interessa nesta pesquisa é problematizar o feminismo na contemporaneidade e de como ele tornou-se um movimento.

Em nível molecular, a função de autonomia do feminismo não diz respeito apenas as mulheres que se consideram feministas, mas todas as mulheres e, também, a maneira como a organização se dirige as mulheres que não pertencem a ela. E é claro, diz respeito igualmente a todos os homens, se considerarmos que também os homens, repito, estão mergulhados num devir feminino. Ora se o feminismo em questão passa a se reduzir a referências molares – de oposições binárias capitalísticas dos sexos e não só, mas também de coisas do tipo voto, moções, tendências – ele perde seu caráter processual (sua função de singularização) (Felix Guattari: 2010: 152-153).

Afirmar uma outra política na qual independente do sexo de cada pessoa possa se construir pensamentos e práticas que emergem de si mesmas, diferentes destas que já estão dadas. Práticas e

ações voltadas para a construção de uma outra política para o feminismo, voltadas para a afirmação da vida, da vida livre, uma micropolítica que escape das dominações. Conforme Felix Guattari, “a questão micropolítica é a de como reproduzimos (ou não) os modos de subjetivação dominantes” (Felix Guattari, 2010:155).

É justamente para escapar dos modos de subjetivação dominantes nessa tese que Maria Lacerda de Moura e Estamira convidam a pensar a palavra mulher. Maria Lacerda de Moura propõe pensar um feminismo menor, este que não está atrelado a políticas do Estado, como as reivindicações que as feministas trazem na sua própria história, que é a de pedir voto, salário, cargos ou qualquer outra coisa para o Estado. A autora propõe pensar numa política na qual a mulher seja dona de seu próprio corpo e na qual a mulher se coloque como antissocial diante da vida em sociedade, que a mulher não queira ser igual ao homem e nem mesmo lute contra ele, mas que construa junto com ele formas de vida que não sejam fascistas e violentas, sempre pensando na não violência como forma de ação no mundo.

Propõe uma verdadeira política de afirmação da vida onde homens, mulheres, velhos e crianças fazem parte da sociedade e nela devem agir para que se construam novos modos de estar no mundo. Convida a pensar no corpo da mulher não como algo que serve somente para a reprodução, como no caso da maternidade imposta. A mulher não deve se esgotar em fazer filhos e entregá-los para o Estado, mas sim pensar nesta maternidade como algo consciente.

A missão da mulher é fabricar carne para os canhões vorazes do capitalismo. E depois, na escola, domesticar, fazer cidadãos respeitadores das leis e das autoridades constituídas, organizar os bandos servis dos “badalos” e dos “ cravos vermelhos”, tirar a espinha dorsal dos futuros políticos, louvar a religião dominante e as pátrias e os legisladores representados nos mais altos estadistas das nações ditas civilizadas: Mussolini, Poincaré – todo o cordão da “fuzarca” política dominante. Digna missão! A mulher não pode passar de disco de gramofone da rotina e da tradição, no “guignol” desta comédia burlesca da pátria e da civilização.... É preciso que ela se macúle no meio das paixões políticas, que não veja essa cabriolagem, que não saiba, não raciocine – afim de continuar a ser explorada pela organização da “ordem” e das leis, olhos vendados, a servir de instrumento reacionário manejado pelo vampirismo político e religioso, pela tirania social (Moura, 1932: 65-66).

Problematizar as questões relativas da vida da mulher: para ser mulher basta ser mãe? Ser mãe não é algo que a sociedade criou para a mulher? Ou também, a maternidade espiritual “através da qual muitas mulheres que não puderam ter filhos” cuidam das crianças de outras mulheres com o mesmo amor ou até mesmo maior amor de uma mãe biológica?

A mulher, pensada na tese, aparece como uma mulher que escapa do modelo burguês de mulher. A mulher que se basta a si mesma e que constrói uma vida diferente desta que a sociedade inventou para a mulher. Pode ser a mulher que não casou e não se deixou rotular em ser a solteirona ou

a prostituta. A mulher livre aparece não como a libertina, mas sim aquela que escuta a sua própria vida, que pensa que a liberdade é algo que se constrói todos os dias. Assim ser livre não significa ser bem-sucedida profissionalmente, pois mesmo assim ainda ela torna-se escrava do salário. A mulher pode ter uma profissão e reproduzir, como o homem, discursos dominantes, humilhando outras mulheres por meio de reportagens e notícias sobre a vida íntima das mesmas.

Os jornais são feitos sob a rigidez perversa da moral burguesa capitalista e feitos, na sua maioria, pelos homens – bem instalados na vida sob o ponto de vista sexual – e, si há mulheres nas redações, no jornalismo, pensam e agem também dentro da hipocrisia farisaica dessa moral fossilizada e pesada de crimes. Pelo código desse moraliteísmo, a mulher virgem que se entrega a um homem, nada mais tem que fazer senão o suicídio, si é abandonada. Dentro desta moral, a jovem está desonrada, perdida, desgraçada e tem que carregar o peso de todos os atributos que procuram inutilizar para a vida uma criatura humana (Moura, 1932: 86).

Entretanto, não é a partir desses discursos preconceituosos expostos nos telejornais e na grande mídia, sobre a vida da mulher, que alcançaremos uma liberdade de pensamento em se expressar. A liberdade verdadeira está na maneira de estar no mundo com os outros, nas diferentes maneiras de se pensar, no rompimento com preconceitos e dominações que lhes são impostas. Isto se dá na construção de processos de singularização, onde a mulher é a atora de sua vida. É aquela que escapa da rotina, é a que cria novos processos de subjetivação para si e para os outros, sem deixar a sua vida a mercê de notícias de jornais.

Estamira, apresentada em um documentário do diretor Marcos Prado, aparece nesta tese como uma força fora do comum, como algo que rompe com o modelo de mulher imposto. Estamira é uma mulher que cria uma outra forma de vida, que inventa seu próprio cotidiano, que se basta a si mesma. Ela é também mãe, mas não se deixa capturar pelos discursos dominantes a respeito da maternidade imposta. Estamira não reivindica políticas de Estado, ela cria políticas em seu cotidiano, ao questionar a forma como as pessoas vivem no mundo. Ela é uma grande questionadora ao fazer o uso da palavra para resistir ao mundo em que se vive. Resistência é uma palavra que combina com Maria Lacerda de Moura e com Estamira na medida em que as duas se colocam como fora das leis e dos prejuízos sociais. As palavras ditas em suas obras fazem com que mergulhemos no caos, pois entramos para dentro de questões que muitas pessoas nunca chegaram a pensar *sobre*.

Precisamos ter a coragem de rasgar o falso céu deste mundo artificial e mergulhar no caos, por mais estranho, feio e assustador que ele possa parecer. Fazer a experiência do estranhamento, do perder-se de si mesmo, do mergulho na multiplicidade, longe de hierarquias, certezas, controles; abrir-se para as delícias do desconhecido, ter a coragem de ousar (Gallo, 2002:10).

É através das palavras que se mergulha no caos. São palavras muitas vezes poéticas que trazem alegria para quem quer viver o novo e também um certo susto por serem palavras que não estão dadas. Palavras vivas e diferentes das que estão sendo anunciadas pela televisão, internet, novelas, escolas e outros aparelhos ideológicos do Estado.

As duas mulheres, Maria Lacerda de Moura e Estamira, contribuem muito para pensarmos: o que é uma pesquisa? Pois uma pesquisa verdadeira é aquela que aparece como força para modificar pensamentos, é aquela que inventa e cria conceitos e também proporciona para o leitor uma transformação em suas ações. Pesquisa tem a ver com intervenção e invenção na vida das pessoas. Dessa forma, nenhuma pesquisa é neutra ou não quer dizer nada. Toda pesquisa tem uma força nos seus dizeres. Cabe ressaltar que esta pesquisa se fez, se desenvolveu ao longo do caminho, e mesmo agora apresentada como tese ela não está pronta ou acabada, é como caminhar em um lugar desconhecido. É como se estivéssemos procurando caminhos em um labirinto.

Contudo, o que a pesquisa quer da pesquisadora? Quer o novo, quer afirmar aquilo que não foi dito ainda e também quer questionar por que tantas coisas foram ditas e outras não. Porque tantas palavras ficam de fora e outras palavras aparecem constantemente em nossas vidas. A pesquisa sozinha não faz nada, é junto com a pesquisadora que a pesquisa vai valer e aparecer. Por isso é de extrema relevância que a pesquisadora se deixe perder-se no caminho, que não tenha medo das pedras que aparecerem no caminho, que salte por entre os muros fechados dos dizeres disciplinados. Que estes dizeres sem brilho não apaguem a vontade de conhecer da pesquisadora. E nem mesmo a sua vontade de desvendar outros mundos possíveis e impossíveis para suscitar questões-problemas interessantes.

Questões problemas surgem ao longo de uma vida e são refeitas sempre que se modifica o mundo habitado pelo pesquisador. Se pesquisador e questão problema estão embaralhados é porque extraem, daquilo que se chama cultura conforme Antonin Artaud “ideias cuja forma viva é idêntica à da fome” (Artaud, 1999:1) Uma urgência por saber o que acontece quando não se sabe (Preve, 2010: 5).

Por que é tão importante pensar a pesquisa nos dias atuais? Por que a pesquisa é algo tão significativo para pensar a vida na universidade? Da mesma forma, quais os porquês que envolvem pesquisar um tema e não outro tema? É uma questão de vida, sim. Pesquisar um tema que tenha a ver com as afirmações que se fazem da vida. E querer que esta vida seja balanceada, seja movimentada, como um marinheiro que está a dirigir um barco em meio a uma tempestade, é fazer aparecer a força deste marinheiro na maneira como ele conduz o barco, como ele se deixa movimentar pelo percurso

que as ondas fazem no mar. Em uma pesquisa aparece tudo isso: agitação, barulho, silêncio, falta ou excesso do que dizer, insistência mas o que nunca deve ficar de fora de uma pesquisa é a resistência ao mundo dado, ao mundo fechado, ao mundo disciplinado que nos rodeia. Dizer não a imobilização de corpos e mentes. Dizer não ao fechamento das ideias. Dizer não para águas paradas que não movimentam corpos. Dizer não para a mídia que manipula. Dizer não para novelas que mostram e ensinam comportamentos violentos. Dizer não para uma vida consumista e regrada. Dizer não para diagnósticos que pretendem encarcerar indivíduos numa prisão. Dizer não para a verdadeira loucura que é a violência entre familiares. Dizer não para a expulsão dos índios de suas terras. Dizer não para debates que nada contribuem para a construção de uma vida como obra de arte. Dizer não para palavras empoeiradas, estragadas e gastas. Dizer não para a escrita normal e sem graça. Dizer não para vozes dominantes. Dizer não para a vida burguesa. Dizer não para processos de escolarização castradores. Dizer não para a maternidade imposta. Dizer não para o casamento imposto. Dizer não para o trabalho sacrificado. Dizer não para a companhia que quer lhe aprisionar. Dizer não para a prisão. Dizer não para as prisões. Dizer não para a falta de conteúdo. Dizer não para uma estética copiada e fabricada pelo mundo da moda. Dizer não para legisladores de todo o tipo. Dizer não para aquilo que quer te fazer parar. Dizer não para a paz sem voz. Dizer não para aquilo que está morto e apagado. Dizer não para formas de vida fascistas. Dizer não para o pensamento engessado. Dizer não para a adaptação a uma sociedade cruel. Dizer não para a vida capitalista. Dizer não para sistemas de vida criados para aprisionar corpos e ideias. Dizer não para o que não cresce mais. Dizer não para uma escrita dura. Dizer não para uma vida imitada. Dizer não para preconceitos que fazem as pessoas paralisarem. Dizer não para a falta de liberdade. Dizer não para aquilo que atrasa a vida. Dizer não para os moralistas. Dizer não para quem quer tudo sempre igual. Dizer não para toda e qualquer ideia reacionária. Enfim, dizer não a tudo isso e outras coisas para aprender a dizer sim para aquilo que constrói um projeto de vida singular.

Dessa forma, dizer não a tudo que está aí, e dizer sim para a vida. Dizer sim para as escolhas. Escolher o que se quer dizer e o que se quer afirmar para compor uma pesquisa na perspectiva da diferença.

Sabe-se então que precisa-se dizer muitos não para aprender a ser outra coisa, para que a pesquisadora mergulhe no caos e faça aparecer uma outra escrita. Uma escrita em que os autores, as autoras e as entrevistadas estejam em sintonia. Que apareça tudo aquilo que não aparece em lugares onde a escrita dominante tomou conta. Que as pessoas envolvidas na pesquisa entrem em contato também com as bibliografias estudadas na pesquisa e que possam juntas romper com os discursos

dominantes. É preciso abrir caminhos para que isto aconteça. Portanto é fundamental saber o que não se quer saber dos nãos que se tem que dizer para compor uma pesquisa que seja a afirmação da própria vida.

O que fazer então com palavras que já foram ditas? Como aprender a torcer as palavras e criar um texto livre e novo? Como fazer com que uma pesquisa em uma tese sejam algo novo? Foi a partir de tais inquietações que escolhi os autores que me acompanharam na pesquisa e na redação dessa tese, pois eles permitem uma liberdade. A liberdade de criar uma pesquisa inovadora, uma pesquisa que conversa com a vida. Pois selecionar é a palavra para quem quer pesquisar. Selecionar livros, autores e palavras, para enfim, compor uma escrita que tenha a ver com a micropolítica. Uma escrita que se aprende no cotidiano e se faz junto com as pessoas. Esta escrita aparece com força para quem tem vontade de dizer o que ainda não foi dito e quebrar as regras impostas para construir uma micropolítica do cotidiano. Ninguém quer negar a existência do Estado para a vida das pessoas e nem mesmo a questão dos direitos dados nas macropolíticas. Segundo Moura (1932), é a eterna tutelada, o idiota milenar ainda hoje, em pleno século de tantas reivindicações femininas, se esquece das mais importantes reivindicações – a de ser dona de seu próprio corpo, a de sua liberdade sexual, a do ser humano como direito a alegria de viver a vida integralmente, em toda a sua plenitude.

O que interessa aqui é compor encontros que reforcem a vida simples, aquela vida longe das exigências de uma política maior. Mas sim de uma política menor, com perguntas menores. As perguntas que se fizeram nesta pesquisa e se fazem nesta tese são perguntas menores, por querer tratar de como um corpo se diz mulher, criança, velho; o que são corpos, afinal? Quais as transformações que estes corpos mostram no decorrer de uma vida? O que é preciso para aparecer alguém e dizer que você não é mais uma criança e sim uma mulher?

Os corpos têm uma idade, uma maturação, um envelhecimento; mas a maioridade, a aposentadoria, determinada categoria de idade são transformações incorpóreas que se atribuem imediatamente aos corpos, nessa os naquela sociedade. “Você não é mais uma criança...”: esse enunciado diz respeito a uma transformação incorpórea, mesmo que esta se refira aos corpos e se insira em suas ações e paixões. A transformação incorpórea é reconhecida por sua instantaneidade, por sua imediatidade, pela simultaneidade do enunciado que a exprime e do efeito que ela produz, eis por que as palavras de ordem são estritamente datadas, hora, minuto e segundo, e valem tão logo datadas (Deleuze e Guattari: 1995: 20).

Os corpos têm uma idade, por isso passamos pelas ditas “fases da vida”. Entretanto, o que são estas fases? O que faz uma menina tornar-se uma mulher, ou mesmo, um menino querer ser uma

mulher? É aí que aparecem as perguntas que serviram de guia para as entrevistas que compõem essa tese. O que é mulher? Como se chega a ser mulher? E qual a pergunta mais interessante que eu poderia lhe fazer neste preciso instante?

Neste trabalho eu também respondo a estas perguntas, respondo criando e compondo com poesias para inventar uma “outra mulher”. A ideia principal da pesquisa não é criticar um modelo de mulher e colocar outro modelo no lugar deste que existe. A ideia é pensar que não existe um modelo a ser seguido, ou um jeito de se comportar, um jeito certo de ser mulher. Não existe um ideal. A pesquisa trabalha na perspectiva da problematização: Como as mulheres existem no mundo? O que elas fazem de suas vidas? Elas são felizes com a vida que escolheram? São diversas questões que aparecem nas conversas informais que tive com estas mulheres.

Por isso a pesquisa tem a ver com invenção, invenção de outros dizeres, outras palavras. É como conversar com novas palavras, palavras que são plantadas e regadas por mulheres no percurso de suas vidas. Por isso fala-se tanto em vida, o que elas fizeram e fazem de suas vidas é importante quando é possível problematizar a vida que se têm. Pensar a vida como obra de arte.

O segundo volume da história da sexualidade: o uso dos prazeres trata da experiência ética na cultura grega entre os séculos IV e II AC, caracterizada como “estética da existência”, que implica todo um conjunto de trabalhos sobre si mesmo no sentido de estetizar-se, produzir-se como obra de arte é, neste momento, o principal esforço ao nível das relações do sujeito consigo mesmo, destacando o princípio “ocupa-te de ti mesmo e colocando-o como condição para o sujeito histórico se constituir eticamente neste movimento que vai do trabalhar-se ao conhecer-se (Filho, apud Tedesco e Nascimento, 2009: 234).

Viver a vida como obra de arte e algo que não está dado. É preciso construir esta vida, pensar nos percursos que se fazem no caminho para constituir vida e obra de arte, vida como obra de arte. Aí é fundamental pensar numa questão que Foucault coloca na obra *O cuidado de si* (terceiro volume de sua *História da Sexualidade*): temos que nos ocupar de nós mesmos, nos ocupar para poder criar uma vida bela, que esteja aliada ao conhecimento de si. Segundo Michel Foucault (1995: 261), “o que surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida; que a arte seja algo especializado ou feita por especialistas que são artistas. Entretanto, não poderia a vida de todos se transformar numa obra de arte? Porque deveria uma lâmpada ou uma casa ser um objeto de arte, e não a nossa vida?”

Esta pesquisa dá força para que as mulheres pesquisadas inventem uma vida bela a partir do conhecimento de si e das relações que elas estabelecem em sociedade a partir de uma micropolítica

inventada por elas mesmas em seu cotidiano. Segundo Deleuze e Guattari (1996), do ponto de vista da micropolítica, uma sociedade se define por suas linhas de fuga, que são moleculares. Sempre vaza ou foge alguma coisa, que escapa às organizações binárias, ao aparelho de ressonância, a máquina de sobrecodificação: aquilo que se atribui a uma evolução dos costumes, jovens, as mulheres, os loucos etc.

Como a chama desta pesquisa foi acessa?

Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. Michel Foucault

Para dizer e criar ideias a respeito da palavra mulher gostaria de dizer um pouco das mulheres que habitam o meu corpo. Inquietude é uma bela palavra para pensar essas mulheres.

Inquietude é algo que transcende o significado desta palavra. Essa inquietude não tem a ver com ansiedades criadas pela sociedade de consumo, em que o corpo é prisioneiro de diagnósticos da ciência que ditam normas de como deve ser a vida, mas tem a ver com uma vida filosófica.

Quando falo em vida filosófica, a busca de uma vida livre e até mesmo de uma vida bela, essa vida atravessa o próprio corpo na medida em que tem a intenção de construir um modo de vida diferente para si e para as pessoas com quem convivemos.

Posso dizer que essa inquietude que habita o meu corpo também habita outros corpos. Foi então em meio a essa inquietude, que tive contato com uma bela literatura, que me mostrou uma arte de viver, que não é acomodada e nem mesma alienada, mas uma arte de viver, na qual é o corpo que resiste ao que já está dado. Essa arte de viver foi construída por amigos, que têm os mesmos desejos, que estão no caminho de construir - para si e para os outros - uma vida no escopo da afirmação.

Foi em meio aos grupos de pessoas, desde criança, que essa inquietude nasceu. Estar junto e entre esses grupos que desejam viver de outro jeito. A palavra inquietude torna-se bela no momento em que ela contempla uma arte de viver. Essa arte está aliada a uma invenção que acontece entre amigos e até mesmo entre os amantes mais comprometidos com si mesmos, do que com papéis de cartórios que querem dizer dos relacionamentos amorosos.

Encontrar esses grupos, e até mesmo encontrar pessoas inquietas e solitárias, que saem pelo mundo com uma mochila nas costas para descobrir outras palavras e outro jeito de respirar em um

mundo onde a palavra *maldade* acompanha pessoas que já não têm mais vida e que desejam interferir de uma forma negativa na vida de outras pessoas que têm outro jeito de viver. Deleuze, ao ser interrogado sobre o que é a maldade, respondeu que:

É impedir alguém de fazer o que ele pode, é impedir esse alguém que efetue o seu potencial. Portanto, não há potência ruim, há poderes maus. E talvez todo o poder seja mau por natureza. Tanto que foi deste ponto que partiu Spinoza. Como você citou. A tristeza está ligada aos padres, aos tiranos, aos juizes são pessoas que separam seus sujeitos do que eles podem que proíbem as efetuações de suas potências (Abecedário de Gilles Deleuze, Deleuze e o poder, 2004).

É justamente para fugir desta relação de poder que aprisiona modos de vida que esta pesquisa nasceu. Grupos e pessoas que transitam por diferentes lugares, mas que têm as aspirações de vida muito parecidas.

Pode-se dizer que a chama desta pesquisa foi acesa por um grupo de estudos da Universidade Federal de Santa Maria. Neste grupo fiz muitas amizades, devido às proximidades das aspirações de vida. O grupo de estudos tem um nome muito especial, “Educação e fascismos hoje”. A proposta do grupo de estudos seria discutir as diversas formas de fascismos existentes. Conforme diz Michel Foucault (1977) no brilhante prefácio que escreveu ao livro *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari:

“O livro faz pensar que é apenas o humor e o jogo aí onde, contudo, alguma coisa de essencial se passa, alguma coisa que é de maior seriedade: a perseguição a todas as formas de fascismo, desde aquelas, colossais, que nos rodeiam e nos esmagam até aquelas formas pequenas que fazem a amena tirania de nossas vidas cotidianas”.

Em um dos encontros foi-me apresentada pelos professores Guilherme Carlos Corrêa e Francisco Estigarribia de Freitas a mulher que deu origem a esta pesquisa: Maria Lacerda de Moura, sendo a minha primeira leitura no grupo, o livro *Serviço obrigatório para a mulher? Recuso-me! Denuncio!*

Maria Lacerda de Moura descreve um telegrama escrito no dia 30 de novembro de 1932, cujos tópicos de sua exposição constavam no anteprojeto da constituição brasileira. O telegrama diz positivamente: “Pode afirmar-se, desde já, que o serviço militar será obrigatório para todo o brasileiro que completar 21 anos. As mulheres também serão obrigadas ao alistamento militar para que possam ficar integralizadas na comunhão político-social. Uma vez chamadas, serão distribuídas pelos diversos serviços auxiliares, como a cruz vermelha, administração e arsenais” (Moura, 1933: 11). Este telegrama incentiva Maria Lacerda a escrever um livro, *Serviço militar obrigatório para a mulher?*

Recuso-me! Denuncio!, No qual a autora discute o problema da guerra e a participação indireta da mulher na guerra ao ajudar na fabricação de bombas e também atuando como enfermeira da Cruz Vermelha, cuidando dos patriotas feridos e ajudando a matar os inimigos, furando-lhes os olhos. Para Maria Lacerda: “Dentro da lei, ela pode furar os olhos do inimigo”. Este anteprojeto de lei tinha como objetivo recrutar as mulheres para servir ao exército brasileiro.

Maria Lacerda de Moura, comenta também, neste livro, como eram as práticas educativas das professoras das escolas paulistas do início do século XX no Brasil. Práticas que extrapolavam os muros da escola. A proposta era fazer acontecer à educação militar das crianças por meio de desfiles cívicos e paradas infantis. Essa educação implica no processo de formação de subjetividades nas crianças. Então, quem ajudaria para cuidar e gerir esse processo educativo?

Nesta perspectiva, as mulheres entram em cena. Como elas se tornariam o que foram? E por que atuariam com tanta disponibilidade na formação dos pequenos? Estas e muitas outras perguntas surgiram a partir da leitura desta obra.

Certamente, é indispensável que as mulheres levem a cabo uma política molar, em função de uma conquista que elas operam de seu próprio organismo, de sua própria história, de sua própria subjetividade: “nós, enquanto mulheres...” aparece então como sujeito de enunciação (Deleuze e Guattari, *Mil Platôs*, vol. 4, 1997). O que os autores definem como entidade molar é a mulher tomada numa máquina dual que a opõe ao homem, enquanto determinada por sua forma, provida de órgãos e de funções, e marcada como sujeito. O devir mulher não é imitar essa identidade, nem mesmo transformar-se nela.

Da mesma forma, Deleuze e Guattari (1997), quando se interrogam sobre Virginia Woolf e uma escrita propriamente feminina, ressaltam que ela se espanta com a ideia de escrever “enquanto mulher”. É preciso que a escrita produza um devir mulher, como átomos de feminilidade, capazes de percorrer e de impregnar todo um campo social.

Os autores, então, propõem pensar que a única maneira de sair dos dualismos é estar entre, passar entre, colocar-se no *intermezzo*. Segundo Deleuze e Guattari (1997) a moça é como o bloco de devir que permanece contemporâneo de cada termo oponível, homem, mulher, criança, adulto. Não é a moça que se torna mulher, é o devir mulher que pode fazer a moça universal, não é a criança que torna-se adulto, é o devir criança que pode fazer uma juventude universal.

Como então pensar em outra subjetividade? Conforme Guattari (2010: 332) “A *subjetividade está sempre tomada em rizomas, em fluxos, em máquinas etc; ela é sempre altamente diferenciada, sempre processual*”. Esse é o caminho que persigo nessa tese.

Como estamos abordando a questão da mulher no Brasil, é interessante olhar um pouco para a história das mulheres, mais especificadamente para os movimentos feministas que aparecem no início do século XX no Brasil.

Problematizando essas questões surgiu no Brasil o movimento feminista, que apareceu a partir de uma inquietação em relação à hegemonia masculina. Conforme Rago (2007) o feminismo nasce e se caracteriza como um movimento de esquerda, ou seja, as mulheres lutam para fazer acontecer e transformar os modos de vida existentes.

O movimento feminista do início do século XX foi inspirado em lutas europeias. No Brasil, uma das primeiras mulheres a se manifestar na luta em defesa das mulheres foi Nísia Floresta. Em seguida, no ano de 1919, Bertha Lutz, advogada e bióloga, criou a Liga pela Emancipação Feminina e em 1922 a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, em prol dos direitos da mulher. As feministas articulavam a incorporação feminista aos mecanismos de Estado quando frequentavam reuniões sociais com autoridades, congressistas e políticos durante o período de 1931 e 1932, período de crise do governo provisório de Getúlio Vargas.

Cabe ressaltar que a principal reivindicação foi o direito ao voto, o qual foi aprovado nesse mesmo ano. As sufragistas haviam avançado na ampliação jurídica da participação social feminina através do voto, na perspectiva da ordem jurídico burocrática. Segundo Michel Foucault (1986) as técnicas de subjetivação são uma dimensão da definição do poder que não pode ser captada através dos modelos jurídicos ou institucional.

Sobre o voto, Maria Lacerda de Moura (1932) diz: o voto? *Nem secreto, nem masculino, nem feminino. Para a autora o voto não é necessidade natural da espécie humana: é uma das armas do vampirismo social. Se tivéssemos os olhos abertos, chegaríamos a compreender que o rebanho humano vive a balar a sua inconsciência, aplaudindo a minoria parasitaria que inventou e representa a “tornee” da teatralidade dos governos, da política, da força armada, da burocracia de afilhados – para complicar a vida cegando os incautos, a fim de explorar a todo o gênero humano em proveito de interesses mascarados nos ídolos do patriotismo, das bandeiras, da defesa sagrada dos nacionalismos e das fronteiras, da honra e das dignidades dos povos.*

Maria Lacerda de Moura foi uma feminista pouco conhecida no Brasil, pois ela não reivindicava políticas de Estado, se difere das feministas sufragistas que reivindicavam o voto, como sendo algo importante para a emancipação feminina. Ao contrário das sufragistas, Maria Lacerda de Moura questionava as liberdades. Uma das questões mais interessantes que a autora questionou em suas obras, foi a de a mulher reivindicar o direito de ser dona de seu próprio corpo. Questionava

também os preconceitos sofridos pela mulher que não se casou e não teve filhos, a qual ficava enquadrada no tipo *solteirona* ou a prostituta. Em suas obras, a autora enfatizava a luta contra os programas criados pelos governos para conduzir a conduta dos cidadãos, como no caso a importância da mulher na educação das crianças. Aqui ela problematizava a forma como as professoras paulistas educavam os alunos em sala de aula. Um exemplo disso, era a educação para a guerra onde as professoras incentivam os chamados desfiles cívicos, os quais os alunos participavam. Outra questão importante que a autora problematizava era o amor livre, para Maria Lacerda o que existia era o amor plural, onde a mulher poderia amar quantas pessoas coubessem em seu coração.

A vida de Maria Lacerda de Moura (1887-1945) pode ser tomada como um incessante aprendizado. Sua atuação como professora em uma Escola Normal e diretora de um Pedagogium, em Barbacena (MG), foi exemplar de um tipo profissional voltado para o bem estar e para uma espécie de salvação da humanidade a partir da intervenção, do controle e da adequação das crianças à sociedade. Seu primeiro livro “Em torno da educação” (1918) mostra sua preocupação em inscrever *na página em branco da infância* o cidadão de que um Brasil, em franco processo de estatização, necessitava. Lida pelo anarquista José Oiticica, essa obra *aplaudidíssima* mostrou, em sua construção exaltada, patriótica e burguesa, o talhe de uma futura rebelde. A larga correspondência entre eles, à amizade e a literatura anarquista por ele oferecida, *com as mãos cheias*, marcam o início de uma intensa busca.

Em 1921 passa a morar em São Paulo onde se torna importante conferencista, publica constantemente em periódicos, publica livros e aprende. Seu aprendizado não se limitava à acumulação de conhecimento. Ela gostava de viver o que aprendia. Seus interesses a levaram a buscas nos círculos maçônicos, no movimento feminista, em grupos teosóficos e na fraternidade Rosa Cruz. Sua determinação trágica e sua ética antifascista a afastaram de todos esses centros e das ideias que os moviam. De suas passagens por tantos lugares e grupos, deixou registros contundentes em seus escritos movidos pela força do que lhe acontecia.

Publicam-se aqui extratos de uma das suas mais importantes obras. Escrito em 1932 o texto é sua arma contra a guerra. Arma constituída unicamente pela publicação dos seus estudos, das suas pesquisas, do seu pensamento. Patriotismo, fé religiosa, obediência às leis e família burguesa aparecem como linhas duras do dispositivo da guerra. Servilismo, amor devotado aos seus e sentimentalismo são traços da mulher (burguesa ou proletária) que a fazem participar, como o homem, da empresa da guerra. É a partir do fio da participação feminina na sociedade que Maria Lacerda nos revela a

mecânica fascista da sua época. Fascismo esse que nos conecta a cada um, individualmente (pelo amor, pela fé, pelo sentimento), ao governo de todos.

A coragem anarquizante dessa mulher rendeu esse texto-arma que funciona hoje como ontem. Pensamento livre, único, contra pensamento de manada, de rebanho. Suas palavras cortantes eliminam as peças da crítica que se satisfaz em opor-se. Agudas e certeiras, essas mesmas palavras, republicadas, provocam uma elipse no tempo dos sinos das igrejas, das sirenes das fábricas, das marchas dos quartéis, dos fatos alinhados pela História e Maria Lacerda está aqui, lutadora de peso, junto aos que, no nosso hoje, arrojaram-se contra os fascismos. Seja bem vinda.

Por que pesquisar mulher

Acredito que esta interrogação é extremamente interessante para demarcar a pesquisa que desenvolvi. Escolhi pesquisar a mulher devido a uma série de questões. Um dos livros que despertou minha atenção para o tema foi *O que é uma mulher?* de autoria de A.L. Thomas (1991), que trata da questão do percurso das mulheres nas sociedades. São ensaios do ano de 1772 sobre o caráter, os costumes e o espírito das mulheres. Constata o sofrimento das mulheres submetidas aos homens; fala, dentre outras, da virtude das gregas, romanas e gaulesas; discorre sobre as sábias imperatrizes e mulheres letradas do século XV e XVI, que ensinavam e sustentavam teses originais analisando culturas de diferentes séculos. “Se percorrermos os países e os séculos, veremos quase em toda parte mulheres adoradas e oprimidas. O homem que nunca perdeu uma oportunidade de abusar de sua força, por toda parte se prevaleceu de sua fraqueza. Foi ao mesmo tempo seu tirano e seu escravo” (Thomas, 1991: 37).

Aqui percebe-se que mulheres e homens construíram uma história e que os homens na maioria das vezes foram sempre colocados em primeiro lugar e que muitas mulheres sofreram devido a estarem subjugadas a um mundo masculinizado.

As mulheres nunca foram uma coisa só, mas foram muitas coisas, conforme atestam os documentos históricos. Muitas mulheres, além de serem mães, gostavam de escrever e participavam ativamente, junto com os homens, no comando das cidades, ou seja, muitas atuavam no governo. Mulheres que “numa batalha, ao ver seus filhos e esposos fugirem, corriam à frente destes, barrando-lhes a passagem, e forçando-os a retornar à vitória ou a morte; algumas se expõem à morte, e se deixam acorrentar para salvar seus esposos prisioneiros” (Thomas, 1991: 41).

Muitas mulheres não estavam somente nos lares, mas sim, atuando nas políticas de Estado. É

por isso que as conexões que envolvem a palavra mulher para mim aparecem como um incômodo inquietante e produtivo, pois deseja tencionar o que já existiu, pensar no que muitas mulheres fizeram ao longo da história. Pensar a mulher tem a ver com as afirmações que eu faço da vida, olhar para o corpo que se constitui em mulher. Encontrar mulheres com as quais eu quero constituir força e aliança. Mas a ideia mais interessante é ter contato com mulheres que inventam suas vidas, como no caso do documentário *Estamira*, do diretor Marcos Prado.

O que interessa é afirmar uma política dos afetos onde a alegria dê consistência para pensar a questão dos feminismos contemporâneos; digo e afirmo um feminismo menor. Um feminismo que queira a alegria, e não o ressentimento. Mulheres alegres, no sentido spinozano do termo, dão consistência a uma política dos afetos.

Spinoza fala dos afetos, das afecções do corpo, que podem ser aumentadas ou diminuídas, estimuladas ou refreadas. Assim na proposição 15 do livro *Ética* afirma que “qualquer coisa pode ser, por acidente, causa de alegria, de tristeza e de desejo” (SPINOZA, 2007:181). Não é a coisa em si, mas por acidente que algo pode ser causa de alegria ou de tristeza ou de desejo.

As imagens do passado, ou do futuro, nos afetam, afetam a nossa alegria, ou, a nossa tristeza. Neste sentido Spinoza nos diz na proposição 18: “O homem é afetado pela imagem, de uma coisa passada ou de uma coisa futura do mesmo afeto de alegria ou de tristeza de que é afetado pela imagem da uma coisa presente” (2007: 185). Da mesma forma, Spinoza (2007) considera a imagem na condição presente, embora não exista. E mais adiante, afirma que a esperança nada mais é do que uma alegria instável, surgida da imagem, de uma coisa futura ou passada de cuja realização temos dúvida. Concluo que a alegria e a esperança estão associadas nas imagens e na efetivação da potencialização que produzem a realização da pessoa. Assim vive-se a alegria, quando se potencializa a ação nos encontros.

Mulheres tristes estão muito próximas de uma vida aliada à futilidade, mas ao contrário as mulheres alegres, no sentido spinozano do termo, são aquelas que fazem um esforço para serem afetadas por essa imaginação, que leva à alegria, conforme a proposição 28. Assim esforço e alegria estão imbricados, pois quanto maior o esforço maior será a alegria.

Quanto “maior for o afeto, para conosco, do qual imaginamos estar afetada a coisa amada, tanto mais nos gloriaremos”. Esforçamo-nos tanto quanto podemos, para que, de sua parte, a coisa amada nos ame isto é, para que ela seja afetada de alegria, acompanhada da ideia de nós próprios. Assim quanto maior for a alegria com que imaginamos estar, por nossa causa, afetada a coisa amada, mais esse esforço será estimulado, isto é, tanto maior será a alegria com que somos afetados. Ora, como nos alegamos por termos afetado de alegria um de nossos semelhantes, consideramos a nós próprios com alegria. Logo, quanto maior for o afeto para conosco, com o qual imaginamos estar afetada a coisa amada, tanto maior será a alegria com

que consideramos a nós próprios, ou seja tanto mais nos gloriarem (Spinoza, 2007:203, proposição 34).

Mulheres alegres são mulheres que se esforçam para produzir subjetividades no cotidiano: mulheres que cuidam de si fazem pequenas coisas no cotidiano. Não um cuidado de si egoísta e consumista: uma vida voltada para o mercado de trabalho. Mas o cuidado de si que se envolve com a sua vida, sem intrometer-se ou cuidar da vida dos outros, com lições de moral e ou juízos de valor, com diagnósticos inconvenientes, investigativos e policialescos.

O cuidado de si, como a ser pensado de uma relação da mãe com a filha, que foi difícil, devido aos conflitos de gerações. A mãe que foi criada em uma época conservadora em que as mulheres deveriam obedecer e somente serem donas de casa. Não podiam transgredir as normas da sociedade, senão seriam tachadas de mulheres vulgares, sem marido e sem lar. Quando separadas eram excluídas e “mal faladas” pela sociedade.

Si o amor é a preocupação absorvente e única da vida feminina, pela natureza afetiva e sentimental da mulher, si a ela incumbe a educação da criança, da juventude, e o pape de estimular e de inspiradora, é incrível, é absurdo que o ser feminino seja obrigado pela lei ou pela moral religiosa e social a se contentar com uma só experiência amorosa em toda a vida ou seja constringida a renunciar a toda razão de ser de sua existência, mutilada no tipo *solteirona* (Moura, 1932:166).

Maria Lacerda de Moura questiona a existência do tipo *solteirona* como sendo uma palavra preconceituosa em relação a mulher que não casou e não teve filhos. Ou seja, a lei e a moral obrigam a mulher ao casamento e a reprodução. Segundo Moura (1932), as sociedades com o seus prejuízos e a sua rotina, serão sempre limitação, em luta aberta contra os direitos individuais.

Enquanto algumas mulheres desta geração continuaram por longos anos adormecidas, já na minha geração muitas mulheres saíram para as ruas sem medo e com muita coragem para falar, lutando por seus direitos. As ruas foi o palco mais interessante para as mulheres colocarem em prática os seus discursos sobre liberdade. Liberdade de *ser dona do seu próprio corpo*. Nas ruas as mulheres se uniram ao povo para questionar um mundo que já foi pensado e idealizado por outros. Nas ruas, as mulheres se encontraram para problematizar a verdadeira vida. Cabe ressaltar, que estes pequenos movimentos nas ruas foram construídos por mulheres, gays, lésbicas e homens em prol de uma política feminista. Ao passo do que eu, Aline fui criada num ambiente em que não precisei casar e nem ter filhos por obrigação. Escolhi o estudo e a movimentação cultural como forma de vida. Fui atrás de conhecimentos, fui educada para aperfeiçoar-me e a buscar novos conhecimentos em outras cidades e com outras pessoas, transitando entre diversos saberes e espaços. Nessa perspectiva, as viagens sempre

foram importantes para aprender novas formas de vida.

Desejo encontrar outras coisas, mulheres que tenham a ver com outro tipo de vida. Quando eu falo em outro tipo de vida, isso tem a ver com a vida que cria e resiste no *cotidiano*, e que torna a vida interessante e diferente. Eu sempre gostei muito de ler e saber sobre mulheres que fizeram muitas coisas interessantes e que foram mulheres simples, como no caso de Maria Lacerda de Moura, uma mulher que viveu uma vida muito simples e resistiu à sua época.

Ir atrás disso, parte de uma vontade de querer ouvir outras histórias, como:

Afirmar que a história não é o destino quer dizer que ela ainda não segue nenhum caminho necessário. A história é construída e como qualquer construção, ela é contingente, pode ser de outra forma. Pode ser desfeita, refeita, reconstruída de outros modos. O social que é o material da história não é sagrado. Não precisamos ter por ele nenhum tipo de reverência que nos impeça de tentar modificá-lo (WALLERSTEINS, 2004: 2).

A vontade de querer mostrar que existem outras mulheres que constroem outras histórias. Que a palavra mulher não está associada ao que a sociedade associou, como coisas já dadas e já prontas, como: casamento, filhos, a tarefaira, a louca, a velha, a sem homem, a dona de casa, a puta, a santa, a menina frágil, a esposa. Seria como se quisessem não eliminar isso, porque isso são rótulos que a sociedade cria para classificar cada uma e colocar cada uma em algum lugar. Isso não abre espaço para que a mulher invente outra vida, que seja o que quiser e que se afirme na diferença.

E se a mulher romper com ser a louca, a puta, a dona de casa, mãe? Ela poderá viver o diferente.

Mas as questões dos rótulos e da marca são palavras originárias da publicidade, ou seja, uma simples palavra pode ser uma *marca*. No entanto, o que me interessa é romper e demolir algo que quando se instaura na vida de alguém gera muita dor e preconceitos. Isso atravessa um pouco coisas que eu penso a respeito da questão da palavra mulher. Se a palavra *marca* está sendo associada à mulher eu busco mudar esta palavra de lugar. Pois *marca* quer dizer algo que é consistente e que produz forte impressão na vida das pessoas. Marcar alguém é como rotular, estigmatizar, julgar, é não permitir a pessoa de ser o que ela é, de poder se reinventar como pessoa. É preciso lutar para produzir outros discursos e fazer a crítica a publicidade que insiste em colocar o corpo da mulher a serviço do mercado. O corpo da mulher não pode ser do Estado mas sim dela mesma. A mulher pode fazer o que quiser com seu corpo e o Estado não deve interferir de forma nenhuma.

Pensar o devir como algo que está sempre se modificando é uma força que move a me aproximar dessas mulheres, mulheres que levam a vida de outro jeito. É uma questão interessante e

importante porque merece um olhar diferenciado e generoso. É uma questão da vida mesmo, tem a ver com a vida, e com os encontros com o que estas mulheres estão produzindo. É quase que ir atrás de encontros e eu fui atrás destas mulheres e escolhi justo estas mulheres por que elas surgem como uma força, uma força bem importante e que tem a ver com a afirmação de vida, que tem a ver com vida livre, prazer, bons encontros, leveza, seriedade, simplicidade, amizade, amor, afeto e infinitas palavras que desejam liberdade.

É como se eu quisesse dizer que existem várias mulheres fortes, que o seu pensamento ainda movimenta a mente de muitas pessoas por que seu pensamento ainda está vivo, mulheres que escreveram livros, mulheres que lidam diretamente com a terra, mulheres que educam as crianças com amor e sabedoria. Neste sentido, existem, hoje, muitas mulheres que estão fazendo muitas coisas interessantes. Mulheres que não precisam sair por aí dizendo o que estão fazendo. Elas simplesmente fazem, elas não precisam discursar, elas vivem e isto está no dia a dia. Desde o levantar até dormir, está a invenção da vida.

Trata-se aqui de fazer uma língua operar em modo menor. Agir politicamente de forma coletiva. Pois determinados grupos sociais fazem exercer a minoração da língua. Por isso mulheres em um devir menor, produzem suas vidas no agir do cotidiano fazendo pequenas coisas.

Assim as mulheres podem suscitar acontecimentos e não deixar a vida parar. Estas são mulheres que conseguem fazer acontecer. Em Deleuze encontramos a conceituação do acontecimento:

“Então não se perguntará qual o sentido de um acontecimento. O conceito de acontecimento é o próprio sentido. O acontecimento pertence essencialmente à linguagem, mantém uma relação essencial com a linguagem; mas a linguagem é o que se diz das coisas” (Deleuze, 2000:34).

“Em um dos casos, é minha vida que me parece frágil demais para mim, que escapa num ponto tornado presente numa relação determinável comigo. No outro, sou eu que sou fraco demais para a vida, a vida é grande demais para mim, lançando por toda a parte suas singularidades, sem relação comigo nem com um momento determinável como presente, salvo com o instante impessoal que se desdobra em ainda futuro e já passado” (Deleuze, 2000:177-8).

Isto tem a ver com acontecimento, mulheres que falam a verdade e que têm coragem de falar o que pensam. Isto tem a ver também com um conceito resgatado por Michel Foucault, o de parresia.

A parresia é, portanto, em duas palavras, a coragem da verdade naquele que fala e assume o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que pensa, mas é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve (Foucault, 2011:13).

Pois são mulheres que falam o que pensam, que dizem o que elas pensam, praticam o franco falar, o falar verdadeiro, falar olhando no olho. Doa a quem doer, dizendo o que se diz e o que se acredita, não se importando com moral e doutrinas de todo o tipo. Acho que tem a ver em criar outras

histórias e também com compartilhar qualquer coisa.

A pesquisa com estas mulheres, mulheres que fazem parte da minha vida, quer movimentar a vida, as aprendizagens, as desaprendizagens e o que for. Com esta ideia de compartilhar, não significa e não tem a ver com dinheiro, mas tem a ver com qualquer coisa, tem mais a ver com afeto, alegria e um encontro prazeroso. Falar em mulher faz pensar que muitas vezes essa mulher transita entre uma menina e uma mulher mais velha. É como se essa questão da mulher não tivesse parada em mulher madura, às vezes acontecem essas transições, entre mudanças de estar sendo outras coisas. Em coisas que a memória aprisiona, é como essa pesquisa fosse para pensar em outras mulheres, outros modos e formas de vida. Que não tem a ver com memória, mas sim com novidades. Por isso, tem a ver com *experiência* que não é experiência de vida. A experiência é como vimos anteriormente aquilo que nos toca, o que nos movimenta, tem haver com movimento.

Da mesma forma, toda essa elegância que não está em revistas, em livros, mas está no corpo ou, em outro lugar. Não está em consumir roupas e sair se exibindo por aí, como um jeito próprio da mulher burguesa, mas em outra forma de ser.

Julia Varela, em seu livro *Nacimiento de la Mujer Burguesa*, trata da subjetividade, da genealogia e da história da mulher burguesa. A genealogia, pensada a partir de Foucault, trata de por em conexão as formas de exercícios de poder e os regimes de saber com cristalizações de formas de subjetividades específicas. Como ela mostra:

“En uno de los textos, titulado: Por qué hay que estudiar el poder: la question del sujeto, Foucault se refiere precisamente a las resistencias que se oponen en la actualidad al gobierno por la individualización entre las que incluye precisamente las que se oponen al poder que los hombres ejercen sobre las mujeres. Estas luchas, a su juicio no tratam tanto de atacar determinadas instituciones de poder (elites, clases, grupos), cuanto de enfrentarse a técnicas particulares del ejercicio del poder que se aplican a la vida cotidiana, clasificam a los sujetos em categorias, los convierten, em fin, em una determinada forma de ser sujetos sometidos.” (VARELA, 1997: 66).

O que significa então romper com uma visão negativa de poder na análise dos mecanismos de submissão? Pergunta Varela (1997: 67). Significa não apenas perceber as técnicas de normalização diante das necessidades e desejos dos sujeitos, mas pelo contrário, exigem a sua participação.

Existem amplas formas de dominação utilizando-se o poder. Uma das mais sofisticadas é a dominação burguesa. Assim o poder, localizado no Estado e em seus aparatos, aparece com uma visão do poder político do Estado, como um poder que ignora os sujeitos. Implica observar que os poderes ligados ao Estado, não só se ocupam dos interesses de determinados grupos ou elites, senão tendencialmente de cada sujeito em particular e ao longo de toda a sua vida. Segundo Michel Foucault

(1982:8), talvez, o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrarmos deste “duplo constrangimento” político, que é a simultânea individualização e totalização própria às estruturas do poder moderno.

Diante da individualização e da totalização simultâneas das estruturas de poder é necessário promover novas formas de subjetividades que se enfrentam e se oponham a todo o tipo de individualidade que tem sido imposta durante séculos. Trata-se de encontrar um caminho. Novas formas de subjetivações que tenham a ver com liberdade.

Michel Foucault, na entrevista *A Ética do cuidado de si como prática de liberdade* (de 1984), diz que a liberdade é, em si mesma, política. Pois ser livre significa não ser escravo de si mesmo nem dos seus apetites, o que implica estabelecer consigo mesmo certa relação de domínio, de controle, daquilo que chamamos de *arché* – poder, comando.

Foucault comenta sobre o perigo da imagem do tirano que se aproveita do poder e da riqueza para abusar dos outros, para lhe impor um poder indevido, afirmando que este homem é escravo de seus apetites. Porém o bom soberano é aquele que exerce o poder de forma adequada, tem poder sobre si mesmo, pois é o poder sobre si que vai regular o poder sobre os outros.

Cláudio Ulpiano (2008), falando sobre estética da existência, comenta que Foucault, no final de sua vida, se preocupa com a Grécia. Pois é a partir da Grécia que existe algo de novo e de original. O grego traria um processo altamente original, o de produzir uma vida livre. O grego vai levantar a questão do poder sobre si próprio e inventar uma prática que é uma relação agonística de si consigo próprio. O homem só pode ser livre como um confronto de forças, de luta contra si próprio para produzir uma vida livre. O homem é livre na hora que as forças ativas dominaram as forças que tendem à submissão. O grego está produzindo uma estética da existência. Os gregos vão pensar a estética como forma de existência. Produzir uma vida bela é ter liberdade. O momento em que as forças ativas dominaram as força reativas. A liberdade é consentida quando quem dirigir a sua vida é você mesmo.

Escolha é uma palavra belíssima para pensar a vida das mulheres. Escolher como e com quem viver. Como no caso das mulheres que fizeram aborto e que não desejam ter filhos por uma questão de opção, e não se sentem culpabilizadas devido à moralidade imposta pela mídia e pela igreja, que condena o aborto como crime. Sabe-se que a maternidade é uma força política e uma decisão que cabe somente à mulher. Como diz Maria Lacerda de Moura, a maternidade imposta não cabe na figura da mulher; o que se deve propor é pensar a maternidade como algo consciente.

Quando compreenderá ela o sentido cósmico do amor e da maternidade! Um filho é algo de divino que guardamos no seio e temos de o entregar, mas belo, a eternidade de onde nos foi confiado. Um filho é qualquer coisa de santo que nos veio para o mistério sagrado da purificação. A concepção de um filho deveria constituir o mais importante ato, o mais sério e o mais delicado na vida, porque é crime dar a luz a um filho do acaso (Moura, 1926: 48).

Mas neste contexto capitalista, há um número significativo de revistas apoiadas na publicidade que incentivam as mulheres a terem filhos para suprir muitas carências afetivas.

Então, o que a mulher pode fazer? A mulher pode optar: não entender o que está acontecendo com ela, seguir a vida normalmente, deixar-se levar por uma vida de acordo com os ditames da moda, do consumo e de outras dominações. Ou, pode olhar para outras palavras, olhar para todo este material, que está aí fora, este “lixo do palavrear”. Esta é a opção para inventar a vida, para ser feliz.

Esta tese tem a ver com liberdade, com uma vida libertária, que passa por uma resistência em todos os dias. Independente do que está colocado para a mulher, como profissão, maternidade ou modo de vida.

O encontro que a tese propõe é uma leveza, é como um *silêncio cheio de barulho*. Eu escolhi várias mulheres para a minha pesquisa, mulheres em que eu vi muita força, na maneira como levam a vida. Mulheres que têm filhos, mulheres que ainda não têm filhos e mulheres que não desejam ter filhos. A tese propõe pensar como estão se desenvolvendo as relações entre as pessoas. Para isso é fundamental questionar:

O que as crianças estão vendo? Elas estão chegando ao mundo e o que os adultos estão mostrando para elas? Os adultos mostram muita coisa que eu não gostaria que elas vissem, e que eu não gosto de ver. Os adultos dizem muitas coisas para as crianças. Como no caso da televisão aliada ao capital, que promove relações humanas superficiais, com imagens prontas, produtoras de universais. Os telespectadores, movidos pela curiosidade, não são tocados para produzir algo novo, mas para papaguear tais fatos no cotidiano. É um lazer de massa, produtor de universais e que não contribui para um desenvolvimento da subjetividade que esteja comprometido com colocar em prática a liberdade.

Mas poder mostrar para as crianças outras coisas, é possibilitar que elas mesmas criem, que sejam criadoras e que não sejam apenas receptoras. Que elas criem e que não sejam simplesmente levadas a consumir o que está pronto e dado.

E não entulhar e encher a cabeça da criança de informação, de coisas que já estão prontas. Muitas crianças tem acesso à televisão, e sabe-se que é na infância que elas estão aprendendo a se relacionar e a viver no mundo e o perigo está na medida em que elas podem reproduzir o que assistem.

Por isso é fundamental que ocorra modificações na estética que está sendo apresentada para as crianças.

Há muita coisa feita e está na hora de mudar as palavras, as imagens, e mostrar que existem pessoas funcionando de outro jeito, diferente desse jeito burguês que está aí, e que não cabe mais.

Essa tese propõe pensar outro jeito de viver, que tem a ver com resistência e escapar da representação, para que as pessoas entrevistadas falem por elas mesmas. Não foi minha intenção falar por elas, mas abrir espaço para que elas falassem. Numa entrevista entre Deleuze e Foucault, em 1972, publicada com o título *Os intelectuais e o poder*, Deleuze diz a Foucault:

Ao meu ver, você foi o primeiro a nos ensinar – tanto em seus livros quanto no domínio da prática – algo de fundamental: a indignidade de falar pelos outros. Quero dizer que se ridicularizava a representação, dizia-se que ela tinha acabado, mas não se tirava a consequência desta conversão “teórica”, isto é, que a teoria exigia que as pessoas a quem ela concerne falassem por elas próprias (FOUCAULT, 1979: 72).

Esse foi meu objetivo. E, com isso, somar forças para resistir no cotidiano mesmo passando por inúmeras situações de sofrimento e jamais dizer “chega”; lutar na vida e lutar sempre em nome da vida, da vida boa.

Mulheres infinitas que se combinam entre si, entre elas mesmas e os homens. Afirmando, com Epicuro: “É necessário ver que os mundos e toda a combinação finita nascem do infinito” (Os pensadores, 1980: 16).

Da escrita

Optei por não compor essa tese na forma tradicional, escrita em capítulos. As multiplicidades de ser mulher acompanhadas ao longo da pesquisa não caberiam em capítulos. Elas atravessam e são atravessadas, o tempo todo.

Essa tese fala de mim e fala de outras. Nesse aspecto, a escrita é quase como se fosse a escrita de um diário. Mas de um diário não cronológico, fora do tempo. Ou em um tempo aiônico, tempo do acontecimento, como comenta Deleuze. Aqui são apresentados acontecimentos e pensa-se neles e sobre eles. Foi esse meu exercício.

É também uma tese “terapêutica”, se quisermos pensar a filosofia com Foucault, ou mesmo uma “clínica”, para falar como Deleuze. Através da escrita, experimentam-se possibilidades, formas de ser e de sentir, de produzir-se a si mesmo. A pesquisa e a escrita da tese, embora atividades

acadêmicas, não podem estar separadas da vida. Não podem perder o sangue e a vida. Essa escrita é fluxo, como é fluxo o sangue que corre nas veias.

Para garantir no texto a vivacidade destes fluxos, escolhi compor fragmentos, que são atravessados uns pelos outros. Um texto tecido de muitas vozes. Vozes de mulheres como Maria Lacerda, Estamira, mas também de Vera, Lúcia, Inaida, Aline. E vozes de autores que escolhi para dialogar com os acontecimentos que aqui figuram e fulguram.

Exercício de vida, essa escrita.

Maria Lacerda de Moura e o feminismo menor

A minha saudação

Aos que me insultaram, agrediram, calunniaram hontem; aos que me injuriaram, aggridem, calumniam hoje; aos que vão me offender, atacar, agredir, calumniar amanhã

Não costumo responder aos ataques da imprensa. Nunca respondi, e não pretendo responder aos insultos, ás provocações, ás calumnias com que buscam me visar, através da independência com a qual defendo as minhas verdades interiores, injurias que não me atingem.

Ou melhor: enquanto eu estiver no goso das minhas faculdades mentaes e dentro do equilíbrio das idéas em harmonia com o meu caracter; enquanto a minha consciência for o meu único juiz, a benção de luz da minha vida interior – a resposta ao despeito, ao fanatismo, ao sectarismo, ás injurias, ás calumnias, será continuar a pensar e a viver nobremente a coragem excepcional de dizer, bem alto, o que penso, o que sinto, o que sonho, embora toda a covardia do rebanho humano apesar dos escribas e phariseus da moral social.

As criaturas, eu nunca as alvejei pessoalmente nos meus escriptos. Os factos e os seres, delles me sirvo como pretexto para ensaios em torno do problema humano, sob o ponto de vista do meu individualismo, ou “vontade de harmonia”, para estudar a psychologia dos homens e das mulheres atrellados ao côche da vida social, para analysar, para escalpellar, para philosophar antes as dores do mundo que fez da vida, tão bella, a perversidade moral, legalmente organizada.

Chovam-me sapos de toda parte: eu os comerei sem repugnancia, com immenso prazer, que os sonhos me saltam da penna, e das mãos, já não cabem no coração a transbordar de Amor para toda essa pobre Humanidade cega de inconsciencia, de fanatismo, de ignorancia, em uma palavra, cega de ambição, e da “vontade de poder”. Não me defendo, nem accuso. Nem aceito D. Quixotes. O protesto público de solidariedade de dois ou tres amigos verdadeiros, não é a attitude humilhante da defeza: sou um individuo e não uma “dama”.

Uma só arma existe bastante forte, fundida no cadinho das verdades cósmicas, uma única apara e resiste aos golpes das aggressões, das ignomínias: é o Amor, é a piedade com que olhamos os desatinos de o todo gênero humano, arrebatando no torvelinho louco da civilização industrializada.

Não jogo as mesmas armas ou os mesmos processos por crime de injurias contra os meus inimigos de idéas: armas á minha disposição, atiro-as com desprezo aos pés dos moralistas ou dos duellistas fanaticamente patriotas, que dellas melhor se sabem servir.

Injurias e calumnias não se pagam com dinheiro, nem se resgatam com palavras offensivas, nem se lavam com sangue. A minha concepção da dignidade humana é outra. As minhas armas são os meus sonhos, é a minha vida subjectiva, é a minha consciência, a minha liberdade ethica, é essa harmonia que canta dentro de mim, e toda a minha lealdade para commigo mesma; e eu não maculo a minha riqueza de vida, o meu thesouro interior, envolvendo-o na mesquinhez e na perversidade das leis dos homens ou misturando-o com dinheiro, essa cousa horrível que corrompe as consciências mais convencidas da sua fortaleza inexpugnável, e as escravisa, acorrentando-as à gehenna do industrialismo, as chocar-se umas contra as outras na engrenagem sórdida da exploração do homem pelo homem. (MOURA, Maria Lacerda de. A minha saudação. O Combate, São Paulo, n. 4824, p. 1, 27/09/1928).

Neste trecho citado Maria Lacerda descreve a sua própria resistência, que estava marcada em seu corpo, ela era contra todo e qualquer fascismo cotidiano, nos inúmeros artigos que escreveu, foi contrária às guerras. Isto por que, fazer a guerra até os séculos XVII e XVIII, era uma profissão voluntária. Com a implantação do serviço militar obrigatório, após este período, o recrutamento militar

dava lugar também a uma série de resistências, de recusas, de deserções. As deserções eram práticas absolutamente correntes em todos os exércitos dos séculos XVII e do século XVIII. Mas a partir do momento em que fazer a guerra, para todo o cidadão de um país, se tornou não simplesmente uma profissão, nem mesmo uma lei geral, mas ser soldado virou uma questão ética, um comportamento de bom cidadão, uma conduta política, uma conduta moral, um sacrifício, uma dedicação à causa comum e a salvação comum, a questão mudou completamente.

Segundo Foucault, a conduta implica em conduzir os outros, mas também a si mesmo:

“A conduta é a atividade que consiste em conduzir, a condução, se vocês quiserem, mas também a maneira como uma pessoa se conduz, a maneira como se deixa conduzir, a maneira como é conduzida, afinal de contas, ela se comporta sob o efeito de uma conduta que seria ato de conduta ou de condução. Conduta das almas condução, essa noção de conduta, com o campo que ela abarca, é sem dúvida um dos elementos fundamentais introduzidos pelo pastorado cristão na sociedade ocidental” (FOUCAULT, 2008:253).

Uma conduta sob a direção de uma consciência pública, sob a condição de uma autoridade pública, no âmbito de uma disciplina bem precisa a partir do momento em que ser soldado não foi mais um destino ou uma profissão, mas uma conduta, uma conduta política. Ai é que vemos se somar a velha deserção – infração e outra forma de deserção que (FOUCAULT, 2008:261) denominou “deserção-insubmissão” recusar-se a exercer o ofício da guerra ou passar durante certo tempo por essa profissão e por essa atividade; a recusa a empunhar as armas; a recusa à educação física; a recusa aos valores apresentados pela sociedade; a recusa de certa relação considerada obrigatória com a nação e a salvação da nação; a recusa do sistema político efetivo dessa nação e a recusa com relação a morte dos outros ou da sua própria morte. Tudo isso como parte do que Foucault denominou de deserção insubmissão, ou seja, de um movimento de contraconduta moral. Temos aí o aparecimento de um fenômeno de resistência de conduta que já não tem de modo algum a forma da velha deserção ou certa analogia em determinados fenômenos de resistência de conduta religiosa que tivemos na idade média.

Maria Lacerda de Moura problematiza o recrutamento das pessoas para servirem aos exércitos nas guerras, quando afirma, “porque, si para as trincheiras, é feita a seleção às avessas e são escolhidos os fortes e jovens, para os serviços militares da retaguarda, nas próximas guerras de extermínio, serão todos aproveitados, homens, mulheres, velhos, enfermos e crianças” (MOURA, 1933: 6).

Na obra *Serviço Militar Obrigatório para a Mulher Recuso-me! Denuncio!* Maria Lacerda descreve uma entrevista que ocorreu em 12 de dezembro de 1932, no banquete oferecido ao general Góes Monteiro, que na época era Ministro da Guerra. O herói do dia, Góes Monteiro, se refere a famosa entrevista de Mussolini a Ludwig que diz “A organização militar é uma síntese da organização

nacional. Sem nação organizada e disciplinada não pode haver exército. Sem exército não pode haver soberania. Sem soberania, não há Estado” (MOURA, 1933:7). Além disso, o general Góes Monteiro acrescenta que a tendência da constituição política brasileira deve orientar-se incessantemente para a unidade total, política, social, moral, jurídica, econômica e espiritual. É a disciplina, a que se refere Mussolini: “a ação integralista” e mais, acrescenta o General Góes Monteiro: “toda a liberdade concedida contra os interesses do Estado será um foco onde podem brotar germes perigosos. Toda a liberdade para fortalecer a segurança do Estado é um bem para a coletividade que deve viver sob permanente equilíbrio social, o que só a justiça incorruptível alcançará, guiada pelos sentidos de nossas realidades e necessidade” (O Estado de São Paulo 13-12-32).

Conforme Maria Lacerda de Moura (1933:7), “a concepção fascista de Estado que é a de a de um ser com direito a tudo, de origem divina. O indivíduo é absorvido pelo Estado: é apenas número, elemento material humano”.

Dessa forma, “A independência individual está sendo substituída pela concepção de uma consciência coletiva”. Todavia, pergunta-se: “Mas, que é consciência coletiva? É – a consciência dos chefes de Estado” (MOURA, 1933:8). Coincide, com essa concepção, o discurso do general Mariante, o qual era Ministro do Supremo Tribunal Militar saudando o general Góes Monteiro na referida homenagem durante o almoço no Automóvel Clube do Rio. “É a alta administração, sobre cujos ombros deve pesar o funcionamento dos demais órgãos constitutivos do corpo nacional, que determina a execução de atos de violência. Não compete ao Exército discutir se tais atos são, ou, não são justos. Cumpre-lhes enfrentar corajosamente a luta, irrigar o solo com o seu sangue, procurar triunfar sob o adversário com o máximo de honra e integridade de brios” (O Estado de São Paulo – 13 de dezembro de 1932).

A saudação do general Mariante ao general Góes Monteiro é claramente inspirada em Mussolini e, portanto, de forte concepção fascista. Neste lastro, Maria Lacerda fala que caminhamos para o fascismo tragicômico; “Já temos uma polícia especializada, já temos a carta del lavoro e o ministério policial do trabalho. Vamos ter o voto obrigatório para homens e mulheres. Teremos o serviço militar obrigatório total, isto é para ambos os sexos” (MOURA, 1933:9).

Como vimos anteriormente, é nesse contexto que Maria Lacerda critica o serviço militar obrigatório, antevendo que ele logo seria estendido para as mulheres, pois o Estado fascista quer abarcar a todos os indivíduos. No contexto dessa formação militarista que se era pensada pelo Estado brasileiro de então, as mulheres teriam seu papel a desempenhar, como mães e professoras.

Nesta perspectiva, as mulheres entram em cena. Como elas se tornariam o que foram? E por que atuariam com tanta disponibilidade na formação dos pequenos?

Nas ruas de São Paulo na década de 30, no Brasil, os jovens que não se alistavam, ou seja, os que desertavam, eram chamados de covardes por algumas mulheres. Segundo (MOURA,1933:17), nas ruas, muitas mulheres da alta burguesia reivindicavam que os homens fossem para a guerra . Foram diversas senhoras da alta burguesia que, aos homens não fardados davam, na rua, um bilhete nesses termos: “Vistas saias”. “Seja homem”. “Covarde” e outros mais exigentes. Também, houve damas que esbofeteavam oficiais de polícia, em plena rua, gritando “traidor”! Outras diziam: “quando morrerem os homens, iremos nós”. Contudo, era mais doloroso quando as mães e as professoras mobilizavam as paradas infantis com os estandartes: “se for preciso, também nós iremos”. Segundo Maria Lacerda, nas escolas paulistas, as professoras continuavam a “educação” militar e guerreira dos pequeninos paulistas para uma revanche contra os seus próprios irmãos brasileiros.

Por conseguinte fica claro o trabalho educacional e moral realizado por mulheres, professoras e mães, sobre o corpo de crianças e jovens, na tentativa de conduzi-los à participação no Estado, ensinando-os a guerrear. Maria Lacerda de Moura questiona então essa necessidade das mulheres em servir, servir a família sendo dona-de-casa, mãe, esposa, servir a pátria sendo enfermeira, professora, cientista. Servir a qualquer coisa. Segundo Moura, uma grande amiga costuma dizer-lhe: "sempre estive a serviço".

Moura (1932), não só diz que a civilização fez do homem e da mulher duas raças sociais que se digladiam amorosa e ferozmente, mas também que a mulher imita o homem e defende a ordem social construída. Porque a inteligência de Estado está a serviço da industrialização de tudo, inclusive do amor e das consciências. Logo Maria Lacerda de Moura não compactuava com esse tipo de vida servil propiciada pelos exércitos promotores de guerras.

Todavia, esse movimento no pensamento estava relacionado com um escapar da tirania do fascismo cotidiano de tentar desejar conduzir a conduta dos outros, ditar para o outro o que fazer, como ser e o que pensar. Pois “sem pátria, sem fronteiras, sem família e sem religião. Afirmando a humanidade, tenho que negar a cidade. Fora da lei: recuso os direitos de cidadania. O Estado como a igreja, é de origem divina. Patriotismo, nacionalismo, fronteira, pavilhão nacional são corolários. Ídolos vorazes, os deuses dos exércitos e dos autos de fé exigem vítimas em massa. “A minha família sou eu quem a escolhe, a lei impede o direito de escolha e os costumes solidificam as leis”. A lei nada tem a ver com as minhas predileções afetivas" (MOURA, 1933: 5).

Por conseguinte, recuso-me, não para fazer oposição, mas porque é impossível compactuar com

qualquer processo de produção de uma vida fascista não só naqueles dias de Maria Lacerda de Moura como também nos dias de hoje. Existe fascismo hoje? Sim! Disfarçado e o oficializado, forte e atuante nas políticas de Estado.

Resistência

“Como compactuar com o canibalismo desta sociedade de vampiros a sugar todo o esforço humano, cuja preocupação absorvente é inventar meios policiais de repressão? Pois a coragem heroica da resistência, é criar meios científicos e empregá-los legalmente na técnica da maldade oficializada. A nossa divisa é um postulado de humanidade: nem carne feminina para os prostíbulos, nem carne masculina para as bocas dos canhões” (MOURA, 1933:11).

Foi este combate que Maria Lacerda de Moura traçou, quando viveu, pensou na não-violência e na deserção como outras maneiras de agir e de resistir. Enquanto hoje, muitos compactuam com uma vida fascista, outros têm a possibilidade de não compactuar e proliferar discursos que incentivam formas de vida violenta, muitas vezes divulgada pela mídia, pela escola e pela internet.

Escrevo como uma educadora que busca fazer da educação, das crianças, outra coisa. Não fazer da educação o que vemos nas escolas, nas ruas, mas buscar junto com as crianças, sendo meninas e meninos, outra forma de se relacionar consigo mesmos e de olhar para a vida que se tem.

Afirmava Maria Lacerda que as guerras, que causam muito sofrimento a tantas pessoas, deveriam ser vistas como algo que precisa cessar. Como também, as ações e práticas das professoras que podem, em sua ingenuidade ou ignorância, produzir estruturas de pensamentos fascistas em crianças e jovens.

Estar atento torna-se, então, uma exigência, para não fazer o mesmo que muitas mulheres fizeram durante a Segunda Guerra Mundial, no Brasil. Hoje, as formas de dizer algo sobre o outro, de afirmar o que o outro é está também muito próximo de produzir guerrilhas entre as pessoas, seja por promover competições e jogos entre as crianças que separam meninas e meninos. Competições que criam disputas para saber quem é o melhor. Ou seja, até mesmo compactuar com práticas de medicalização da vida, em que as crianças são medicadas por não prestar atenção ao que está sendo dito em sala de aula pela professora. Sendo assim, é urgente pensar outra educação, uma educação que não quer compactuar com essa violência e esse autoritarismo, ainda arraigado em muitas práticas das professoras, práticas que desejam conduzir a conduta do outro. Para isso, talvez busca-se ouvir de

outras formas, silenciar um pouco para escapar de classificações e rotulações que vem sendo impostas para as crianças.

E as mulheres, falo aqui das professoras, necessitam traçar linhas de fuga, inventar junto com as crianças, sejam meninas ou meninos, formas de viver que não sejam tao separatistas. Acreditar na coeducação dos sexos, educar junto e não separados, não separar, mas sim juntar para afirmar um jeito de estar junto que não seja para guerrear, acusar, julgar e eliminar.

Pensar a infância como um encontro com o outro, com uma novidade, pensar na impossibilidade como forma de educar. Se colocar na disposição de ouvir o que as crianças dizem, sem pretensões ou fórmulas prontas, para recebê-las. É traçar na diferença um plano de consistência que abra passagens para afirmar o que não está dado, o que ainda não foi pensado, para fugir da servidão que aprisiona a experiência. Pois “a experiência da criança como um encontro é atenção a presença enigmática da infância, a esses seres estranhos dos quais nada se sabe e a esses “seres selvagens” que não entendem nossa língua (LARROSA, 2010:186).

Maria Lacerda de Moura criou outras práticas em relação ao feminismo. Segundo Rago (2004), a autora escreve inúmeros artigos e livros de crítica contundente à moral sexual burguesa, alinhando-se como os anarquistas e radicalizando a denúncia da opressão sexista sobre as mulheres pobres e ricas. Temas dificilmente discutidos por mulheres em sua época, como educação sexual dos jovens, virgindade, amor livre, direito ao prazer sexual, divórcio, maternidade consciente e prostituição. Maria Lacerda problematiza algumas *conquistas* do feminismo, como sendo *conquistas* que foram capturadas pelo Estado e pela sociedade de consumo.

A palavra "feminismo", de significação elástica, deturpada, corrompida, mal interpretada, já não diz nada das reivindicações feministas. Resvalou para o ridículo, numa concepção vaga, adaptada incondicionalmente a tudo quanto se refere à mulher. Em qualquer gazela, a cada passo, vemos a expressão "vitórias do feminismo" – referente, às vezes, a uma simples questão de modas! Ocupar uma posição de destaque em qualquer repartição pública, cortar os cabelos "à la garçonne", viajar só, estudar em academias, publicar um livro de versos, ser "diseuse", divorciar-se três ou quatro vezes, pelas colunas do "Para Todos", atravessar a nado o Canal da Mancha, ser campeã de qualquer esporte. – tudo isso consiste "nas vitórias do feminismo", vitórias que nada significam perante o problema da emancipação integral da mulher (MOURA, 1932:32).

Dessa foram, a autora questiona a significação elástica do feminismo, deturpada e mal interpretada. Deturpada, porque algumas mulheres buscavam *consumir* e *competir* sob a ótica da ordem estabelecida, para buscar a emancipação. Porque, segundo aquelas mulheres estar na moda é adaptar-se. Quando em 1930, a publicidade anunciava para as mulheres a criação de diversos aparelhos eletrodomésticos, como aspirador de pó, dentre outros, visava reforçar a imagem da mulher “*dona de*

casa”. Assim “os patrocinadores procuram, principalmente, captar consumidoras potenciais, guiar seus gostos e suas compras” (PERROUT, 1987: 5). Essa forma de agir não pode significar a emancipação integral da mulher.

Para Maria Lacerda de Moura, a mulher sob o ponto de vista da lógica do capitalismo é mais uma fonte de energia a ser explorada. “As inúmeras necessidades lançadas na vida pela civilização industrial, atiraram também a mulher ao balcão do trabalho absorvente” (MOURA, 1932:48). Assim a escravidão, a do lar e a da maternidade imposta, veio juntar-se a outra escravidão, a do salário. Novas formidáveis lutas, a luta da competição entre os sexos sob ponto de vista econômico e social. A competição entre os sexos como força no capitalismo fez revigorar a *escravidão*² pelo salário. E nessa tutela, em nome da reivindicação de seus direitos, em nome de ídolos, pátria, lar, família, sociedade, religião, moral, bons costumes, direitos políticos e sociais que a mulher continua a ser *escrava*, para fins sectaristas, econômicos, religiosos, políticos ou sociais.

“As feministas têm feito grandes conquistas na defesa dos direitos da mulher contra a exploração e a dominação, mas só trabalham o visível (o terceiro movimento do desejo), sendo essas conquistas, macropolíticas” (ROLNIK, 1989:211). Gilles Deleuze propõe pensar o micro como potência para a criação de novos processos de subjetivação.

“Com a condição de não entendermos ‘micro’ como uma simples miniaturização das formas visíveis ou enunciáveis, mas como um outro domínio, um novo tipo de relações, uma dimensão de pensamento irreduzível ao saber: ligações móveis e não-localizáveis” (DELEUZE, 2006:82).

Suely Rolnik (1989) comenta que no plano do invisível, as feministas vivem umas arrumações enlouquecedoras e se defendem disso, formando uma verdadeira *liga de senhoras ressentidas*, espécie de máfia de mulheres, unidas pela síndrome da carência, que as faz interpretar a sua dor de desterritorialização³ como “falta” provocada pela safadeza dos homens. Sendo assim, para defender seus direitos, as mulheres estão tendo que se unir em torno de um território vivido e

² Termo utilizado pela autora para denunciar as opressões que as mulheres e os homens sofriam devido ao avanço da civilização industrial do início do século XX no Brasil.

³ “A desterritorialização é o movimento pelo qual se deixa o território [*on’ quite le territoire*]” DELEUZE e GUATTARI (1997, p. 634). Dito em outras palavras, a desterritorialização desfaz o que uma territorialização anterior fez. Ela constitui assim uma noção crítica por excelência, constantemente subjacente, para nos atermos a um mesmo registro, a programas como: “desedipianizar o inconsciente” DELEUZE e GUATTARI (1997:97). A desterritorialização é um processo que libera um conteúdo (multiplicidade ou fluxo) de todo código (forma, função ou significação), e o faz correr sobre uma linha de fuga. Há também a desterritorialização “negativa” é a que é “recoberta por um reterritorialização que a compensa tão bem que a linha de fuga fica obstruída.

defendido como sendo a cartografia de sua liberação. Essa cartografia é a dos homens, único modelo de trabalhador livre de que dispõem as mulheres, para se identificar e competir no mercado, onde sofrem discriminação.

Em sua obra, *Amai e não vos multipliqueis* (1932), Maria Lacerda de Moura propõe outro modo de vida. Não propõe um programa para a vida da mulher dentro da lógica do sistema capitalista burguês, a partir da macropolítica “Do que vale a minha emancipação econômica pelo trabalho, se continuo a explorar torpemente o serviço de minha própria irmã?” (MOURA, 1932:32). Aqui a autora discute a questão das reivindicações no plano de uma macropolítica que já está dada.

O que interessa é lutar por uma *micropolítica*, construída cotidianamente com mulheres, gays, lésbicas, homens, crianças etc. Enfim, uma micropolítica⁴ engajada, na perspectiva da diferença, para que as mulheres possam criar novas formas de se relacionar consigo mesma e com os outros.

“A reivindicação individual de si mesma, o direito a ser dona do próprio corpo de que, da sua vontade, de seus desejos, da expansão, para viver a vida em toda a plenitude das suas possibilidades latentes, para aprender a ser livre e a libertar-se das próprias cadeias dos instintos inferiores e absorventes” (MOURA, 1932:51).

Nessa perspectiva, a partir dessas questões, diversos grupos e sociabilidades questionavam o problema da submissão feminina e da ordem social estabelecida. Em especial, o movimento anarquista no Brasil, no início do século XX, criava diversas formas de sociabilidades. Pode-se dizer que essas formas de sociabilidades, criadas pelos grupos anarquistas, diferem de outras práticas educativas e sociais. Práticas como a imprensa livre, financiada pelos livres pensadores. Ou seja, homens e mulheres decidiam o que fazer de suas vidas, tanto que mulheres e homens escreviam artigos, textos, poesias para esses jornais.

No início do século XX, mais especificamente entre 1902 e 1920, predominavam no movimento operário sindical brasileiro as propostas educativas dos libertários (MANFREDI, 1996: 4). Eram propostas de resistência ao estabelecido pela educação oficial. Pois no ideário dos anarquistas a educação sempre ocupou um papel de destaque: conscientização e transformação da sociedade, sendo responsável por “novas mentalidades e ideais revolucionários” (Magnani, 1982: 94-107).

Pois “no Brasil, o projeto educativo dos libertários eixou-se em três dimensões que se articulavam entre si: a educação político sindical, a educação escolar e as práticas culturais de massa (Manfredi. 1996: 24)”.

⁴ Toda a problemática micropolítica constituiria, exatamente, em tentar agenciar os processos de singularidade no próprio nível de onde eles emergem (GUATTARI, 1986:130).

Os anarquistas criavam escolas na perceptiva teórico-metodológica do educador espanhol Francisco Ferrer, que foi um pensador catalão anarquista criador da Escola Moderna em 1901, projeto prático de pedagogia libertária, que propunha o princípio da coeducação. As Escolas Modernas eram uma iniciativa autônoma, diferiam das iniciativas oficiais da Igreja e do Estado.

Na educação oficial, os meninos eram educados separados das meninas, entretanto, na educação libertária os meninos e meninas eram educados juntos em uma mesma sala de aula e não separados. Enfim, produziam múltiplos modos e práticas de vida, que escapavam de hierarquias fixas e determinadas. Assim, na educação libertária havia o questionamento de todas as formas de opressão e de cerceamento da liberdade e divulgavam a coeducação.

Outro fato marcante no período foi a criação da Universidade Popular, fundada em 20 de março de 1904, no Rio de Janeiro, uma iniciativa dos grupos anarcosindicalistas e dos socialistas. Os “objetivos eram ministrar o ensino superior positivo, científico e filosófico ao proletariado, contrapondo-se a visão dogmática e religiosa da ideologia dominante” (Manfredi, 1996: 25).

Da mesma forma, Manfredi (1996), ressalta o caráter globalizante, sua diversificação, abarcando ao mesmo tempo aspectos culturais, educativos e literários, a complementaridade entre as atividades e práticas mais espontâneas com atividades planejadas. Caracterizava-se como um projeto de emancipação da classe operária.

Maria Lacerda de Moura, ao compartilhar ideias com os libertários, produz um desvio no pensamento fixo, ao pensar os aspectos da educação das crianças na perspectiva libertária. “As prisões fazem criminosas”. Segundo (MOURA, 2005:106) a cadeia humilha. Ali explodem degenerescências. Para as crianças – somente casas de educação e nunca a chibata, a prisão, o trabalho forçado ou o tribunal. Sendo assim, é preciso traçar linhas de fuga para escapar dos fascismos cotidianos criados por instituições que reforçam práticas autoritárias.

Maria Lacerda de Moura foi uma crítica da moral sexual burguesa, que impõe aos indivíduos o casamento monogâmico, como único modo de vida. Em sua ótica, o casamento monogâmico é fruto da sociedade capitalista, pois é realizado na instituição clerical, que fortifica a instituição familiar, que contribui para tornar a mulher escrava e submissa dessas forças. O casamento funciona com um contrato, em que ambas as partes devem fazer a *renúncia de si*⁵, característica do pensamento cristão.

Na concepção de Michel Foucault (1999), o dispositivo da sexualidade opera da mesma forma que a técnica da *confissão*, na qual os indivíduos são obrigados a dizer a verdade sobre si e seu sexo.

⁵ A renúncia de si, na concepção cristã, concerne à mortificação completa da vontade, sendo que “não haja outra vontade senão a de não ter vontade” (Foucault, 2004:181).

Nesse caso, confessa-se ou se é forçado a confessar. Essa técnica desempenhou um papel importante nas instituições religiosas e penais na idade média. No cristianismo, religião de salvação, que impõe um conjunto de condições e regras de conduta para os indivíduos, o tema da renúncia da carne estava ligado à confissão do monge ao abade, através do qual o monge confia ao abade todos os pensamentos que lhe ocupam a mente.

É preciso renunciar à carne e confessar qualquer tipo de pensamento para estar a salvo. Da mesma forma, acontece em alguns casamentos onde os desejos que escapam da relação eu tu devem ser confessados e renunciados. Ou seja, o desejo é aprisionado pelo casal. Mas o desejo quer proliferar agenciamentos e conexões entre os corpos e não pode ficar preso no “eu tu”. Segundo Margareth Chillimi (2003), o encontro preso na relação “eu tu” impede a experimentação amorosa que se faz ao mesmo tempo, em que o plano de intensidades constitui. O desejo se move e se reproduz como um rizoma. O que ocorre no encontro são ressonâncias em diferenças, e não identificações. Daí, a possibilidade de experimentar diferenças na modalidade amorosa e conectar amor e alegria.

Maria Lacerda conviveu, no século XX, com vários ideários: o ideário oficial do Estado fascista, ideário do fascismo, o ideário liberal, o ideário católico, o ideário dos comunistas e o ideário dos libertários. Mas a predominância era o ideário de uma sociedade conservadora, com forte influência da Igreja Católica, que foi muito tempo aliada do Estado, durante o período colonial e no império, com reflexos na vida social da maioria.

Entretanto, Maria Lacerda posiciona-se de forma diferente dos ideários dominantes daquela sociedade. Se lá, os relacionamentos eram impositivos, Maria Lacerda aponta para as relações conforme a vontade e a liberdade individual, onde ambos poderiam exercer a sexualidade livremente. Assim ela compõe o que denomina de *amor livre*, sem que haja culpa, traição, ou renúncia de si, características herdadas do cristianismo. Pois o amor não é prisão e sim liberdade. “Deixem o amor livre, absolutamente livre. A solução só pode ser individual. Cada qual ama como pode” (MOURA, 1934:132). O pensamento proliferado pelas mulheres livres da Espanha, afirma a liberdade em *elogio do amor livre*.

Quero amar no extenso “além” que não fecha nenhum muro, nem limita nenhum egoísmo. Meu coração é uma rosa de carne. Em cada folha há uma ternura e uma ansiedade. Não mutile. Tenho asas para ascender pelas regiões da pesquisa e do trabalho. Não as cortes! Tenho as mãos como plantas abertas para recolher moedas incontáveis de carícias. Não as corte. (Extraído do folheto de Amparo Poch y Gascón – La vida sexual de la Mujer – Puberdade, noviazgo y matrimonio, cuadernos de cultura, LVI, Valencia, 193, p.23-33). 40-41 (Trecho extraído de RAGO & BIAJOLI, 2008).

Ou seja, ao invés de resistir aos movimentos e se apegar às identidades que definem o que é e

como deve ser o amor, inventar um corpo intensivo capaz de acompanhar, acolher e criar formas de existência, fiéis ao desejo que se mexe, desloca, desvia e se produz feito um rizoma (CHILLEMI: 2003:51).

Além disso, para Maria Lacerda de Moura (1926) há uma profunda e indissociável relação entre o amor e a maternidade consciente. Pois a mulher é dona do seu próprio corpo e pode escolher e não “impor filhos, impor a maternidade não desejada”. Também, Moura (1924) defende o controle reprodutivo na medida em que a mulher possa decidir sobre seu próprio corpo: “menos mortalidade infantil, mais amor de mãe (em lugar de acréscimo de população)”.

Sabe-se que esta questão estava ligada com o problema do militarismo no Brasil. “A mulher cultiva a sua própria ignorância, a fazer filhos até se esgotar e a entregá-los estupidamente à Pátria que, por sua vez os dará às goelas dos canhões – para abarrotar os cofres fortes de todos os césaes do poder e do dólar” (MOURA, 1933:66). Nessa passagem, a autora questiona a atitude autoritária de algumas mulheres burguesas que exigiam que os homens fossem para lutar na segunda guerra mundial.

Foram diversas senhoras da alta burguesia que andavam na rua davam aos homens não fardados um bilhetinho nesses termos. “Vistas saias. Seja homem. Covarde!”, e outros mais exigentes. Houve damas que esbofeteavam oficiais de polícia em plena rua gritando “Traidor! Outras diziam: Quando morrerem os homens iremos nós” (MOURA, 1933:25).

Maria Lacerda questiona o fato de a mulher entrar para a política, para a polícia e para o exército para se igualar ao homem, exigindo direitos e deveres iguais, exigindo a igualdade a partir de uma macropolítica construída tendo como base a *carnificina humana*⁶. Sabe-se que muitas dessas mulheres que apoiavam as guerras e ajudavam na fabricação de bombas eram enfermeiras da cruz vermelha, outras eram mulheres burguesas da alta sociedade, as quais praticavam a caridade, como pretexto para ocupar um lugar de destaque na sociedade, as *socialites*. “A caridade humilha, desfibra a quem dá e a quem recebe” (MOURA, 1932:70).

Para isso é urgente problematizar esse modelo majoritário de mulher que foi construído historicamente. Esse modelo maior não contempla outras formas de vida. Nesse modelo majoritário, a vida é preenchida o tempo inteiro por qualquer coisa, como caridade, papéis fixos, confissões, medicamentos, livros de autoajuda, falta de homens, terapias. Adicionalmente a isso, pode-se dizer “*as pessoas não param de se exprimir. Os casais malditos são aqueles em que a mulher não pode estar distraída ou cansada sem que o homem diga: o que você tem? Fala*” (DELEUZE, 1992:161). Pois o

⁶ Conceito explorado pela autora na obra, Serviço Obrigatório para a Mulher, Recuso-me! e Denuncio! (1933)

rádio e a televisão fizeram o casal transbordar e estamos trespassados de palavras inúteis, de uma quantidade demente de falas e imagens. A besteira nunca é muda ou cega, pois o problema não é fazer como que as pessoas se exprimam, mas arranjar-lhe vacúolos de solidão e de silêncio, a partir dos quais elas teriam, enfim algo a dizer.

Diante dessa incitação à fala, às terapias, idas ao médico, temos a medicalização da existência, uma vida que para ser vivida precisa sempre de algo. Tendo uma vida preenchida, algumas mulheres reivindicam uma suposta igualdade ou superioridade em relação aos homens, reforçando hierarquias construídas historicamente.

Pode-se dizer que essa construção histórica define a mulher na perspectiva identitária e masculinizada. Para isso, é preciso lutar por uma micropolítica na perspectiva da diferença, “a diferença interna à própria coisa”, o “diferenciar-se em si da coisa”⁷.

A questão não é ser igual ao homem, mas sim afirmar a diferença, produzir um devir que escape de qualquer classificação seja ela qual for. “Devir é algo como algo que não tem estado final, não projeta uma identidade. Devir como um estado de variação”. (NIETZSCHE, 2008: 358), Devir é rizoma, é contágio (DELEUZE e GUATTARI, 1997:19).

Essa micropolítica potencializa uma política da multiplicidade em relação ao feminismo quando propõe:

Processos de subjetivação heterogêneos, de subjetivação em devir múltiplo, a um devir monstro, uma atualização dos mil sexos moleculares, de infinita monstruosidade que a alma humana encobre: lésbicas, transexuais, transgêneros, mulheres de cor, gays (LAZZARATTO, 2006:209).

Para Lauretis (1999), os conceitos de gênero e de diferença entre os sexos do primeiro feminismo construídos pela lógica da demonstração da igualdade, não são mais suficientes. As teorias pós-estruturalistas ajudam a desconstruir essas posições fixas que hierarquizam os sexos. Segundo Perrot (1995), dado que a diferença entre os sexos é uma construção, pode-se, assim, desconstruí-la, em todos os níveis, como teorias e práticas, representações e fatos materiais, palavras e coisas.

As feministas na perspectiva pós-identitária problematizam a construção de uma

⁷ Assim, “em vez de uma coisa que se distingue de outra, imaginemos algo que se distingue – e, todavia, aquilo de que ele se distingue não se distingue dele. O relâmpago, por exemplo, distingue-se do céu negro, mas deve acompanhá-lo, como se ele se distinguisse daquilo que não se distingue dele” (Deleuze, 1988, p. 63).

pertença que não seja identitária, mas sim um engajamento no plano do devir. Então, por que não levar adiante um modelo minoritário de mulher que não esteja atrelado a esse modelo majoritário, ou seja, criar uma educação menor⁸?

“É preciso que as mulheres se engajem em uma multiplicidade de devires mulher” (LAZARATO: 2006:215). Nesta óptica, é fundamental escapar desse princípio majoritário de mulher, como é o caso da vida de mulheres, que é frequentemente mostrada em novelas. Nessa perspectiva, a vida já está dada, e historicamente fixada na lógica identitária.

Passamos, então, a perceber o deslocamento que se operava de uma forma de pensamento “arborescente”, “pivotante”, com diz Deleuze, fundado no privilégio do sujeito e, portanto, construído a partir da lógica da identidade, para as possibilidades de um pensamento relacional e diferencial, ou “rizomático”. Trata-se, nessa referência, de perceber que as subjetividades são históricas e não naturais que os sujeitos estão nos pontos de chegada e não de partida como acreditávamos então; e ainda, que as conexões podem ser estabelecidas entre campos, áreas, dimensões sem necessidade exterior pré-determinada. Mulher e Homem, Criança, ou Trabalhadora, Prostituta, Louca, nesse sentido, deveriam deixar de ser pensados como naturezas biologicamente determinadas, aspecto que se observa em todas as outras construções de identidade. A própria noção de identidade era historicizada e questionada juntamente com a ilusão da interioridade e da essência que a informava (RAGO, 1998:91).

Ao remeter a essas concepções fundamenta-se a importância de não caber nesse modelo majoritário de mulher constituído sob a lógica identitária. “Não há mais um sujeito único, fundante que é idêntico a ele mesmo. A subjetividade é esfacelada. A identidade da mulher se esvai pelo vento como a essência feminina (ligada à passividade)” (WALLERSTEINS, 2004:5). E sim, traçar os processos de subjetivação como movimentos, criações híbridas, fluxos. “As relações que devemos estabelecer conosco mesmos não são relações de identidade, elas devem ser, antes, relações de diferenciação, de criação, de inovação” (FOUCAULT, 2004: 269).

Diante dessas concepções, faz-se necessário apontar outros feminismos, na perspectiva da diferença. Propor pensar o feminismo como pensamento da diferença.

O pensamento feminista como pensamento da diferença é, sobretudo, uma aposta política. Uma aposta na mudança, na dissolução de diferenças rotuladas pelo *mesmo*. A ligação do feminismo com movimentos ecologistas vem mostrando que, longe de ser um movimento ou discurso ressentido, é um movimento inclusivo. Não acontece uma guerra pela supremacia da identidade feminina. Há uma sim, uma batalha pelo fim das identidades rígidas. O feminismo não é uma guerra das mulheres pelas mulheres. Talvez o feminismo, enquanto movimento e pensamento da diferença seja uma luta por um mundo onde ser homem ou mulher não faça diferença alguma. Ser *diferente* e que isso não *faça diferença*: o sonho do feminismo. E isso não

⁸ Silvio Galo (2002), inspirado em Deleuze e Guattari (1977) que pensa uma “literatura menor”, pergunta: “por que não pensamos numa educação menor?” Para Galo (2002) a educação menor é feita na sala de aula, no cotidiano de professores e alunos. Gauthier (2002) também fala da importância do “uso menor da pedagogia”, que “não pode outra coisa que não questionar, às vezes até mesmo à sua revelia” (p.152), “a pedagogia maior”.

quer dizer que o feminismo tente fazer iguais mulheres e homens. Pelo contrário. O feminismo é a luta contra o enfeitamento dos discursos e práticas que nos fazem pensar que há alguma vantagem ser homem ou mulher (WALLERSTEINS, 2004: 2).

O que interessa é traçar linhas de fuga e pensar outras formas de se relacionar, a partir de uma micropolítica, onde homens, mulheres, gays, lésbicas se engajem para criar micropolíticas. Traçar linhas de fuga no plano do devir.

Um devir que se deixa atravessar por outras forças, por outros modos de vida. Compor com outros feminismos. “Traçar linhas de fuga, devires, sem futuro nem passado, sem memória, que resistem à máquina binária, devir mulher que nem é homem nem é mulher, devir animal que nem é bicho nem homem” (DELEUZE E GUATTARI, 1997: 34).

O ato de esvaziar

Esvaziar o quê? Esvaziar o pensamento e as ações para contar e criar outras histórias. Esvaziar não quer dizer negar o que já existe e muito menos querer destruir coisas que já foram ditas, pois a palavra carrega muita força. Segundo Deleuze (1992:217) o importante, talvez, venha a ser criar “vacúolos de não comunicação”, interruptores para escapar ao controle.

Silenciar um pouco já é um começo, quando a gente fala em esvaziar. Silenciar para ter mais clareza no que buscar, no caminho que se faz ao caminhar, todos os dias, por trajetos diferentes. Porque saber que é preciso esvaziar para criar, como uma obra de arte que não quer interpretação ou representação.

Do que se foge?

Falo de mulheres que são vítimas de acidentes mulheres com câncer mulheres lesadas mulheres machucadas mulheres mal amadas mulheres hiperativas mulheres loucas mulheres frígidas mulheres alegres mulheres bem-sucedidas mulheres belas mulheres feias mulheres magras mulheres gordas mulheres mães mulheres solteiras mulheres livres mulheres inteligentes mulheres burras mulheres furiosas e bravas mulheres calmas mulheres putas mulheres santas mulherzinhas mulherão mulheres neuróticas mulheres fortes mulheres guerreiras mulheres machorras mulheres gostosas mulheres canhão, mulheres macho, mulheres infantis mulheres alcoólatras, mulheres vulgares mulheres solitárias mulheres espíritas mulheres freiras mulheres propagandas, mulheres hiper sexualizadas, mulheres felizes, mulheres faladeiras mulheres alcoviteiras, mulheres amadas, mulheres intensas mulheres artistas, mulheres criadoras, mulheres sonhadoras, mulheres românticas mulheres supimpas, mulheres idosas e abandonadas, mulheres descoladas, mulheres costureiras donas de casa mulheres sem casa mulheres de rua mulheres nas ruas mulheres com homem mulheres sem homem mulheres com muitos homens mulheres presas mulheres que fogem de homens mulheres com gays mulheres gays mulheres parecidas com gays gays mulheres mulheres coloridas mulheres muito amadas mulheres maravilhosas mulheres perfeitas mulheres juntas...

Também relato mulheres com braços e pernas quebradas, fora do padrão de beleza estético, que são abandonadas e esquecidas. Para a grande maioria, o que é visto, é somente o problema externo. Por isso mulheres diagnosticadas como depressivas na maioria das vezes são evitadas pela sociedade em geral. Também mulheres com corpos mutilados, são evitadas.

Essas situações conduzem ao medo e ao afastamento. Pois as pessoas ditas normais fogem e se afastam de qualquer tipo de pessoa que tenha algum problema físico ou psicológico. A cobrança em torno do que é ser mulher virou um fardo insuportável para muitas mulheres, que na maioria das vezes, não sabem mais o que querem em relação à vida e ao mundo. Mulheres solteiras querem ficar solteiras, gostam de sair sozinhas e ter liberdade. Algumas optam por não ter filhos, mas a sociedade cobra e exige que elas arrumem um marido e casem com alguém para manter a tradição. Outras querem ter

filhos e não conseguem. Logo se frustram, devido ao fracasso nesta empreitada. Algumas têm muitos filhos: 10 ou mais, talvez, 15 filhos. Como não podem sustentá-los, acabam doando-os para instituições de caridade, e por isso, são tachadas de mães irresponsáveis.

Enquanto isso continua os adjetivos discriminatórios sobre um conjunto significativo de mulheres. O preciosismo da discussão, também se deve à relutância de muitas mulheres em encarar a luta contra a discriminação. Assim a autoestima da mulher ficou ferida. Podemos destacar o filme *As horas*, dirigido por Stephen Daldry, baseado no livro de mesmo título, de Michael Cunningham. Segundo a sinopse do filme, são três épocas, três mulheres, em três histórias, que se mesclam e se transformam pela influência de uma grande obra literária. A primeira é Virgínia Woolf, que vive num subúrbio londrino nos anos 20, lutando contra a insanidade, enquanto começa a escrever seu primeiro grande romance: *A senhora Dalloway*. As outras mulheres, a dona de casa Laura Brown, de Los Angeles, nos anos 40 e a editora Clarissa Vaughan, nos dias de hoje, em Nova York, enfrentam situações diferentes entrelaçadas pelo livro que Virgínia escreveu. O filme mostra que estas mulheres não cabem nas vidas que levam. A dona de casa, que vive nos anos 1950, que está grávida de quatro meses, se depara com um mundo que não é o seu, quando decide sair de casa e vai para um hotel, leva antidepressivos e planeja se matar, mas não consegue, então, volta para casa e decide sair de casa, deixando para trás marido e filhos, pega um ônibus e vai trabalhar em outra cidade. O filho da dona de casa cresce e se torna um poeta, mas com muitos problemas, e na vida adulta torna-se amigo de Clarissa Vaughan, a editora que leva uma vida bem agitada, o poeta que tem aids é muito amigo de Clarissa, mas enfrenta episódios de muita crise e quando está prestes a receber um prêmio, pelas suas poesias ele se joga da janela e antes de se matar ele diz para Clarissa que está vivo somente para satisfazer a ela. Já Virginia Woolf acaba por se matar, se jogando em um rio. Uma frase dela é fazer pensar no movimento do filme quando ela diz que não se acha a paz, evitando a vida.

Mulheres discriminadas pela sociedade e sem os rótulos que a sociedade impõe podem sobreviver? Podem alterar a sua situação de miséria e resistir fazendo lutas emancipatórias? Isoladas e imiscuídas em seus problemas resistem à luta. Sentem-se incapacitadas e só veem os problemas, como um “carma” que devem carregar durante toda a vida.

Para combater a relutância à luta sugiro a *união*. A união de mulheres, mulheres juntas, não criando um Estado de mulheres, mas mulheres junto com as pessoas, junto com as crianças, com homens, com idosas e toda a gente. Não ter medo de gente. Gente não deve ser motivo de medo. Gente não deve espantar gente. O combate é a união. Juntar para combater todo e qualquer tipo de preconceito.

O belíssimo texto *Combater na imanência*, de Luiz Orlandi, afirma uma ideia em relação ao combate. Orlandi (1999) entrevê o plano de consistência como tendência filosófica, a instalar-se num “puro plano de imanência”. Esta tendência, assumida como escolha, é imediatamente política, é imediata propensão ao combate em quaisquer dos fluxos ou dobras de campo de imanência. Qual é a operação que se reitera nessa tendência combativa? Pensando a imanência como campo problemático, a operação de combate, reiterada aquém de palavras de ordem, consiste em criar e fazer com que surjam os “verdadeiros problemas”, fazer com que liberem gritos, dores e também cantos sufocados, agitando saídas em meio à proliferação do intolerável. Combater na imanência é potencializar guerrilhas que não fazem o jogo cômodo das máquinas produtoras de universais, como os de contemplação, de reflexão e de comunicação, máquinas que, impondo seus próprios problemas, submetem outros ao domínio de estratégias ou focos transcendentais, sejam estes a razão, a racionalidade de presidentes da república, líderes de grupelhos, interesses de poderosos ou deuses quaisquer. Com efeito, esse combate privilegia a “singularidade”, que não é precisamente o individual, mas o caso, o acontecimento, uma configuração de acontecimentos, um “devir ativo”, uma decisão.

Mas para que fazer a união? Para iniciar a discussão do cotidiano das mulheres. Pois todas estas mulheres rotuladas têm uma vida e fazem algo em seu cotidiano. Este algo pode ser problematizado. Está certo o que você está fazendo? Pergunto às mulheres. Não poderia ser diferente a tua vida? Por que você está nessa situação de miséria ou de acomodação? Porque não posso sair e não tenho forças para fazer algo diferente, é a resposta que encontro. Você não vê a situação de outras mulheres? O que você pode sugerir a elas? Você acha que ela tem saída dessa situação? Você quer ainda continuar isolada, fazendo tudo sozinha ou valeria a pena você olhar para a tua colega?

Assim a primeira proposta está em problematizar as mulheres e ouvi-las. Depois disso, pode-se propor: você quer continuar isolada ou pretende buscar a união com parceiras do teu cotidiano?

Por isso meu estudo está baseado no *cotidiano*, na invenção de outra história com as mulheres. Uma história em que a mulher possa ter o seu espaço, independente de ter ou não um companheiro. Que possa sair sozinha à noite, que possa beber com os homens sem ser tachada de vagabunda por isso. Que possa até mesmo casar e, se quiser, ter filhos. É tudo uma questão de escolha. Escolher as amigas, eleger parceiros sentimentais. Digo sentimental por que o sexo é mais sentimental do que se pensa. Uma vida libertária vai além de sexo. O sexo é uma invenção. A vida libertária é outra coisa. Quando uma mulher chora, as outras também podem chorar. Ao mesmo tempo, em que, quando, uma mulher ri a outra também pode ri. A união das mulheres é fundamental para que a vida transcorra de forma prazerosa. Disputar não é interessante, na medida em que tudo pode ser compartilhado.

Compartilhado de uma forma espontânea e de coração. Fazer as coisas com coração como dizem as mulheres ciganas é fazer de forma delicada. É olhar para outra, ser de forma delicada. Pois delicadeza, leveza e desprendimento são o que unem as pessoas.

Uma mulher não cabe numa esposa

Mesmo que uma mulher diga que é uma esposa ela não cabe numa esposa, ela não cabe por que escapa, vaza desta figura de esposa que já está pronta e dada. Segundo Corrêa (2006: 30 -31), uma mulher não cabe por que ela vaza, uma figura que não cabe em um modelo de mulher. Parafraseando Nelson Rodrigues (1992) *“Estou casada, estou cansada”*. Dentro do táxi, tendo ao seu lado aquele que, há apenas algumas horas, é seu marido, Leninha segue em direção à fazenda onde vive a família dele: o lugar onde deve viver o resto de sua vida. *“Casei-me, porque não pensei direito, devia estar louca (...)*. Silenciosa, encolhe-se contra a porta do carro tentando ficar o mais distante possível daquele homem. Não diz nada, permanece ao lado daquele com quem vai viver, que vai mandar nela. *O “sim” saiu num sopro, quase ninguém ouviu, mas o fato consumou-se*. Gostaria de sentir ao menos indiferença. *“E não há divórcio, aqui não há divórcio, no Brasil não há divórcio”*. Depois daquele sim, seu destino é pecar.

Corrêa (2006:31) comenta que tem muita gente vazando, o noivo no dia do casamento dentro do vestido da noiva enforca-se no topo da escada; a mãe apaixonada pelo noivo da filha; a menina com o coração de mulher. É nessas figuras de identidade que temos profissão, família, que nos expomos às leis, à moral, que vamos à guerra, que lutamos pela paz, que exigimos nossos direitos, que somos julgados, condenados ou absolvidos, que participamos ou somos excluídos. O esforço que fazemos pela integridade das identidades que assumimos, ou para disfarçar que nelas estamos confortáveis, mobiliza uma infinidade de tratamentos, terapias, intervenções cirúrgicas, cursos, consultorias, enfim, exige outras tantas figuras. Pode-se perguntar: o que faz com que uma mulher escape de todas estas figuras que lhes são impostas? Muitas mulheres que não cabem nestas figuras acabam acreditando que precisam mesmo se tratar. Quando alguém diz para uma mulher: “vá se tratar”, está dizendo que ela não está bem. Pois estar bem, hoje, na contemporaneidade, é caber nestas figuras. A mulher burguesa cabe neste modelo por que está sempre buscando algo para preencher suas faltas, desde ir ao mercado e comprar coisas de que não necessita e até mesmo se convencer de que

precisa de tratamento psiquiátrico por que tem algumas tristezas. A dita esposa é a que mais sofre no meio disso tudo, por que ela não cabe nesta palavra. A esposa que trai é vista como uma figura anormal. O que as pessoas dizem quando alguém traiu, dizem que não se tinha amor no casamento, mas nem se perguntam que a palavra esposa já é uma palavra encarcerada em uma identidade. E de sua infelicidade, disto não se fala.

Enquanto a mulher se deixar levar pelos outros, pela ingenuidade ou pela malícia dos partidos, dos programas, dos votos, das caridades, dos deveres – ídolos, do lar, da sociedade, dos privilégios, convenções: - pátria, família, religião, o “que poderão dizer?” - será a eterna explorada pela fatalidade social, pela imbecilidade humana pelo cafetismo moraliteista da família e da legalidade (Moura:1932:52).

Sua infelicidade existe, por que muitas mulheres se deixam levar pelos outros, pelas palavras, do que os outros dizem. Acreditam que casadas, tendo um lar, poderão levar uma vida feliz? Pode-se dizer que muitas mulheres já não casam mais como casavam antes, devido a uma série de questões, pois muitas percebem que a vida não cabe dentro de uma família constituída. Muitas mulheres inventam suas próprias vidas por estarem cansadas de um programa já definido como é o caso de se ter uma família. Maria Lacerda de Moura comenta que dizer que a família é a célula “mater” da sociedade, é desconhecer em absoluto a pré-história e a história da civilização. Na pré-história todos produziam e todos usufruíam os frutos do trabalho. Assim ninguém passava necessidades e não havia interesses corporativos, nem dos grupos mais próximos, por isso não se formou a família.

Então, podemos afirmar que a instituição família é recentíssima? Na história da civilização ocidental os problemas começaram a surgir, com o aparecimento das necessidades alimentares em certas regiões. Aí alguns grupos descobriram uma maneira de produzir para outros grupos, que não possuíam alimentos, e então, surge o excedente da produção. Com o excedente surgiu a propriedade. Havia necessidade de formar grupos mais organizados para defender a propriedade e mantê-la por herança aos seus descendentes. Assim surgiu a família e toda a ética dos grupos proprietários, com o respaldo da religião, que se unia ao Estado, ambos defensores tanto da família quanto da propriedade.

Dessa forma, a família surgiu como a defesa legal da propriedade.

O corpo em mulher que não quer pactuar

Não é segurando nas asas que se ajuda
um pássaro a voar. O pássaro voa simplesmente porque o deixam ser pássaro.

Mia Couto

Por que entrevistar mulheres? Para falar um pouco sobre este assunto eu tenho que me colocar como um corpo que deseja outra coisa, como um corpo em mulher que perambula e que principalmente escuta, enxerga, caminha, sente e respira como um corpo que deseja vida.

Não pretendo me estender nisso, mas sim colocar em movimento a mulher que funciona para o tipo de sociedade em que se vive. Que tipo de mulher funciona muito bem para o sistema que está aí? E onde estariam as mulheres que não funcionam para o que está pronto e dado?

Esta questão pode-se desenvolver na pesquisa na medida em que convida as mulheres a criar para além do que já existe. Inventar a vida no cotidiano.

Foi então que decidi perambular pelas ruas da cidade para investigar materiais de anúncios e propagandas sobre a mulher. A minha ideia era olhar para o universo feminino pronto, e também olhar para o universo que ainda não está dado. Como sou uma pessoa apaixonada pela leitura comecei a frequentar lugares onde a leitura aparece de todas as formas, como bibliotecas, bancas de revistas localizadas em esquinas das ruas por onde as pessoas transitam. Ao entrar nas bibliotecas percebi que não havia muitas pessoas, nem homens e nem mulheres.

Então, pensei: por que as bibliotecas estão vazias? Mesmo assim permaneci por um tempo frequentando bibliotecas e percebi que não era ali que eu iria encontrar o que estava procurando, devido à exigência que este local fazia dos corpos das pessoas. Silêncio era a palavra mágica que saía das bocas das bibliotecárias. Isso espantava qualquer pessoa. Grupos de amigos que não podem rir, pois o corpo tem que permanecer imóvel, apenas os olhos podem interagir e somente com o livro. Este

lugar tornou-se um local tenso para mim e meus amigos de escola, da rua e da vida. Foi então que perambular pelas ruas tornou-se algo mais agradável. Então, fui ao encontro da literatura destinada para a mulher.

Saí, pelas ruas, praças, bancas de revistas, cafés, farmácias, cinemas, mercados, lojas, boates, festas, calçadas, botecos, casas; loucura? Não. Foi um convite. Aceitei. Logo então, percebi que meu corpo estava submetido a afetar e ser afetado. Assim a primeira coisa que fiz foi olhar para o universo feminino que estava a minha volta, olhar para o cenário pronto. Lojas com inúmeras manequins magérrimas, vestindo roupas apertadas, mil sapatos que apertam os pés, bolsas e acessórios, cores diversas, papéis e folhetos informando: o que vestir? Aonde ir? O que comer? Onde ir dançar? Como dançar? Recebi esses papéis. Foi então que comecei a juntar o que me davam. Juntar coisas que diziam como as mulheres funcionam para a sociedade e como deveriam ser. Juntei uma caixa de livros, batons, sapatos apertados, bolsas, revistas de moda, corte e costura, revista para grávida, revista para mulher velha, revista para as loucas, bipolares, esquizofrênicas, hipersexualidades, revista para mulher sexy, ensinando como ser sexy, em como seduzir os homens. E o que fazer para não ficar velha? Juntei muita coisa e toda vez que saía para a rua me davam coisas sem eu mesmo pedir. Mas eu havia aceitado recolher tudo que estava sendo dito sobre as mulheres. Foi então que me deparei com um monte de coisas, estava entulhada. Literalmente foi o caos. Mergulhei no caos, comecei a mexer no material. Eu vi que o meu corpo não iria compactuar com este jeito de ser. Vi muita coisa que eu não queria carregar e que me apavorava. *Futilidade* foi a primeira palavra que me apareceu. Mesmo assim comecei a ler o que havia na minha frente e então, pensei que todo aquele material não era somente destinado para a mulher, seja ela o que for, mas sim para os homens, crianças e principalmente para gays, lésbicas e simpatizantes.

O material era para o povo em geral. A cantora Lady Gaga estava aparecendo em quase tudo, em revistas, músicas, como uma sucessora da Madonna. Moda, um corpo andrógono e sexualidade junto. Ousadia e rebeldia, gritar para o mundo, para afirmar um outro corpo, escandalizar a sociedade, isso me fascinou um pouco, mas foi então que eu percebi que havia algo por detrás disso. O mercado de consumo? Sim. Aburguesamento? Sim.

Palavras e imagem: O arsenal da mulher burguesa

Caras, oscar, estrelas, brasileiras, k rastane, renova o capilar, elseve, colcci, make b, zero cal, alegria, boa forma, tranquilidade, treinar, batalhar, pensar positivo, louca, perder tempo, inseguranças, chave, sucesso, maturidade, fórmula, família, carreira, filho, meu, marido, minha barriga, dois filhos, biquíni, curvas, filme, elegância, musas, festa, estilo, flor, holofotes, cravo e canela, n vea, centrum, atroveram, lacto purga, chocolate, boticário, carbomazepina, avon, desfile, bipolar, esquizofrênica, ramarim, risque, picadily, eudora, lince, marisa, dumont, coristina, coloroma, victor hugo, maternal, hering, forum, tamarine, natural basic, bom air wich, floratta, lipomax,kipling, recco, veja, claudia, nova, lola, escola, cerejeira, usaflex, hynib, eyewear, divas,cinema,glamour, cortar, curto,cabelo, prata fina,vide bula, haldol, akineton, harry winstar, Fred leighton, joias, lipomax,depiroll, denuncia, fashion, imecap, rejuvenescedor, anos, celebra es, coroa, luxo, glória, avon, pulse, homenageada, pr mio, rexona women, davene, sorriso, batom, perfume,victorias secret, paixão,nutrisse, bipolar, calcinha, sutiã, vitrini, rivotril, marca etc.

A alma feminina já adormecida dentro dos trapos, das joias, das caixas de “bombons” ou dos frascos de perfume, do império da moda – a eterna sultana deste harém de civilizados que ainda compram, vendem, exploram, seduzem, abandonam, por imprestável, a mesma mulher cuja posse exclusiva constitui sua preocupa o única (Moura, 1932:74).

Pode-se dizer que o capitalismo produz tudo isso, palavras e imagens para induzir as mulheres a consumirem. Maria Lacerda de Moura questiona a existência da mulher burguesa, a qual cabe neste modelo pronto de mulher, a mulher consumista. Mulheres que saem para as ruas para consumirem desenfreadamente compram tudo que enxergam pela frente para satisfazerem a si mesmas e aos outros. Esta figura de mulher não cria e nem inventa nada, pois acredita que o dinheiro pode comprar qualquer coisa. Elas precisam de um arsenal para mostrar-se para a sociedade, por isso elenquei muitas marcas, as quais fazem parte deste arsenal.

Pode-se perguntar: O que faz com que a mulher burguesa exista? Penso que a mídia, as telenovelas incentivam esta existência que faz com que comprar seja um comportamento consumista, o qual se aprende com a televisão. Os publicitários não cessam de anunciar produtos de beleza para o público feminino e também para os gays, o que faz com que as pessoas fiquem o tempo inteiro ligadas nas novidades que o marketing vai anunciar. Estes produtos de beleza pedem consumidores e prometem mil coisas, como por exemplo, se você tomar adoçante não irá engordar, ou mesmo, se usar os cremes rejuvenescedores não terá rugas, se fizer plástica para aumentar os seios ficará mais sensual, ou até mesmo se usar as roupas que as mulheres das novelas usam ficará mais bonita e andará na moda. Ou seja, é uma quantidade imensa de marcas e de produtos de beleza destinados tanto para a mulher como para os gays e até mesmo para os homens.

Outro conjunto de procedimentos bastante contemporâneos, situados nas fronteiras da beleza com a saúde e sempre mais utilizados, diz respeito as cirurgias estéticas, as remodelações estéticas corporais e faciais: o silicone, “o lifting”, a lipoaspiração, o botox. A estetização contemporânea da subjetividade desloca-se dos habituais espaços modernos de privacidade e intimidade – como as vitrines da internet nos blogs, fotoblogs e contas do Orkut, numa exposição narcísica de si aos olhares curiosos, bate-papos e “visitas”, envolvendo discursos confessionais, a produção de perfis pessoais, quando não idealizações fantásticas respeito de si mesmo (Filho apud Tedesco e Nascimento: 2009;234).

Isso faz com que as pessoas acreditem que tudo isso está associado à beleza, a beleza passa a ser algo que deve ser comprado e consumido. No universo feminino a beleza na maioria das vezes está associado à magreza. Ser magra é um objetivo que colocaram na cabeça das mulheres. A mídia trabalha na perspectiva de que todas as mulheres estejam no mesmo padrão de beleza e ser magra é um padrão que foi imposto e construído. Estar bem vestida e atualizada diante das últimas informações do mundo da moda é o que importa para o crescimento do mercado do consumo.

Isto produz uma certa subjetividade. É uma subjetividade produzida socialmente que incentiva ao consumo, pois faz as pessoas pensarem que elas querem consumir como se fosse um desejo individual. O que torna os indivíduos sujeitos normalizados.

A cultura de massa produz, exatamente, indivíduos normalizados, articulados uns com os outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão – não sistemas de submissão visíveis e explícitos, como na etnologia animal ou como nas sociedades arcaicas ou pré-capitalísticas, mas sistemas de submissão muito mais dissimulados (Guattari e Rolnik, 2010:22).

Como a cultura de massa consegue produzir tantas mulheres normalizadas? Além deste arsenal, que a mulher burguesa quer conquistar, ocorre a normalização. Pois sabe-se que muitas mulheres que consomem roupas, joias, fazem plásticas, tomam também muitos medicamentos. Medicamentos para

disfarçar as tristezas que existem no cotidiano. Parece que na contemporaneidade as mulheres tem que serem além de bonitas, felizes o tempo inteiro. E qualquer sentimento que escape, deve ser tratado e medicado o tempo inteiro, isto não abre espaço para a solidão, a boa solidão. A solidão que só se consegue com muito esforço e trabalho. Hoje em dia é difícil ver mulheres que vivem sozinhas e estão de bem com a vida, isto é muito raro. A maioria das mulheres ainda acredita que para estar bem tem que casar e ter filhos. Não que isso seja ruim, mas percebe-se que não devemos associar a nossa felicidade o tempo inteiro a estarmos sempre acompanhados. Henrik Ibsen (1984) já dizia “*O homem mais forte do mundo é o mais solitário*”.

Forte não é dominador das massas, forte é o indivíduo que se domina a si mesmo, forte é o que se basta na luta pela subsistência, forte é o que se sente feliz na sua própria companhia, é o que nunca se sente solitário porque vive integrado em si próprio, na sua realização interior. É o que semeia porque tem o que colher... (Moura, 1932:168).

Cultivar a boa solidão é ter força e é uma das coisas fundamentais para se ter felicidade. Saber estar no mundo sem precisar de tanta gente envolta, é bem diferente do que viver em comunidade. Podemos viver em comunidade e vivermos bem, mas para isso é preciso que possamos estar bem conosco mesmos, sabermos estarmos sós para estar junto com os outros. Este arsenal construído pelo capitalismo não permite que as mulheres fiquem sozinhas, pelo contrário isso faz com que elas queiram estar cada vez mais acompanhadas, não importando se a companhia é boa ou ruim. Como diz Friedrich Nietzsche (2010) *Odeio quem me rouba a solidão sem em troca me oferecer verdadeira companhia*. Querer estar sempre acompanhada é como querer algo que foi criado e idealizado por outros.

Para que afirmar-se gay, mulher, bicha, homem, lésbica?

A Lei nada tem que ver com as minhas predileções afetivas.

Maria Lacerda de Moura

Excesso de coisas materiais, algumas pessoas precisam e muito. O universo é gigantesco e extrapola a questão da mulher. Hoje em dia sabe-se que muitos gays consomem muitas mais que as mulheres, os gays e as bixas se vestem como mulheres por que se afirmam mulheres. Já muitas lésbicas se vestem como homens, isso tudo acontece por que existe um mercado preparado para vender acessórios, roupas, modos de se comportar para este público. Mas será que é preciso ter tantas coisas para afirmar um modo de vida?

O que eu quero então é me desfazer deste universo pronto e preparado. Como uma cilada armada para quem quisesse cair. Não caí. Resolvi fugir. Não era a história que eu queria contar e nem queria chegar perto de ficar fazendo a crítica a esse mundo absurdo do consumo. Fiz a faxina. Quando eu esvaziei isso tudo da minha frente, eu pensei e agora o que é mulher?

Os corpos não se definem por seu gênero ou espécie, por seus órgãos ou funções, mas pelo que eles podem, pelos afetos dos quais eles são capazes, em paixão como em ação (...) Neste sentido há mais diferenças entre um cavalo de corrida e um cavalo de lavoura do que entre um cavalo de lavoura e um boi (Deleuze e Parnet:1988:74).

O que interessa é afirmar o que o corpo pode, pelos afetos dos quais eles são capazes, independente do sexo, não pedir identidade, mas sim afirmar a diferença em si mesma. É o que aparece em *O segredo de Brokeback Mountain*, filme norte-americano e canadense de 2005, em que o que acontece é uma história de amor entre dois homens na região Oeste dos Estados Unidos entre os anos de 1963 e 1981. O filme é do diretor taiwanês Ang Lee e foi feito a partir de um roteiro escrito por

Diana Ossana e Larry McMurtry na década de 90, adaptado do conto homônimo de Annie Proulx.

No filme, o afeto entre os dois homens é o que afirma que duas vidas podem ser vividas de forma singular. Os dois são vaqueiros e se conhecem quando começam a trabalhar juntos no pastoreamento de ovelhas na montanha de Brokeback, no Wyoming. Eles se apaixonam e resistem a ficarem juntos, até mesmo por não acreditarem que estão apaixonados, acabam se casando com outras mulheres, mas continuam se encontrando. O sentimento que eles têm, um em relação ao outro, é muito forte e intenso e potente.

Aumentar a potência não é buscar o outro com o propósito de complementaridade, nem imitar nem se ajustar a um modelo. É fazer do desejo a produção de algo, no caso, aqui, abrir-se para as experimentações, compondo com as transformações que podem ocorrer na modalidade amorosa. Não se contentar em viver ao acaso dos encontros, nem se lamentar e acusar pelos efeitos sofridos. Um amor que aumenta a potência exige esforços para se unir ao que fortifica e vitaliza. Os casais dançam no palco, os movimentos desgarrantes dos corpos, vibram no ar criando uma atmosfera amorosa e uma modalidade de amor que corporifica a alegria (Chillemi, 2003: 57).

No filme, o consumismo não aparece, por que a história de amor é tão interessante que os dois, de tão apaixonados um pelo outro, parecem bastar-se a si mesmos.

O filme é belíssimo e ultrapassa a questão da identidade. Os dois não reivindicam políticas para o Estado para afirmar a homossexualidade, mas sofrem inúmeros preconceitos das pessoas por serem gays. As pessoas da pequena comunidade ficam sabendo que eles são gays e um grupo em uma atitude homofóbica resolve dar uma surra em um deles e acabam por assassiná-lo. É neste momento que percebe-se o quanto o preconceito existe e toma conta da vida das pessoas. O outro se desespera ao saber da morte de seu amor. O filme nos mostra o quanto é possível viver o amor homossexual de uma forma simples, mas nos faz pensar o quanto a sociedade é preconceituosa em relação às pessoas que desejam amar alguém do mesmo sexo.

A igreja aparece hoje, no Brasil, como uma força conservadora, quando decide barrar os casamentos de pessoas do mesmo sexo. É tanto preconceito que gays e lésbicas que namoram quase não podem demonstrar afeto em público. É o que aparece em *Bruno*, filme norte-americano de 2009 do diretor Larry Charles. Numa das cenas finais do filme, dois homens começam uma luta de boxe, se esbofeteando e o público ofegante gritando: *É isso aí, acaba com ele*, outros gritam mais alto: *Vai lá, dá porrada nele*. No meio da gritaria, um dos homens que está dando porrada no outro decide beijar o parceiro de luta. Então eles se beijam intensamente. E o que acontece? O público fica furioso ao ver um beijo acontecer entre dois homens, e começam a jogar objetos nos dois, como cadeiras, pedaços de pau, garrafas plásticas começa uma verdadeira gritaria de indignação, muitas mulheres ficam

horrorizadas com a cena, e o público vai saindo, aos poucos, do local. O local já esvaziado, somente com algumas pessoas indignadas por não suportarem ver acontecer um beijo entre dois homens.

O que vemos então é que as pessoas não suportaram ver a cena do beijo entre dois homens, preferindo que os dois se matassem na luta de boxe. As pessoas que estavam presentes na luta de boxe não esperavam que os dois fossem se beijar, mas sim queriam ver sangue durante a luta, ou seja, pagaram para ver dois homens se matando em um luta de boxe. O que prova isso, é que a sociedade parece investir muito mais na violência do que no amor e no afeto. Isso acontece por que existe uma apologia da violência, a própria mídia incentiva isso ao trazer para as pessoas, o tempo inteiro, informações vinculadas a mortes, assassinatos e estupros. O que faz também com que a violência ganhe mais força são os brinquedos destinados para os meninos, como exemplo temos arminhas, soldadinhos, super-heróis que sempre no final salvam todos de tudo que há de ruim, videogames de polícia, que incentivam as crianças a atirarem nos bandidos como se fossem policiais de verdade, livros infantis que mostram meninos guerreando entre si. Ou seja, o mercado de consumo incentiva a violência por meio de seus produtos. Muitas pessoas compram estes brinquedos e dão de presente a seus filhos, sem saberem que tipo de subjetividade pode estar sendo formada. Ou, até mesmo, deixam seus filhos por muitas horas na frente da televisão é o que comenta o cantor Ozzy Osborne quando diz: *Você vê mais violência em um desenho do Tom & Jerry do que em um show meu. Crianças assistem um rato ter seu cérebro esmagado todos os dias na TV.*

Sem dúvida, a fábrica conhecia o sistema de prêmios, mas a empresa se esforça mais profundamente em impor uma modulação para cada salário num estado de perpétua metaestabilidade, que passa por desafios, concursos e colóquios extremamente cômicos. Se os jogos de televisão mais idiotas têm tanto sucesso é porque exprimem a situação da empresa (Deleuze, 1992: 221).

Deleuze nos alerta para pensar o porquê dos *jogos de televisão mais idiotas* fazerem tanto sucesso. Por que será que tantas pessoas conseguem ficar paralisadas em frente à televisão sem ao menos problematizar a sua função nas sociedades? Os programas de televisão são as novas drogas da contemporaneidade porque investem em uma paralisação do corpo e da mente, onde as pessoas somente recebem informações. Ou seja, ficar sentado por horas assistindo uma telenovela ou um desenho infantil faz com que as pessoas sejam passivas diante das imagens, que estão sendo exibidas, ou seja, a maioria das imagens são imagens prontas, e é o que a mídia espera das pessoas. Mas o que a mídia espera dos telespectadores? Aí que Deleuze tem razão em dizer que os jogos de televisão têm sucesso é por que exprimem a situação da empresa. A mídia é uma empresa bem equipada, que

funciona com toda a força para fazer com as pessoas consumam tudo que há de novo no mercado. Todo o tempo, o que vemos é a substituição de artefatos, como no caso dos telefones celulares, basta um piscar de olhos e já temos nas vitrines, um novo modelo de celular, um novo aparelho de televisão, tudo isso para incentivar as pessoas a consumirem produtos prontos e acabados, sem falar na alimentação, que é cada vez mais intoxicante, inúmeros alimentos com agrotóxicos estão sendo vendidos, envenenando o corpo de milhares de pessoas, trazendo doenças de todos os tipos. É aí que vemos a força das imagens, como as imagens tem força para apresentar determinados produtos e por meio da propaganda induzir a compra.

Conforme Guattari e Rolnik (1993: 113), *“A noção de mídia, enquanto exposição de produtos, como numa espécie de supermercado, é algo que determina não só as formas de consumo da literatura, da arte, etc, mas também modeliza as formas de produção artística e literária”*.

Então, como escapar desta mídia autoritária que comanda nossas vidas? Essa mídia que dita como ser e como devemos nos comportar. Temos que resistir este tipo de comando e criar mídias independentes. Temos muitas destas mídias que são censuradas, por colocarem no ar questões que a mídia oficial esconde. É preciso lutar para que essas mídias tenham liberdade de expressão. Lutar para que novos textos, palavras, vídeos apareçam com toda a força para produzir novos processos de subjetivação em toda a sociedade.

Planos de uma vida pronta

Deparei-me com os planos que a sociedade elaborou para a mulher. Mais do que isso, papéis a serem incorporados pela mulher. Dona de casa, esposa, ter uma profissão, casar, morar com o marido, ter um carro, estabilidade e conforto, estar bem estando acompanhada. Percebi que a maioria das minhas amigas aderiram a este estilo de vida, foi então que comecei a pensar que eu era a exceção. Pois não alcancei este tipo de vida. Dei-me conta que eu não era esta mulher, me dei conta que eu havia matado em mim esta mulher que tem uma vida pronta e idealizada por outros.

O fato de a mulher ter de se comportar de certo jeito, se modelizar desde pequena em sua maneira de assumir padrões de feminilidade tais como são programados no conjunto do campo social, por aquilo que chamo de “função geral dos equipamentos coletivos”, não estou me referindo a só a coisas como ambulatórios ou centros de saúde, também revistas, programas de rádios e TV destinadas às mulheres. É esta função de equipamento coletivo que praticamente teleguia, codifica as condutas, os comportamentos, as atitudes, os sistemas de valor. Mas não daria para dizer que estamos diante de um processo de individuação (Guattari, 2010:150).

Então, é interessante perguntar: Quem ou o quê elabora um plano de vida pronta para outra pessoa? Aqui falo em mulheres, pode-se dizer que existe um plano preparado para a mulher viver conforme a lógica do sistema. Tudo que está sendo destinado para as mulheres funciona como um preenchimento de vida. É preciso que a vida das mulheres esteja preenchida. Assim torna-se impossível que uma mulher esteja triste sem que alguém lhe anuncie um tratamento para a depressão.

Os poderes estabelecidos têm necessidade de nossas tristezas para fazer de nós escravos. O tirano, o padre, os tomadores de alma, têm necessidade de nos persuadir que a vida é dura e pesada. Os poderes têm menos necessidade de nos reprimir do que de nos angustiar (...). Os doentes, tanto da alma quanto do corpo, não nos largarão, vampiros, enquanto não nos tiverem comunicado sua neurose e sua angústia, sua castração bem-amada, o ressentimento contra a vida, o imundo contágio (DELEUZE, 1998: 75).

Resistência foi a palavra mais bonita que eu encontrei. Ir atrás dessa *resistência* não é fácil, vivendo em círculos, em que a mulher que dá certo e que funciona da forma como o mercado deseja é a mais interessante. Por isso resolvi ir atrás de mulheres que experimentavam e outros estilos de vida e

pude me dar conta que eu não estava sozinha. Assim resolvi encontrar outras mulheres. Intercessoras de um outro estilo de vida. Corpos que vivem o aqui e agora e suscitam acontecimentos.

Aspis (2012) fala do resistir como “reexistir” no ensino de filosofia:

A questão que interessa aqui e agora, como interessa uma tábua flutuante ao naufrago que não para de se debater é: como suscitar acontecimentos? Como suscitar acontecimentos em educação, como suscitar acontecimentos no ensino de filosofia? Trata-se de reativar o fora, de reexistir. Pensar e praticar o ensino de filosofia contemporâneo de forma extemporânea. Pensar e agir contra o seu tempo é pensar o devir, devirescamente. Devir não é história. O devir foge, escapa à história, para criar algo novo (ASPIS, 2012: 201).

Para criar algo novo escolhi mulheres que fizeram parte e ainda fazem da minha história de vida. Que elas entrem neste processo de escrita onde a criação é a palavra que acendeu e pretende continuar a deixar acesa a pesquisa. A resistência aparece como forma de suscitar acontecimentos, como forma de aprender algo novo, diante de tudo que já está escrito e, dado para a vida de muitas mulheres. A resistência é algo que se constrói junto com as pessoas, no caminho. Resistir diante de todo este planejamento de vida que foi criado para as mulheres. “Em suma, resistir não é mais opor-se, mas singularizar; criar é produzir não mais um suposto outro mundo fora deste mundo, mas sim aquilo que faz deste mundo um outro – tarefa interminável” (Rolnik, 2000:12).

Resistir não é obrigar as mulheres a seguirem outro caminho para as suas vidas, mas é mostrar que existem outros caminhos para serem trilhados. Caminhos onde o que conta é a experiência, a experiência de viver aquilo que nos toca realmente e não viver as superficialidades que o mundo do consumismo idealizou para as mulheres.

Muitas mulheres acreditam que para ser feminina é preciso consumir roupas caras, ter mil sapatos, postar fotos na internet o tempo inteiro, ou seja, cair numa exibição de sua pessoa. Como no caso do livro de Camila Morton, *Como andar de salto alto?* O livro é uma espécie de guia que orienta meninas a se tornarem “cinderelas modernas”.

Com um time de luxo, o livro “Como Andar de Salto Alto: o Guia da Cinderela Moderna da autora Camilla Morton, orienta meninas a se tornarem verdadeiras cinderelas modernas. No livro, a top model Gisele Bündchen revela truques infalíveis para ficar bem na foto. Já os estilistas italianos Dolce & Gabbana explicam como ficar linda mesmo em pouco tempo. E o designer de sapatos, Manolo Blahnik (o rei do salto agulha, idolatrado por Carrie Bradshaw, Sarah Jessica Parker, de "Sex and the City") ensina como escolher o sapato perfeito. Divertido e informativo. Como Andar de Salto Alto: o Guia da Cinderela Moderna é sucesso mundial, com mais de 250 mil exemplares vendidos. (Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/785841-gisele-e-dolce--gabbana-ensinam-meninas-a-se-tornarem-cinderelas-modernas.shtml>)

Acompanhemos, ainda que de forma esquemática, o tipo de “orientação” que se apresenta nessa

obra:

Como ficar bem na foto, por Gisele Bündchen

- ♣ Que pose fazer? O melhor, sempre é seguir a orientação de um superfotógrafo.
- ♣ Seja a trabalho, seja por diversão, o mais importante é a luz. Se a luz for ruim, você está ferrada. Saiba de onde parte o foco de luz.
- ♣ O segredo é não ter sombras. Se a foto for ao ar livre, ela deve ser feita de manhã cedo ou depois das duas da tarde. Mas não fique neurótica comparando o resultado às fotos das revistas; e todas as espinhas e imperfeições das modelos são retocadas no computador. Caia na real!
- ♣ Vire a cabeça diante do espelho e observe quais são seus melhores ângulos. Cada pessoa é diferente, descubra o que funciona melhor para o seu rosto.
- ♣ Para fazer as pernas parecerem mais longas, estenda uma delas com o pé em ponta bem no centro do quadro e peça para o fotógrafo registrar a cena de cima para baixo.
- ♣ Sempre tenha os lábios levemente entreabertos, o suficiente para passar uma moeda entre eles. Isso faz que pareçam mais cheios.
- ♣ Mantenha os olhos baixos e vire-os para a câmera no momento exato do clique, para um olhar mais intenso.
- ♣ Elimine sem dó os rastros de momentos menos fotogênicos. Todo mundo tem dias em que não sai tão bem na foto.

Conselhos dos estilistas Dolce & Gabbana

Se você não tem tempo, se está atrasada de verdade, não se desespere! Essa é a regra número um. Escolha roupas e acessórios que deixem você à vontade, e nada de exageros.

Faça uma maquiagem básica e natural, coloque numa joia e algum outro acessório fino, uma gota de uma fragrância bem sensual e você está pronta. O mais importante é estar segura de si e jamais trair a sua personalidade e seu gosto pessoal. Ser você mesma é o que há de mais estiloso.

Como estar com cara de quem acabou de sair do salão, por Sam McKnight (cabeleireiro das estrelas):

- ♣ Jamais use secador quente demais ou perto dos cabelos.

- ♣ Quanto mais volume (você desejar), maior a escova (de que vai precisar).
- ♣ Um cabelo passando da altura dos cotovelos está comprido demais.
- ♣ No momento da secagem, sempre encerre com um jato de ar frio para fechar as cutículas e dar um brilho extra aos fios. Não compre um secador que não oferece essa opção
- ♣ O momento ideal para fazer o cabelo é quando ele está 85% seco. Secagem = volume + finalização. Usando o secador você levanta o cabelo e o deixa mais encorpado. Ame o seu cabelo.
- ♣ Não peque pelo excesso de lavagens. Xampus e modeladores demais roubam a oleosidade natural dos fios.
- ♣ Mesmo se você estiver deixando seu cabelo crescer, ele precisa ser aparado. As pontas duplas não deixam os fios crescerem saudáveis, então não adiante fugir da tesoura. (Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/785841-gisele-e-dolce—gabbana-ensinam-meninas-a-se-tornarem-cinderelas-modernas.shtml>).

Tudo isso são planos de uma vida pronta, querer ser rica e famosa e fazer de tudo para conseguir, é como seguir um plano. Um plano para sair bem na foto, um plano para ter os cabelos sempre belíssimos. Tudo isto comporta o externo de uma pessoa, a aparência, como ela vai aparecer em sociedade e para que apareça bem é preciso que ela consuma, sem consumir não adianta querer ser uma *top model* de sucesso. Sabe-se que estes livros vendem por que tem um público que adere a este estilo de vida. Maria Lacerda de Moura diria que esta bibliografia seria uma exploração da sensibilidade feminina, exploração do trabalho, da carne feminina, da inteligência e da astúcia feminina. Por que esta bibliografia reivindica a beleza acima de tudo, reivindica que meninas já novas entreguem as suas vidas para profissionais que irão torná-las mulheres dóceis e consumistas desde cedo.

E sob o pretexto de reivindicações feministas, a sua razão se fecha mais uma vez, a mulher se afasta positivamente do verdadeiro problema – o problema humano, o direito à vida como animal na escala zoológica, a reivindicação individual de si mesma, o direito a ser dona de seu próprio corpo, da sua vontade, dos seus desejos, da expansão – para viver a vida em toda a plenitude das suas possibilidades latentes, para aprender a ser livre e a libertar-se das próprias cadeias dos instintos inferiores e absorventes, fossilizados no subconsciente, para subir anseios de ser algo mais que instrumento de volúpia e de exploração, para escalar um degrau mais alto de individualidade – através da liberdade de viver pelo próprio coração e pensar pela própria mente (Moura, 1932: 51-52).

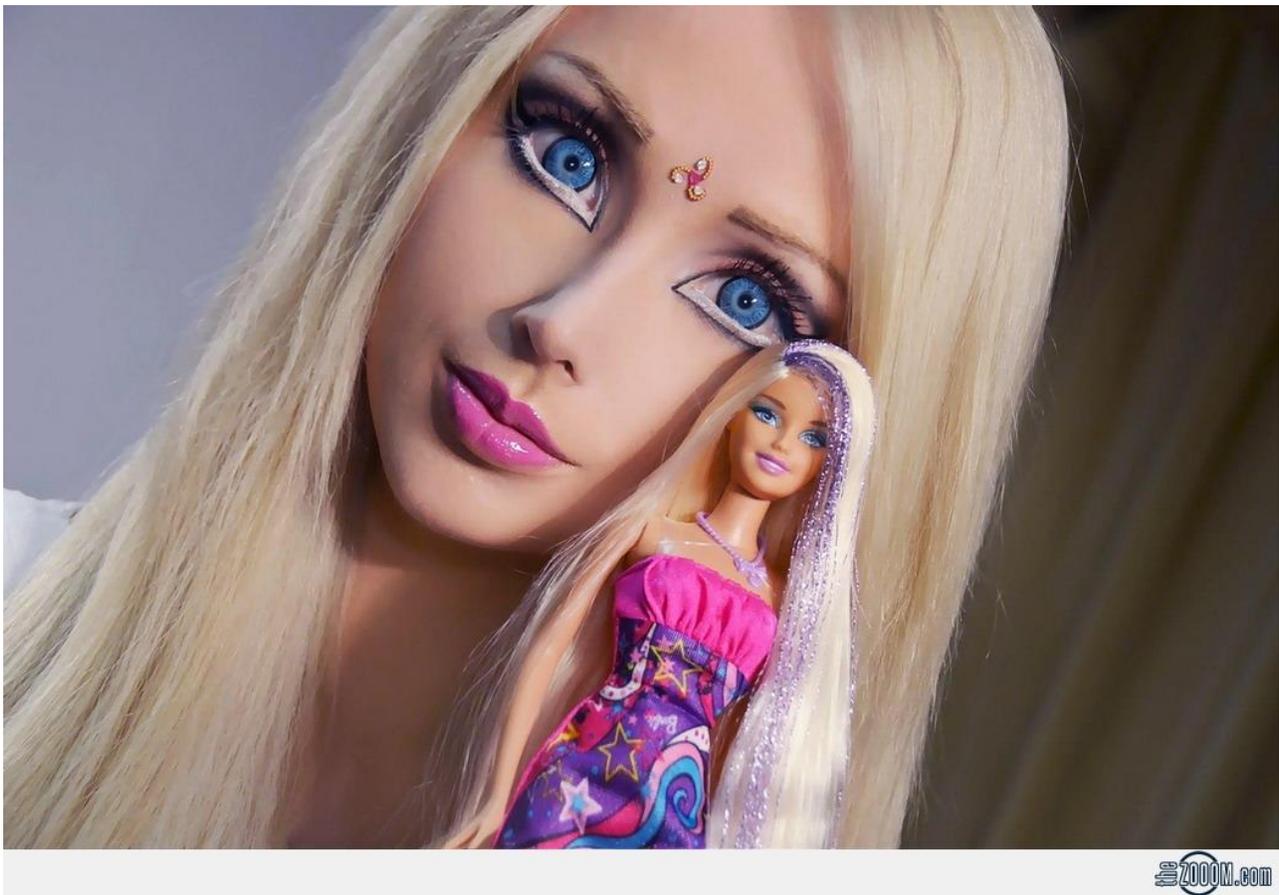
Maria Lacerda diz que a verdadeira reivindicação é de a mulher ser dona de seu próprio corpo. Desta reivindicação as mulheres se esquecem, quando ficam escravas de livros de autoajuda, de verdadeiros manuais que prometem ensinar a ser feliz, de livros que ensinam como ser, o que comer, o que fazer, o que pensar, para onde ir, com quem ir etc..

Este tipo de literatura vende muito e é encontrada com muita facilidade nas livrarias justamente por que tem um público que adere a este estilo de vida. Mulheres que só estão preocupadas com a sua aparência fazem questão de comprar estes livros para poder se defender do tempo que passa. O tempo passa para todas as mulheres, mas algumas sentem que a sua felicidade depende de cremes antirrugas e cirurgias plásticas. É como negar a existência do tempo para a vida. Todas envelhecem, isto é certo, mas algumas mulheres não aceitam e fazem de tudo para ser jovens. Mas existe o caso de algumas mulheres que fazem muitas cirurgias para ficarem mais belas. Pois no caso da modelo Allanh Star, este nome é de fantasia, ela fez mais de 10 liftings no rosto e cinquenta procedimentos estéticos, colocou 2 litros de silicone nos seios e também uma prótese para arredondar o maxilar. Esta modelo fez uma cirurgia para ser mulher e diz que sempre quis ser uma mulher cheia de curvas, ela diz que quanto mais volume, mais sucesso tem na sua profissão. Sua profissão são os filmes eróticos.

Pode-se dizer que não são somente as mulheres que fazem cirurgias estéticas, muitos homens também fazem, é o caso do ex-modelo americano Justin Jedlica, que fez 112 intervenções cirúrgicas, se considerando o homem mais bonito do mundo. De sorte que, as principais cirurgias feitas por eles são raspar o osso da testa para deixá-la reta. Porquanto fez cinco plásticas no nariz e tem silicone no peito, nos braços e pernas. Ele sonha que no futuro as próteses de silicone levem o seu nome.

Os dois depois de realizarem inúmeras cirurgias estéticas estão sofrendo de grave enfermidade, tudo isto por quererem copiar os traços das famosa atriz Angelina Jolie. Outra menina que também adere às cirurgias plásticas é Anastasiya Shpagina, 19 anos, ucraniana, pesa 38 quilos, levanta todos os dias às cinco horas da manhã para ficar 1 hora maquiando os olhos, pois ela diz que são as bonecas que se parecem com ela e não ela com as bonecas. Foto: Axel Schmidt / OtherImages). Dessa forma, o que faz com que uma menina de 19 anos, queira ficar igual a uma boneca dos famosos personagens mangás japoneses? E outra menina chamada Veleria Lukyanova querer ser a Barbie humana? Reproduzo a seguir as fotos dessas bonecas humanas.





Estas meninas foram educadas pela mídia, pelas revistas e por programas de entretenimento para se tornarem o que são. O que elas desejam ser, já está dado, é imitar um estilo de vida, que está sendo vendido pelo mercado. Imitação que não tem nada a ver com a invenção de uma vida. É querer ser igual a um personagem de televisão. Ou seja, os personagens de televisão são criados para incitar as pessoas a se parecerem com eles, incentivando-os ao consumo das mesmas roupas, dos mesmos estilos de vida. Pois este modo de vida comporta um universo pequeno, que produz igualdade. Querer ser igual ao outro, se igualar para fazer parte de uma sociedade baseada no consumismo. É como querer pertencer a um mundo identitário. Suely Rolnik (1997) comenta, pois, que a televisão funciona como uma droga que sustenta a ilusão de identidade. Portanto, as pessoas estão viciadas nesta droga.

Outros tipos de drogas que sustentam igualmente esta ilusão encontram-se disponíveis no mercado, embora não se apresentem enquanto tal. Vejamos as mais evidentes. A droga oferecida pela TV (que os canais a cabo só fazem multiplicar), pela publicidade, o cinema comercial e outras mídias mais. Identidades prêt-à-porter, figuras glamurizadas imunes aos estremecimentos das forças. Mas quando estas são consumidas como próteses de identidade, seu efeito dura pouco, pois os indivíduos-clones que então se produzem, com seus falsos-self estereotipados, são vulneráveis a qualquer ventania de forças um pouco mais

intensa. Os viciados nesta droga vivem dispostos a mitificar e consumir toda imagem que se apresente de uma forma minimamente sedutora, na esperança de assegurar seu reconhecimento em alguma órbita do mercado. Há ainda a droga oferecida pela literatura de auto-ajuda que lota cada vez mais as prateleiras das livrarias, ensinando a exorcizar os abalos das figuras em vigência. Esta categoria inclui a literatura esotérica, o boom evangélico e as terapias que prometem eliminar o desassossego, entre as quais a Neurolinguística, programação behaviorista de última geração. Muito procuradas, por fim, são as drogas oferecidas pelas tecnologias diet/light. Múltiplas fórmulas para uma purificação orgânica e a produção de um corpo minimalista, maximamente flexível. É o corpo top model, fundo neutro em branco e preto, sobre o qual se vestirá diferentes identidades prêt-à-porter (Rolnik, 1997: 3).

Aqui ela afirma que é estas drogas que fazem as pessoas ficarem viciadas em identidades. Identidades para pertencer a um lugar já dado. Muitas *top models* já não têm uma vida própria, as mesmas são levadas a fazer regimes mirabolantes, de forma a ter um corpo perfeito para aparecer na mídia. Pode-se dizer que este modo de vida é um padrão de beleza que foi imposto pela publicidade para vender uma imagem, a imagem de uma beleza que foi criada para vender o que quer que seja. É o que chamamos de ditadura da beleza. Pois muitas mulheres lutam para ficar igual a este modelo imposto. Outras mulheres não ligam para este tipo de coisa e se aceitam com o corpo que têm. Ou seja, a ditadura da beleza não afeta a maioria das mulheres, muitas resistem a este tipo de vida que já foi anunciada pelo mercado, como uma vida ideal, uma vida boa. Por conseguinte, me pergunto: ter saúde significa ter um “corpo perfeito”? Acredito que não, ter saúde é estar de bem com a vida, vivendo o corpo em suas possibilidades.

Hoje em dia, o que vemos são muitos discursos em relação à saúde e um deles é que as pessoas precisam emagrecer para serem felizes e principalmente não ter doenças. Os chamados “gordos” estão na mira de uma sociedade, que quer acima de tudo vender, como diria Rolnik, drogas diet/light, nas quais as pessoas se viciam, além de comprarem alimentos, que supostamente agirão de modo que elas não engordem. Dessa forma, são feitas inúmeras propagandas para quem quer emagrecer, desde a ida a academias, até mesmo fazer cirurgias estéticas para ter um corpo belo. Pois o corpo virou algo em que se investe, ou seja, para cuidar dele as pessoas gastam muito dinheiro. O que acontece é um culto ao corpo, uma “corpolatria”.

Partindo deste pressuposto, pergunto: O que é ser dona do próprio corpo? Maria Lacerda de Moura em toda a sua obra coloca esta questão como algo fundamental para a vida das mulheres. Ela diz que as mulheres devem reivindicar o direito de serem donas de seu próprio corpo. Mas de que forma ela propõe isso? Maria Lacerda pensa que o corpo pertence à mulher e somente ela deve decidir o que fazer com ele. Não propunha que a mulher deveria lutar para ter um corpo perfeito, quando ela falava em corpo, ela dizia que o corpo tem a ver com decisões que envolvem a vida da mulher, como no caso

da maternidade consciente, a união a um parceiro, ser independente, pensar por si própria, adotar uma criança, ter o direito de não querer ser mãe. Porém, hoje em dia, temos muitos debates que envolvem a questão do aborto. Maria Lacerda não problematizou isto, mas se, hoje, ela estivesse viva para falar sobre isso, aposto que ela diria que o aborto é uma questão sobre a qual somente a mulher deve decidir. Então, ser dona de seu próprio corpo, tem a ver com ser dona de si mesma, em mandar em sua vida e não em ficar escrava de modismos criados pela sociedade do consumo.

Alianças e convites

De que adianta? Saber ler e escrever e não saber o quê”

Estamira

Agradeço a pesquisadora Ana Godoy pelas novidades que me trouxe e que geraram uma parte desta tese. Isso se deu quando um dia assistimos o vídeo do documentário *Estamira* do diretor Marcos Prado. Numa passagem do documentário, Estamira diz: *De que adianta? Saber ler e escrever e não saber o quê*. Esta frase dita por ela tenciona nossos pensamentos e ações quando pensamos que sabemos ler e, às vezes, não sabemos o que escrever, o que dizer, como numa impossibilidade de falar diante de tantas coisas, que já foram ditas, ou até mesmo, de não saber o que escrever. Ana Maria Preve (2010) problematiza em sua tese de doutoramento a questão: Como se escreve quando não se sabe escrever? Ou seja, para escrever é preciso deixar que uma escrita, a noção de escrita maior, desapareça em nós e outra se coloque no seu lugar, dotada de força de mobilização de pensamentos e não de representação de alguma coisa. Escrever movidos por perguntas sem respostas, mapear para inventar espaços, melhor para abrir no espaço, outros espaços. Escrever é fazer mapas para produzir sempre novos começos, novos modos de dizer.

Foi então, a partir do impacto causado por esse documentário, que resolvi me aliar a algumas mulheres, para ter força de sustentar a outra mulher que havia nascido dentro de mim. Mulheres que têm sabedoria para dizer e também sabedoria para silenciar. Mulheres que gostam de se aliar a uma vida potente. A aliança é da ordem do agenciamento e, pois, do devir: *"O que é importante não são, nunca, as filiações, mas as alianças e as misturas; não são as heranças e as descendências, mas os contágios, as epidemias, o vento"* (Deleuze 1996:84). O devir também abre inúmeras possibilidades para se pensar a aliança: *"devir não é uma evolução por descendência e filiação. O devir não produz nada por filiação. Ele é de outra ordem. Ele é aliança"* (Deleuze e Guattari 1982:291).

Fui atrás de aliadas, mulheres fortes que sustentaram uma vida, que elas mesmo escolheram, mulheres que muitas vezes se deparam com preconceitos de uma sociedade conservadora e fascista, que insiste em dizer o que se deve fazer, o que comer, para onde ir. Foi aí que fiz os convites para que elas participassem da pesquisa. Convidar alguém para fazer parte de alguma coisa é uma questão para

ser problematizada. Quando decido me aliar a alguém e convidar esta pessoa para pensar uma pesquisa penso seriamente que as pessoas convidadas terão algo importante a dizer. E não dizer algo da boca para fora, mas sim dizer aquilo que interessa que seja dito.

Ser mulher não está ligado a uma exterioridade mas sim no modo de vida. Em interpretar um jeito diferente de ser mulher, em que a diferença é a própria afirmação de vida.

O que é mulher?

Segundo Corrêa (2004: 24), ao formular a pergunta “o que é escola?” em sua tese de doutoramento, a pergunta é uma questão menor. Para o autor, menor, aqui, ressoa o sentido atribuído por Deleuze e Guattari a esta palavra ao proporem-se a pergunta “*O que é uma literatura menor*”. Dão como exemplo a literatura dos judeus tchecos em Praga, *a interdição de escrever em tcheco e a obrigatoriedade de escrever em alemão*. Desterritorialização: “*a impossibilidade de não-escrever, impossibilidade de escrever em alemão, impossibilidade de escrever de outra maneira*”. Nas literaturas menores, tudo é político. “o caso individual (...) imediatamente ligado a política, (...) *o triângulo familiar se conecta com outros triângulos, comerciais, econômicos, burocráticos, jurídicos* (...); tudo adquire um valor coletivo: *Josefina, a ratazana, renuncia ao exercício individual de seu canto, para se fundir na enunciação coletiva da inumerável multidão dos heróis do (seu) povo*.”

Foi então que eu fiz essa pergunta, “o que é mulher?”. Muitas ideias me vinham à mente, eram muitas questões, eu queria falar de todos os tipos de mulheres que existem por aí, da mulher louca, puta, solteira, casada, viúva, velha, nova, adolescente etc. Eu mesma estava querendo encontrar mulheres de todos os tipos, ou seja, mulheres rotuladas. Tive contato com diversos grupos de feministas. Feministas que estavam atuando em nível de direito ou de políticas para mulheres. Não queria entrar nestas questões que para mim eram a mesma coisa que acontecia na década de 1930, quando a mulher pedia o direito ao voto.

A questão de estudar gênero, feminismo vai muito mais além do que falar somente em violência contra a mulher, em lei Maria da Penha.⁹ Não quero desmerecer quem estuda isso, mas nunca tive a intenção de pedir cadeia ou polícia para homem que bate em mulher e nem cadeia para mulher que bate em homem. Este tipo de defesa não me interessa. Isso por eu ser uma pesquisadora que não acredita na prisão como forma de ressocialização, uma vez que me coloco em acordo com a analítica foucaultiana.

Segundo Foucault,

O problema da prisão é um problema local e marginal na medida em que menos de cem mil pessoas passam anualmente pelas prisões; atualmente, na França, talvez haja ao todo trezentas ou quatrocentas mil pessoas que tenham passado pela prisão. Ora, esse problema

⁹ A lei Maria da Penha é a lei 11.340, de 7 de agosto de 2006, que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

marginal atinge as pessoas. Fiquei surpreso de ver que se podia interessar pelo problema das prisões tantas pessoas que não estavam na prisão, de ver como tantas pessoas que não estavam predestinadas a escutar esse discurso dos detentos, o ouviam. Como explicar isto? Não será que, de modo geral, o sistema penal é a forma em que o poder como poder se mostra da maneira mais manifesta? Prender alguém, mantê-lo na prisão, privá-lo de alimentação, de aquecimento, impedi-lo de sair, de fazer amor, etc., é a manifestação de poder mais delirante que se possa imaginar. Outro dia eu falava com uma mulher que esteve na prisão e ela dizia: "quando se pensa que eu, que tenho 40 anos, fui punida um dia na prisão, ficando a pão e água!" O que impressiona nesta história é não apenas a puerilidade dos exercícios do poder, mas o cinismo com que ele se exerce como poder, da maneira mais arcaica, mais pueril, mais infantil. Reduzir alguém a pão e água... isso são coisas que nos ensinam quando somos crianças. A prisão é o único lugar onde o poder pode se manifestar em estado puro em suas dimensões mais excessivas e se justificar como poder moral. "Tenho razão em punir pois vocês sabem que é desonesto roubar, matar...". O que é fascinante nas prisões é que nelas o poder não se esconde, não se mascara cinicamente, se mostra como tirania levada aos mais íntimos detalhes, e, ao mesmo tempo, é puro, é inteiramente "justificado", visto que pode inteiramente se formular no interior de uma moral que serve de adorno a seu exercício: sua tirania brutal aparece então como dominação serena do Bem sobre o Mal, da ordem sobre a desordem (Foucault, 1979:4).

Meu horizonte era e é outro. Foi então que me deparei com a luta das feministas e também dos homens que apoiavam as feministas nesta empreitada. As lutas atuais são lutas que são chamadas de movimentos menores, e o convite das feministas é sair para a rua. Reivindicar direitos em defesa dos corpos das mulheres ou para pedir aumento de salários.

Porém na minha visão, este é um assunto vital, que atravessa as pessoas que vivem em sociedade.

Por isso escolhi algumas mulheres para fazer a pesquisa. A palavra escolha foi importante na decisão de fazer uma pesquisa. Por que a questão não foi escolher qualquer mulher que está por aí, a questão foi escolher mulheres que incomodam, mulheres que provocam, mulheres independentes que podem ter família ou não ter família. Por ter um corpo de mulher, achei que isso fosse o bastante para ter autorização de falar sobre o que é mulher. Foi então que eu fiz essa pergunta para mim mesma. O que é mulher? E a respondi de outra maneira, na forma de frases. Frases que eu inventei.

Beijar os lábios e sentir o coração saltar de dentro do peito como se fervesse de alegria.

Quem escreve, escreve para si.

Inspirada de tanta tontura de amar sem obstáculos.

Um latido de um cão esconde o canto de um passarinho.

Sem nexo mesmo isso é que a originalidade das coisas.

Sem sentido se diz tudo.

*Amigo junto comigo no meio de um temporal de lágrimas
boas para que brotem outras épocas e outros dizeres.*

*Ouvir isso e aquilo de uma moça que morava na varanda e
que custava a sair de lá.*

Senti tanta vitória ao saber que podia amar a todo instante.

Deixa ir tudo aquilo que se parece como o que já previmos.

*Gostava daquilo que fazia sua vida ficar diferente e mais viva
do que sempre foi.*

*Escrevia pouco para não perder os ventos que corriam pelo
meio de seus dedos.*

Colaborou com algumas pessoas e os insetos não gostaram.

O segredo que a trouxe até o sol.

*Caminhando para olhar o por do sol e colher alegria na
estrada.*

Carregava com ele muitos diagnósticos que já não sabia para que se deve lavar o corpo antes de encontrar alguém.

Caí numa rua, deitei na rua, a rua foi quem me levantou e depois me empurrou de volta para ela. Desta vez sem precisar ficar deitada.

Sumiu por entre os carros querendo ver quem gritaria primeiro.

A multidão fugia do formigueiro. O formigueiro cada vez mais forte era quem embalava os sonhos dos bons de espírito.

Saiu a caminhar pela rua a pé em uma bela noite de lua cheia. Seus passos eram fontes de harmonia.

A solidão era tão bonita que dava vontade de ser sempre só. Sozinha com seus passos cheios de vontade de pisar entre as estradas novas que já esperavam pés livres para pisar nelas.

*Um belo prato de arroz e feijão deixa trios de gente
mais alegre em dias chuvosos.*

*Via formigas descontentes com o alvoroço
criado pelos homens.*

Nasceu sem dor e com vontades

Vivia dizendo coisas que ninguém ousaria entender.

Mãos acompanhadas de lápis e canetas voam e são livres.

Percorrer o astral de uma vida mais leve.

*Sentia que não dava mais para viver daquele jeito
era um espécie de vivificação ou mortificação.*

*Então o que queria era algo que não tinha resposta
e nada a ver com perguntas prontas, algo inusitado e
inventivo.*

O que não suporto é olhares de piedade e coitadismos

Fugi dos donos da prisão que era eu mesma.

Posso pular o muro se eu quiser. Pular mesmo? Sim pular e

cair numa estrada aberta sem líderes, sem hierarquias. Meu corpo não é quartel general que não são os meus pés.

Vontade de pular entre as garrafas, correr para o mar. Beijar os meninos, abraçar com muito amor. Sorrir sem pedir licença.

Vi agora que um dia é muito mais que um bolo de chocolate.

Flores que nascem do orvalho pedem passagem para novas paisagens.

A lua que aparece de dia sorri para os pássaros que viajam levemente sobre as folhas.

O uivo dos lobos nos diz que é cedo demais para que alguma coisa aconteça.

A lua oferece flores para a noite.

As palavras não querem parcelas, querem o que ninguém sabe.

Ninguém aguenta o tro lo ló das madames do século primeiro.

Suavidade aos canteiros que lançam abertura para os

pés de gente forte.

Voávamos para o infinito quando o amor chegou.

*O céu pediu licença para as nuvens
para ver as estrelas.*

Foi criado um campo de amor para recebê-la.

*Foi o voo do pássaro colorido que a fez cantar entre as
paisagens adormecidas de cheiros inesquecíveis.*

As flores chegam sozinhas no mar para brotar alegria.

Estava grávida de palavras que vinham da noite.

*Para conseguir enxergar teve que passar por milhões de
trens grudados no chão.*

Correndo de bocas que não produzem mel ao amanhecer.

Até aqui, até lá e em toda parte guardam sacolas.

*Não sabia o que deixaria para um filho então deixou aquilo
que ele sabia que o filho iria entender.*

Caminhava para aquecer o vento.

Falava tanto das flores que as crianças sorriam.

Cuidava e protegia o que era e é de todos.

Uma vez disseram para ela mentir e ela não quis acreditar, não ouviu e fez da vida um balanço colorido.

Caiu em cima do raio de sol que iluminava os golfinhos.

Diziam que ela estava louca, pois gostava mesmo é de extraviar, mexer nas coisas que não eram dela. Pertences inúteis e supérfluos de toda a gente que gosta de superfície implantada.

Saíram de carro, mas já tinha muitos burros e animais de duas patas na esquina. Voltaram com sede de ter fome de vida. Vontade de gastar saliva com língua despreocupada.

Descontrolava-se bem rápido, pedia para que não falassem certos assuntos da vida mundana, mas tinha uns brutos que já perderam sua sensibilidade em relação a aqueles que tinham provocado um amor.

Limpava tanto, varria muito e respirava. Certo dia limpou

tanto e tudo que na hora de colocar o lixo na lixeira não sabia mais o que era o lixo. Perguntou-se. O que é o lixo? Será que é isto que eu varri?

Cai numa rua, cansada de ouvir as mesmas perguntas inúteis e animais vindas de todos os lados. Pedindo que tudo fosse igual para todos. Repetiram as mesmas lorotas todo instante. Queria ver o que não era repetitivo. E ouvir o que lhe trazia alegria e felicidade.

As palavras fogem para um lugar escondido.

Tomou suavidade dentro da chuva que caía em seu colo.

Abriu os cheiros que vinham da lua.

Agarrou seus pés para flutuarem no sol.

Vivia arrumada embaixo dos caracóis que vinham do vento.

As montanhas correram para debaixo das nuvens para ver os lobos sonharem.

Ninguém disse a ela como fazer e ela fez.

A escrita é um parto num dia de sol!

O amor sente os raios de sol que vem de dentro do arco-íris.

Afastada do buraco podia caminhar entre as pedras.

Voava e cortava as cartas que saiam do fogo do baú colorido.

Queimou papéis errados e acendeu flores verdadeiras.

Pintava nuvens que alegrava passos leves.

Dormir e sonhar era o que mais fazia para escapar de dedos na cara.

Acusada de quê? Acusaram tanto que já não sabem qual é a acusação.

Limpava garrafas em um rio limpo e cheio de peixes.

Como abandonar uma palavra? Ela queria abandonar várias por isso nunca se calou.

Saiu para caminhar no dia em que as árvores flutuavam no mar.

Os pássaros vieram em sua direção na mesma noite em que ela aprendeu a andar.

Vendo que tinha urubus na estrada, preferiu voar entre as nascentes dos rios.

Duras verdades impostas não servem para nada.

Ilusão é querer por tudo para dentro quando na verdade é melhor por tudo para fora.

Anjos que descem a lua atravessam as ruas com mais vontade.

Liberdade de abrir e fechar janelas para quem quer andar no meio da multidão.

A multidão avança para perto de quem sorri junto com ela.

Poemas cabem naquilo que não cabe.

Vemos muitas sombras em seres que querem tudo para si.

Andamos sós para podermos compreender pequenas coisas.

Seres perfeitos não sabem da existência das pessoas.

As flores dizem para onde vai a beleza da lua.

As flores moram junto com o sol que vive junto com as montanhas.

Toda a agitação sumiu quando os pássaros chegaram.

O tempo rasgou a chuva que vinha da nascente de gramas vermelhas.

Correu para o mundo cheio de pedras rosas e deixou o cheiro de árvore junto com o verde que embalou.

Corações voando entre tapetes de arame pedem cor para os pés que estão descalços.

Para sonhar cantando voavam até a cozinha.

A liberdade pedia mais gosto para ser livre.

Os amores estão dentro dos corações daqueles que gostam de estar perto de si mesmos.

As paredes gritavam de alegria ao ver as portas abertas para o surgimento de outro ser.

Quando encontrei as flores sorri para que delas nascessem braços e mãos abertas para colher ar fresco.

Agarrou-se nas panelas como se fosse sua vida.

A força que veio da escrita derrubou paredes de imensas solidões presas em cabelos compridos.

Entrava em casa para comprar compromisso.

O cheiro de fritura fazia o javali delirar.

Mil pedaços de carne para as estrelas incompreendidas

Fotografia de uma rotina que foi aberta para as flores

Os espinhos e as flores conversaram entre si para que não os tirem do mesmo lugar.

Os remédios e as conversas pareciam blocos duros e difíceis de serem quebrados.

As parábolas queriam o encontro das letras.

Não queria ser vista para não criar pirraça com língua fuzilada.

As mulheres

Desde que comecei a pesquisar este tema, conheci muitas mulheres interessantes, aqui justificase a escolha pelo método da cartografia que permite mais liberdade para a pesquisadora inventar uma pesquisa junto com uma mulher da década de 20 e outras mulheres de hoje. Comecei a produzir diversos vídeos sobre a história de vida de diferentes mulheres. Conversei com sociólogas, ativistas, prostitutas, professoras, manicures, desempregadas, cabeleireiras, portadoras de necessidades especiais etc. Eram muitas mulheres. Nas viagens que fiz durante a pesquisa, conheci uma diversidade de mulheres, nas nossas conversas muitas contavam sobre suas histórias de luta, suas conquistas e dores. Porém decidi que os vídeos não entrariam para a pesquisa, pois eram muitos, para especificar o

trabalho mudei de ideia em relação à pesquisa e resolvi fazer um trabalho que não fosse tão amplo, mas que fosse um trabalho que possibilitasse que as mulheres falassem por si mesmas, contassem suas histórias. Optei por fazer uma pequena entrevista com mulheres que seriam escolhidas. Tive a oportunidade e a felicidade de conhecer diversas mulheres, mas precisei escolher algumas para participar da pesquisa.

Como escolher? Qual o critério que utilizei para fazer esta escolha? Isto foi muito importante para decidir quais seriam os rumos da pesquisa. Então decidi escolher mulheres de culturas diferentes e mulheres que não aparecem na mídia, ou seja, mulheres que optaram por viver uma vida simples. Mulheres que não aparecem na televisão e que não levam uma vida consumista. Escolhi mulheres que criam micropolíticas no seu cotidiano. Essa escolha se baseou na possibilidade de interação entre eu e as mulheres, que eu pudesse interagir com as mulheres pesquisadas, ou seja, construir algo interessante junto com elas. E foi o que aconteceu, com Lúcia construí uma horta onde plantamos diversas hortaliças, com Vera aprendi sobre diversas plantas e árvores, com Inaida pude aprender sobre a cultura africana. Já com Estamira aprendi sobre diversas questões como a importância de cada cuidar de sua vida e com Maria Lacerda de Moura aprendi sobre a importância da mulher na sociedade, de como a mulher pode ser livre e ser dona de seu próprio corpo e lutar contra o machismo existente em nossa sociedade.

Nesta parte pretendo apresentar as mulheres que conheci com as quais convivo e por quem tenho um profundo carinho e respeito. Falar em mulher tem a ver com potência de agir, transformar-se para estar sendo e nunca o que já está pronto, mas transformar-se e inventar uma vida bela. Para dar início a este capítulo trago um texto de que gosto muito, da poetisa africana Tolba Phanem, que fala das relações que as mulheres africanas estabelecem na tribo em que vivem.

A canção dos homens

Quando uma mulher de certa tribo da África sabe que está grávida, segue para a selva com outras mulheres, e juntas rezam e meditam até que aparece “A canção da criança”. Quando nasce a criança, a comunidade se junta e lhe cantam sua canção. Logo, quando a criança começa sua educação, o povo se junta e lhe canta a sua canção. Quando se torna adulto, a gente se junta novamente e canta. Quando chega o momento de seu casamento, a pessoa escuta sua canção. Finalmente, quando a sua alma está para ir-se deste mundo, a família e amigos aproximam-se e, como em seu nascimento, cantam sua canção para acompanhá-la na “viagem”. Nesta tribo da África, há outra ocasião na qual os homens cantam a canção.

Se em algum momento da vida a pessoa comete um crime ou um ato social aberrante, levam-no até o centro do povoado e a gente da comunidade forma um círculo ao seu redor. Então lhe cantam “sua canção.” A tribo reconhece que a correção para as condutas antissociais não é o castigo; é o amor e a lembrança de sua verdadeira identidade. Quando reconhecemos

nossa própria canção, já não temos desejo nem necessidade de prejudicar ninguém. Teus amigos conhecem a “tua canção”. E a cantam quando a esqueces. Aqueles que te amam não podem ser enganados pelos erros que cometes, ou as escuras imagens que mostras aos demais. Eles recordam tua beleza quanto te sentes feio, tua totalidade quando estás quebrado, tua inocência quando te sentes culpado e teu propósito quando estás confuso.(Disponível em <http://historico.miradasolidaria.es/poemas47.htm>).

As mulheres que se misturaram em minha pesquisa são Vera, Lúcia, Inaida, Aline, Maria Lacerda de Moura e Estamira. Algumas entrevistei, outras li, outras apenas vi. Coloco em itálico as respostas que elas me deram, cada uma a sua maneira, e com elas componho o texto. Converso com seis mulheres, mulheres que em suas falas criam um novo estilo de vida. Esta tese tem a intenção de movimentar a vida destas mulheres, e de outras. Mulheres africanas e brasileiras se encontram aqui para dizer não para o machismo existente em nossas sociedades. Estas mulheres se encontram para criar uma escrita menor, se distanciar da escrita maior. Ou seja, viver num mundo menor, em que seja possível criar micropolíticas nos seus cotidianos.

Criam junto um novo rosto para um feminismo contemporâneo, que afirma que o homem pode ser feminista, a criança é feminista, o velho é feminista. E que não são somente as mulheres que queiram lutar a favor de uma sociedade onde a diferença apareça, mas sim todas as pessoas que fazem parte do mundo desejam um mundo melhor para se viver. Logo, é a partir deste mundo novo que pensamos na questão menor: “o que é mulher?” Pensar a mulher, dizer sobre mulher, tudo isso tem a ver com educação, não uma educação normalizadora mas sim uma educação que priorize um conhecer com vontade que produza novas formas de vida. Pois sabe-se que é no corpo das mulheres que as crianças se desenvolvem e nascem. Então, tudo isso passa pela educação. Uma educação que tem a ver com vontade de estar no mundo e não morrer para o mundo e dizer chega.

Mas uma vontade de criar outros mundos, nos quais seja possível de viver através de formas de vida bela e não violenta. Escapar da tirania dos governos, da mídia, da publicidade, que ditam como as mulheres devem se comportar, é um dos objetivos desta tese. Não modelar comportamentos e sim questionar determinados estilos de vida, que levam as mulheres a sempre serem as melindrosas incapazes de dirigirem suas vidas. Esta pesquisa também aparece como um alerta à violência contra mulher. Por que dá força para as mulheres não se unirem a homens machistas e preconceituosos. Esta tese quer incentivar as mulheres a terem uma vida livre. Quer dar ânimo para que não haja cansaço ou esgotamento em ser mulher. Que seja bom ser mulher, assim que, como ser homem, ser velho e ser criança, ser pessoa.

As mulheres pesquisadas mostram, através de suas vidas, como é ser mulher. Cada uma parece

com suas vontades. Vontade de harmonia, como diria Maria Lacerda de Moura. Harmonia para criar um jeito de ser que não pertence ao Estado. Um jeito de ser que só pertence à própria mulher. Escolhas, decisões tudo isso tem a ver com as mulheres pesquisadas. O que elas escolhem viver? Quais as decisões que elas desejam tomar durante seus cotidianos? Tudo isso passa por elas e não por alguém que vai mandar nelas e ditar como deve ser suas vidas. É com profunda paixão que este trabalho aparece e se tece nessas leituras do cotidiano feminino.

Porém, este trabalho aparece para desmanchar mundos já prontos e constituídos. Aparece como força para que se criem novas relações entre os seres, relações livres de mandos e obediências, mas sim relações construídas na horizontalidade e na coragem da verdade. Pois a vida não pode ser hierárquica. A vida aparece quando palavras novas são soltas e não apreendidas. Libertar as palavras para que a vida surja como forma de acontecimento. Acontecimento aberto a inúmeras novas formas de dizer.

Dessa forma acredito que é preciso que estejamos atentos a novas formas de dizer, dizer de outro jeito ou então, se não se tem nada a dizer, que tudo se silencie. Dar importância ao que estamos dizendo, dizendo para si e para os outros, só assim podemos mover e arrancar coisas velhas do mundo, coisas que já não nos pertencem mais. Um mundo novo pede alegria, uma boa escuta e sabedoria para saber dizer. Dizer, sem reclamar ou cair no ressentimento. Não reforçar palavras inúteis e desperdiçar tempo com as ditas bobagens, mas sim afirmar a verdadeira sabedoria em saber o que dizer e para que dizer. É com esta força que me uni a estas mulheres para compor esta tese, cheia de perguntas e de dizeres interessantes, mais do que de certezas acadêmicas.

Uma Vera

Vera vende alimentos que ela mesma produz para a cooperativa chamada *Copercedro* que vai até a sua casa, no assentamento Carlos Marighella, uma vez por semana com um caminhão buscar os alimentos para revender nas feiras da cidade de Santa Maria-RS.

Para aperfeiçoar a sua prática na produção dos alimentos, participa de encontros na Associação Franciscana de Santa Maria. Nesses encontros, as mulheres reúnem-se uma vez por semana, para produzir os alimentos e, quando termina a reunião, cada uma pode levar um pouco do que foi produzido pelo grupo, para dividir com os amigos e familiares.

Fui convidada por Vera para participar deste grupo. Frequentei este grupo por dois meses e aprendi a fazer doces e salgados. Ali aparecia uma Vera, à vontade, com o papel de mulher que cozinha e que possui habilidades, características de mulher adaptada a moral cristã. Sabe-se que a cozinha é um

espaço historicamente ocupado por mulheres que foram educadas para gostar de cozinhar.

Todavia, Vera que mora no assentamento, é uma mulher que já tem muito conhecimento sobre plantação. Então, comecei a frequentar o assentamento, mas desta vez acompanhando Vera na plantação. Fomos minha mãe, meu irmão e eu até o assentamento Carlos Marighela. Fomos então, até a casa da assentada Vera. Ao chegarmos lá, Vera estava junto com seu filho ouvindo música no aparelho da televisão. Vera ofereceu chimarrão, tomamos o chimarrão. Vera fez um doce de figo que colheu na casa de sua filha que mora em Canoas-RS e um doce de abóbora, produzido no assentamento, para o lanche da tarde. Cabe ressaltar que são alimentos que não possuem agrotóxicos.

Logo em seguida, fomos ver as árvores nativas e as plantas medicinais do assentamento. Anotei em um papel a quantidade de árvores nativas e plantas presentes no assentamento, como: girassóis, cinamomo, guabiroba, bergamoteiras, amoreira aruera mansa, ingazeiro, guajuvira, uva do japão, pingo de ouro, flor da seda, paina, gradíola, tomateiro, roseiras, espada de são jorge, porongo, ginseng, lírio da paz, pitangueira, leucena, jambolão, amoras, guavirova, parreiral, lírio do campo, sabugueiro, mamica de cadela, ipês roxo e amarelo, natal, chuva de ouro, pé de goiaba, curuní, ameixa de inverno, goiaba branca, dama da noite, chefer, madeira louro, etc.

Em uma visita conheci o grupo de pessoas que residem no assentamento de agricultores. Ao longo do tempo, o Movimento dos Trabalhadores rurais sem terra (MST) acumulou muitas conquistas nos assentamentos, que também foram passíveis de críticas. Pois

Muitos são os críticos do MST que consideram que estes assentamentos, dependentes de financiamento governamental, no que seria uma tentativa de preservar artificialmente uma agricultura de minifúndios em regime de produção familiar, economicamente inviável diante das pressões competitivas da globalização, que exigiriam o desenvolvimento do agronegócio. Em resposta, o MST aponta para o fato de que o agronegócio também tem dependido de condições artificialmente favorecidas – fortes subsídios e créditos governamentais para produzir frequentemente em condições ambientalmente insustentáveis, ecologicamente danosas e socialmente excludentes. Em contrapartida, o movimento ressalta os ganhos políticos e sociais decorrentes da inserção produtiva de assentados. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_dos_Trabalhadores_Rurais_Sem_Terra – Acesso em 9 de maio de 2013).

Mas hoje a história é diferente. Em Santa Maria, no distrito industrial, desde o ano 2000, um grupo do MST foi assentado numa área de 300 hectares com a finalidade de desenvolver projetos coletivos.

Estes agricultores e agricultoras iniciaram a sua luta na forma coletiva, diferenciando-se dos

agricultores tradicionais. Tiveram ajuda do governo, na forma de financiamento público, via Banco do Brasil, para seus projetos coletivos. O Banco do Brasil financiou individualmente, sendo colocado mais dinheiro para uns e menos para outros. Como as dificuldades de sobrevivência eram muitas, os assentados não puderam pagar as contas ao Banco do Brasil. Aí começaram as rivalidades, disputas internas, procurando culpados para o problema.

No entanto, não podemos dizer que eles têm culpa do que aconteceu, pois foram as sucessões de crises econômico-políticas que impediram que estes assentados fizessem o pagamento ao Banco do Brasil. Hoje a direção do movimento Estadual luta para perdoar as dívidas dos pequenos agricultores assentados.

Por isso compreendemos a mudança de prática destes assentados: do coletivo para o individual. Mas a crise continua com a definição dos lotes. O Governo Estadual fez a demarcação dos lotes, mas continua a discordância, agora na questão divisória entre os assentados.

Porém, no assentamento foi criado um projeto. O projeto da padaria, no qual as mulheres colocavam uma mística¹⁰, criada para convidar os homens, para fazer parte do projeto da padaria. Para estas mulheres a ideia não está no agronegócio, mas na agricultura familiar dos pequenos agricultores. Além disso, o que Regina, uma das mulheres que mora no assentamento, colocou como sendo muito importante é a autonomia das mulheres. Apesar das repressões, do abandono da coletividade, continua ainda o valor da autonomia.

Segundo Michele Perrot (2008:110), por muito tempo as mulheres foram camponesas, ligadas aos trabalhos rurais, no período que precede a segunda guerra mundial. Na França, era essa a condição de quase metade das mulheres. No mundo, as camponesas são certamente ainda a maioria, se pensarmos na África, na Ásia e na América Latina.

Por que ocorreu a interrupção dos trabalhos coletivos dentro do assentamento Carlos Marighella?

Pode-se fazer uma comparação com fatos que aconteceram em outras partes do mundo e noutras épocas. Pois fatos semelhantes ocorreram na Alemanha e Áustria, após a Primeira Guerra Mundial. De debate em debate, havia perspectivas socialistas, em que os trabalhadores almejavam mudanças estruturais. O que foi encaminhado em 1919 com grande ímpeto, em 1920 acabou definitivamente. Weisel (1985) aponta dois fatores que determinaram essa situação: a imaturidade do

¹⁰ A mística “representa a alma da identidade sem terra e se expressa através da poesia, do teatro, da expressão corporal, de palavras de ordem, da música, do canto, dos símbolos do MST, das ferramentas de trabalho, do resgate da memória das lutas e de grandes lutadores, de lutadoras da humanidade, visa envolver todos os presentes em um mesmo movimento” (BAGETTI, 2000: 21).

movimento operário e a habilidade da burguesia. Pois,

Enquanto os trabalhadores conquistaram o poder, mas não a habilitação ao seu exercício, a burguesia, que havia perdido o poder, mas não a habilitação ao seu exercício, soube exercer a sua tarefa de deixar correr o tempo e agir no momento certo, para novamente reconquistá-lo” (Marcos e Fabrini, 2010).

No assentamento Marighella, o poder, a terra, foi conquistado de forma coletiva, uma forma de socialização. Mas não tiveram a habilitação ao seu exercício de socialização, o que os fez retornar à prática capitalista, no modo de produção no campo. O individualismo feriu e venceu a habilitação ao exercício da socialização.

Torna-se recorrente analisar o anarquismo e a discussão sobre a socialização da produção no campo, conforme a segunda parte do artigo em questão (Marcos e Fabrini, 2010). Poderiam ser analisados do mesmo artigo: o mutualismo, as origens das discussões ou as “velhas utopias”; Bakunin e o coletivismo; Kropotkin e o comunismo anarquista; um olhar sobre as experiências marxistas e anarquistas. Mas detenho-me na análise da socialização como conquista coletiva e na habilitação ao seu exercício.

Na Espanha, os coletivos tiveram que enfrentar dificuldades. A mais importante apontada foi a falta de fundos para que pudessem ser realizados investimentos em melhorias para a produção, como a aquisição de maquinário agrícola e sementes etc. Havia também dificuldades internas: nem todos os camponeses eram anarquistas e nem todos estavam convictos da eficácia da coletivização (Marcos e Fabrini, 2010).

Em 2013, as mulheres do Assentamento Marighela continuam suas atividades, em parcerias menores, em número de duas mulheres: Vera e Regina. Para elas consiste em passar o que se sabe e lidar diretamente com a terra. Continuam unidas. Segundo Regina, a pesquisa sobre as mulheres do assentamento é importante por que consiste em resgatar a memória do assentamento e organizar novamente as reuniões coletivas dos grupos de mulheres.

Vera narra um pouco sobre a sua história de vida.

“Sou natural de Bagé, RS: Me chamo Vera Rosane Arredondo Jorge. Data de nascimento: 24 de agosto de 1955. Estudei até a quinta série, trabalhava como empregada doméstica desde os doze anos de idade. Com 15 anos de idade, eu e minhas irmãs mais velhas saímos de Bagé para trabalhar em Porto Alegre. Trabalhei, ainda, como doméstica. Depois namorei, casei e tive filhos, parei de trabalhar e fiquei cuidando da casa e dos filhos. Depois me separei, passaram alguns anos, tornei a casar de novo, tive mais um filho. Hoje tenho quatro filhos. Sou assentada num assentamento da reforma agrária, em Santa Maria da Boca do Monte, no distrito industrial. O assentamento chama-se

Carlos Mariguella. O meu cotidiano é trabalhar na horta e faço pequenas produções de pães, cucas, salgados, bolachas e doces para vender na copercedro, que é uma cooperativa existente no centro de Santa Maria-RS”.

Continua Vera a sua narração: “*Antes de vir para o assentamento Carlos Mariguella, fiquei acampada um ano em Charqueadas. Lá a gente fazia reuniões todos os dias, uma de manhã e outra pela parte da tarde. Os temas tratados nas reuniões eram referentes a planejamentos sobre o que fazer quando fosse assentada, o que plantar no inverno, como gerar uma renda familiar a partir da terra e ter sempre um acompanhamento da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater). Eu também fui merendeira da escola itinerante Paulo Freire. Tínhamos um grupo de acampados, o nome do acampamento era 10 de dezembro, éramos um grupo onde trocávamos várias ideias a partir do coletivo, mas a maioria queria viver de forma individual pois diziam que grupos não davam certo, pois as ideias não fechavam. No acampamento também tinha mulheres solteiras e mulheres separadas com filhos, homens cuidando de seus filhos sem companheiras, tinha bastante crianças e jovens. O acampamento era localizado em uma fazenda emprestada, onde ficava localizada embaixo dos eucaliptos. Fazíamos várias ações contra os transgênicos, uma das ações foi de ir nos grandes mercados de Porto Alegre como Carrefour, Zaffari e Bourbon para falar às pessoas sobre os produtos que eram transgênicos e que faziam mal a saúde, questionávamos marcas como a Nestlé, a qual escraviza crianças na África, através do trabalho infantil em suas fábricas e também a Parmalat que compra leite dos pequenos agricultores e repassa muito pouco dinheiro de volta. O valor de leite é muito barato e os transgênicos da soja e do milho e contra a ocupação de terras destinadas para a plantação de eucaliptos”.*

Vera fala das lutas: “*Além destas intervenções, o grupo estava sempre mapeando as áreas, que poderiam ser destinadas para assentamentos. Outra ação do grupo foi contra a empresa Stora Enso que é uma empresa que planta eucaliptos e celulose. Quando começamos a montar os barracos para cortar os eucaliptos, fomos barrados pela polícia. Tudo começou de madrugada quando nos organizamos em torno de 10 ônibus entre assentados e acampados. A fazenda só tinha eucalipto e aí fomos acampar lá para fazer uma pressão para não plantarem eucalipto e aí começamos a cortar os eucaliptos e foi aí que a polícia invadiu o local e fomos tirados à força de dentro da fazenda. Tinha helicóptero vigiando a área, polícia montada e proibiram a imprensa de entrar no local, ficamos nas mãos da polícia, em torno de 48 horas, sem água e sem alimento, os policiais pegaram nossos pertences e levaram embora dentro de um caminhão. E quem não entregasse os pertences apanhava. Jogaram água nas crianças e derrubaram os barracos com pessoas dentro, surraram quem se*

atravessasse no caminho. Atiravam muitas balas de borracha e tinha que correr para não ser atingido. Teve pessoas que ficaram escondidas no mato da fazenda e somente depois de 48 horas foram resgatadas. Pedíamos muito socorro, foi quando a imprensa apareceu e fez pressão e nos levaram até um ginásio em Santana do Livramento, na fronteira com o Uruguai, onde ficamos abrigados, dormimos sentadas, crianças dormindo por cima das cadeiras e dos bancos. Foi com ajuda da diocese da cidade que começou a chegar alimentos e fraldas para as crianças. Para os adultos não tinha alimentação. Eu tinha um dinheiro que eu tinha colocado no meu bolso e pude ir, escoltada e vigiada pela polícia, até um posto de gasolina, onde tomamos água e um café. Depois voltamos ao ginásio e aguardamos a cozinha que o movimento carrega, aí fizemos um almoço coletivo na rua. Logo depois do almoço, chegou o caminhão com nossos pertences que era a identidades e a bolsa. Entramos para os ônibus e fomos libertados para vir, cada um para os locais de moradia”.

Vera, as crianças e a violência: *“Esta ação me deixou muito ansiosa devido a quantidade de crianças que estavam presentes no local, e chocada com a ação da polícia, pois acredito que eles não precisavam agir com a violência que agiram. Fiquei triste de ver as pessoas apanhando. Eu mesma tive que pular a cerca de arame farpado e me esconder dentro de um galinheiro e correr muito para não ser atingida por balas de borracha. A polícia veio atrás de mim no galinheiro e fez eu sair de lá. Teve uma companheira que o cavalo da polícia montada atingiu ela derrubando-a no chão. Ela ficou muito machucada, várias pessoas ficaram machucadas. As pessoas que eles conseguiam pegar, eles emparedavam tudo num lugar só. Jamais vou esquecer deste episódio, mas acredito que esta ação foi uma resistência a política dominante. Foi uma preparação para saber lidar com as dificuldades que a gente enfrenta no dia a dia. É preciso ficar bem forte para não se deixar dominar pelo medo. Tive medo da situação, pois não estava sozinha tinha várias pessoas passando pela mesma coisa pois ninguém sabia o que iria acontecer”.*

Em seguida, Vera faz análises: *“Logo após esta ação foi tudo comentado nos jornais e nas rádios. Foi comentando que o movimento queria derrubar os eucaliptos e foram presos por causa disso. Existem pessoas do movimento respondendo processo até hoje. Acredito que a luta dos movimentos sociais não deve parar, pois não estamos dados por vencidos. Tem muita coisa para resolver dentro dos movimentos, sem terra, sem tetos, porém falta uma política de verdade para a luta continuar. Uma luta para que a reforma agrária aconteça. Pois sabe-se que tem lugares que os acampados foram assentados em lugares precários, um exemplo disso é em São Gabriel, no Rio Grande do Sul (RS), onde um grupo de assentados está em situação precária, falta estrutura, não tem água e nem luz e nem acompanhamento adequado.*

Conclusões de Vera: *“Logo acredito que não devemos parar com a luta, para dar condições aos pequenos agricultores assentados, que o governo deve perdoar as dívidas e dar financiamento para comprar materiais para a agricultura. Não adianta lutar pela terra, se o agricultor não tem condições de fazer o plantio para a subsistência. Os pequenos agricultores devem ter um acompanhamento sério, pois não é dando bolsa família, que a pessoa vai se manter no campo. Inclusive até na infraestrutura do local, como arrumar as estradas que dão acesso aos assentamentos, irrigação adequada e também fazer mais açudes nos assentamentos. Apesar de tudo isso, fico muito contente, pois depois de tantos anos de luta (10 anos), hoje, eu tenho condições de trabalhar na terra, encaminhei meu talão de agricultora para poder encaminhar projetos para ter acesso a recursos e ajuda de custo como assentada. Como assentada me sinto feliz”.*

Seguem as questões que Vera respondeu referentes às entrevistas que realizei com ela.

O que é mulher?

A mulher é o sentido da vida, a mulher é a dádiva divina, nunca deixar de sonhar.

Como se chega a ser mulher?

Para ser mulher não precisa ser mãe. A escolha é de cada uma. Eu fui uma adolescente muito rebelde, eu cobrava muitas coisas da minha mãe. Por que minha mãe tinha oito filhas mulheres e ela nunca sentou para conversar sobre nada. A minha mãe era muito quieta e fechada, não tinha diálogo. Ela não conversava nada sobre sexo, nem pensar. Não podia nem ler romances ou revistas, não podia namorar. Eu nunca fui uma mulher independente, nem uma das minhas irmãs tinha liberdade. Eu tive a primeira filha com 21 anos, tive que sair de casa por que engravidei e tive que casar, me tornei mãe muito cedo, mas não que eu não gostasse de ser mãe. Gosto muito de ser mãe.

Em relação ao casamento, ele durou 12 anos e me separei por que não aceitei a traição, mas mesmo sabendo da traição tentava reatar pelos filhos, lutava pra ficar junto com ele por causa da família. Me senti muito magoada, por que ele não traiu somente eu mas sim os filhos. Eu não trabalhava fora só cuidando da casa e dos filhos daí chegou uma hora que eu cansei.

Fui trabalhar fora, arrumei creche para as crianças. Quando não tinha creche, pagava alguém para cuidar dos filhos. Eu tive que trazer alimento para dentro de casa, tive que ser pai e mãe. Eu trabalhava de diarista e quando eu chegava do serviço ainda tinha que amamentar. Amamentei a Eliane até os três anos de idade e o Leonardo até os três anos de idade. Assim que eu chegava do

serviço eles me jogavam no sofá e vinham mamar. Na minha separação todos os filhos sentiram a falta do pai, inclusive a Eliane sentiu muito. Depois de certo tempo ela foi morar com o pai e com a madrasta e depois passado um tempo ela me contou que a noite ela chorava muito sentindo a minha falta. Saber ser mãe está ligado a ser mulher. Pois acredito que amamentar consiste em fortalecer o vínculo entre mãe e filhos.

Para você, qual a relação entre ser mulher e ser mãe?

Tem muitas que não conseguem terem filhos. Tem umas que ser mãe pois é a natureza delas. Somo oito irmãs mulheres só uma não é mãe, pois nunca conseguiu ter filhos.

O que é mais importante em ser mãe?

Eu adorei ser mãe, criei uma responsabilidade comigo mesma.

Como é a sua relação como seus filhos?

Tenho uma convivência bem aberta com meus filhos, temos um carinho um pelo outro, tem amizade.

Qual a pergunta mais interessante que eu lhe poderia lhe fazer neste preciso instante?

O que eu pretendo fazer da minha vida a partir de hoje na comunidade onde moro? Eu quero me relacionar bem com as pessoas do meu convívio e não ter problemas. Conseguir a minha subsistência de vida.

Vera teve uma vida marcada, marcada pelas relações que teve. Vera teve que sair de casa por que engravidou. Logo se tornou mulher por que teve uma filha. O que fez com que a sua própria família mudasse a maneira como ela era vista. Antes de engravidar, Vera era uma menina e depois que engravidou tornou-se mulher. Logo ela teve a obrigação de sair de casa e casar-se. Ficou 12 anos casada e depois separou-se, conforme ela mesmo diz, que depois que ela se separou, foram as crianças que sofreram mais. Vera é uma mulher que assumiu sozinha a carga de ser mãe, pois logo que se separou teve que sustentar seus filhos e cuidar deles assumindo papéis de pai e de mãe. Vera acredita que é uma mãe dedicada a seus filhos. O que é interessante destacar aqui é a relação que ela estabelece

com seus filhos. Vera continuou sua vida sozinha e teve coragem de trabalhar e cuidar das crianças.

Logo, pode-se dizer que Vera é uma mulher independente, Muitas mulheres não gostam de serem mães ou, se assumirem somente como mães, outras não querem ter filhos. Mas Vera gostou muito de ser mãe. Hoje Vera não mora com suas filhas, que já estão crescidas. Vera mora com um outro companheiro e o seu filho Leonardo no assentamento. Vera é uma mulher que dedicou sua vida para cuidar de seus filhos.

Além disso, ela luta para viver bem na comunidade ao dizer que, quer ter uma vida melhor para si e para os outros. Isto está aliado ao que Foucault diz sobre o cuidado de si, ou seja, para cuidar do outro é preciso que tenhamos o cuidado de si. Vera cuida muito bem de sua vida. Hoje ela vive a partir de sua própria subsistência, fazendo pães e bolachas para vender. Vera não teve tempo de parar para sofrer a perda da separação. Aqui neste caso, muitas mulheres sofrem devido a separações e perdas que tem na vida. Vera ao contrário, se mostrou forte, teve o ímpeto de saber que tinha filhos para criar. Ela resistiu diante das dificuldades que encarou, pois a vida segue.

Por conseguinte, ela cuidou de seus filhos, não de uma forma burguesa, mas educou para a vida. Aqui vemos a importância da maternidade consciente para a vida das mulheres. Saber ser mãe e educar os filhos bem mesmo diante das dificuldades que aparecem na vida das pessoas. Porém muitas mulheres não conseguem educar seus filhos da forma como Vera educou. Pois Vera viveu a sua solidão, encarou isso tudo sozinha. Hoje em dia, existem, porém, muitas mulheres que não conseguem criar seus filhos sozinha, precisando da ajuda de outras pessoas. A Vera cuida dela e dos outros e é um cuidado em ser livre, esta liberdade está associada a um pensamento feminista que não está atrelado ao governo. É um pensamento feminista móvel e rizomático pois existe uma produção de vida o tempo inteiro. Uma vida que não se cansa com a rotina, mas uma vida que é criada junto com as pessoas na comunidade. Aprender a viver em comunidade é uma questão importante, aprender a trabalhar junto de forma coletiva é uma das premissas de Vera para a sua vida. Portanto Vera, vive os feminismos quando pensa sobre si e os outros.

Uma Lúcia

Lúcia apresenta-se ela mesma, num texto em que fala de sua trajetória de vida.

“Me chamo Lúcia Eunice Bagetti. Nasci em 13 de dezembro de 1956 em uma pequena localidade chamada Sede Nova, município de Humaitá, Estado do Rio Grande do Sul. Nessa época existia poucos hospitais e meus pais moravam longe de cidades maiores e por isso o meu nascimento foi feito em casa, com parteira. Partos em casa era uma prática comum no interior. Morei com meus pais até os dois anos, depois disso, morei com meus avós, tios e tias”.

Lúcia fala do início da sua vida: *“Sou filha de agricultores, meu pai de origem italiana, minha mãe brasileira. A família era numerosa com nove irmãos. Quando tinha 1 ano e 6 meses, meus avós maternos levaram-me para morar com eles. Eram muitos filhos e minha mãe não tinha como cuidá-los. Passei a morar em outra localidade chamada Rincão Reúno, município de Campo Novo, RS. Meus avós tinham armazém de Secos e molhados”.*

Lúcia na escola: *“Comecei a frequentar a escola com 6 anos de idade e gostava muito de estudar. Fiz o primário numa escola de Zona Rural. Não tendo mais o que estudar ali, fui para uma escola do município de Campo Novo-RS, frequentar o antigo ginásial. Saía às 6 horas da manhã, de lotação e ia até a escola. Durante quatro anos, fiz o trajeto, onde as estradas eram ruins. Depois disso me formei e continuei o 2º grau até me formar”.*

O casamento, o trabalho e os estudos de Lúcia: *“Casei-me e tive quatro filhos. Iniciei a faculdade de letras na cidade de Ijuí, RS, distante 100 quilômetros de onde morava. Enquanto estudava, fui contratada para trabalhar numa escola, 20 quilômetros de distância da minha cidade. Ia todos os dias com outros professores. Na escola a gente dividia as turmas numa mesma sala. Da 2ª série até a 5ª série. Usava o quadro dividindo as aulas para cada turma. Tínhamos que fazer a merenda, servi-los e deixar tudo limpo ao sair. Tive uma vida com muito trabalho e dedicação. O salário era baixo mas gostava do que fazia. Continuei lecionando numa escola Estadual, onde vim removida para a mesma. Lecionei 5ªs e 6ªs séries na disciplina de língua portuguesa. Trabalhei 27 anos nesta matrícula e aposentei-me”.*

Novas atividades de Lúcia, que fazem a diferença na escola: *“Em 1990 fiz um concurso para área 3 de língua portuguesa e então comecei a lecionar nas turmas de 7ª e 8ª séries. No ensino primário trabalhei com a hora do conto, história em quadrinhos, poemas, poesias e literatura de*

cordel. Trabalhei com EJA, à noite lecionando literatura e português. Fiz um projeto de inclusão e cidadania fazendo as carteiras de identidade dos próprios alunos na escola”.

A vida de Lúcia na infância: “Minha infância foi muito saudável e divertida. Brincava muito de subir em árvores, tomar banho de rio, andava a cavalo e de carroça estava sempre em contato com a natureza pois era uma pequena localidade chamada Rincão Reúno. Nos domingos, com as minhas vizinhas brincava de caçador, jogava cinco Marias, que era um jogo de pedrinhas, onde duas ou três pessoas jogava para cima as pedrinhas e tinha que pegar as pedrinhas, quem derrubasse perdia o jogo, brincava de esconde-esconde, brincava de roda, “ciranda cirandinha”, brincava de dizer versos, pular corda, gata cega onde uma criança colocava uma venda nos olhos e saía a procurar as outras, de caçador que era duas goleiras e as pessoas ficavam no meio, a pessoa da goleira jogava a bola em alguém que estaria no meio se acertasse a pessoa sairia e quem ficasse por ultimo sem que se acertasse a bola ganharia o jogo, brincava de casinha construía casinha de madeira com a ajuda de um adulto, pegava panelinhas e fazia de conta que cozinhava com flores de árvores, todas as brincadeiras era somente meninas jogavam pois os meninos jogavam bolinhas de gude . Brincava de bonecas de pano e de plástico. À noite os adultos se vestiam de fantasmas e iam assustar as pessoas, com isso havia muitos gritos e risos. Em dias de chuva, tomava-se banho de chuva.”

A influência da religião na vida de Lúcia: “Tive uma formação religiosa, pois desde pequena ia à igreja, frequentei a catequese para fazer a primeira comunhão. Os padres tinham uma ligação grande com as famílias da localidade, iam pois benzer e visitar as famílias. Eram feitas festas nas igrejas onde todos participavam para ajudar nas despesas da paróquia. As pessoas tinham que contribuir com o dízimo todos os meses e pessoas que não eram casadas não podiam batizar seus filhos na igreja católica”.

Apesar das dificuldades, tanto na escola, quanto financeiras e do sustento dos filhos, Lúcia sempre foi criativa em suas práticas escolares e teve uma vida profissional intensa: “Iniciei minha atividade profissional como professora municipal, em 6 de agosto de 1976, numa escola chamada Coronel Finzito, município de Campo Novo, RS. Nesta época tive que lecionar todas as turmas, de 1ª a 4ª séries, que era o currículo. Colocava todos os alunos em uma única sala e dava os conteúdos. Dividia o quadro em quatro partes, para separar os conteúdos por série e explicava para cada série. Morava a vários quilômetros de distância da escola, e para diminuir os gastos, dividia as despesas de viagem de carro com outra professora. Não foram atividades fáceis para uma professora, que cursava o primeiro ano do Ensino Médio, curso de Contabilidade, mas foi gratificante, me introduzi na carreira do magistério. Depois desta, assumi outra escola do município, na sede, denominada Escola

Vila Pinheiro, lecionei a segunda série do antigo primário. Ao mesmo tempo coordenava o Ensino Religioso do município e também fui secretária da Paróquia São Sebastião da pequena cidade, recebendo para tantas atividades apenas o salário mínimo regional, 2.107,00. Depois de ter concluído o curso de contabilidade, segundo grau, fiz o vestibular na Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), distante 100 km de minha residência. A intenção era colaborar com o sustento da família tendo uma carreira mais remunerada. Para tanto necessitava especializar-me e ter mais conhecimentos como professora. Em seguida, fiz concurso no Estado e assumi como professora Estadual de português, no Ensino Fundamental, no município de Braga a 9 km de minha localidade. Trabalhei também como professora estadual em Campo Novo, Santa Maria, Porto Alegre e novamente em Santa Maria, RS. Foram muitas lutas como professora. Enfrentei várias greves por reposição salarial. Tive faltas não justificadas, descontos de salários e outras penalidades. Tive todos os tipos de alunos. Alunos com dificuldades na aprendizagem e dificuldades financeiras, mas sempre, tentei dar o melhor de mim para ajudá-los. Na vida, tive quatro filhos e sempre estive ao lado deles, incentivando-os para que estudassem. Trabalhei com uma revista com história em quadrinhos. Atualmente estou aposentada de 20 horas, depois de 30 anos de sala de aula. Ainda leciono 20 horas. Gosto de trabalhar com textos produzidos pelos alunos. Também trabalho com poemas e faço oficinas poemas livres e rimados. Os assuntos das redações são assuntos atuais, ex: adolescência, natureza, amor, alegria, fatos políticos, etc. Incentivo os alunos no gosto pela leitura, fazendo aula de literatura semanal. No final de cada trimestre eles fazem o resumo dos livros lidos. Vou sempre lutando e esperando que a educação seja prioridade para os governos e que tenhamos um futuro melhor para nossos filhos”.

Lúcia no Colégio:

Inicialmente, Lúcia¹¹ trabalhou com alunos da sexta série do ensino fundamental. Iniciou um trabalho de produção textual, nesta série. Levou vários poemas e poesias, palavras soltas, e pediu para que escrevessem sobre as mesmas. Exemplos: Amor, natureza, adolescência, paz, família, paixão e etc. Depois da escolha das palavras, cada um montou os seus poemas e poesias com muita criatividade. Perguntei para Lúcia a diferença entre poema e poesia. Ela diz que poema é um gênero textual que se constrói com imagem, com sonoridade, com ritmo. Se caracteriza por ter versos e estrofes. E poesia é a atividade de produção artística. Sentaram-se em grupos de quatro ou cinco alunos, fizeram seus textos, enquanto Lúcia verificava a estrutura das frases e realizava as correções das mesmas. Em seguida, foi

¹¹ Professora do Ensino Fundamental, leciona a disciplina de Português na 6ª série da Escola João Belém localizada na cidade de Santa Maria -RS.

feita uma exposição, na escola, com as produções dos alunos para os pais, para os alunos, para os professores e para a comunidade em geral. A professora Lúcia trabalhou os poemas e poesias em formato de cordel, para que todos tivessem fácil acesso aos mesmos, fato que foi muito elogiado por professores, alunos e comunidade escola (sete de novembro de 2011).

Lúcia também fez um trabalho que contribuiu para a construção de uma micropolítica do cotidiano. Foi dado um texto sobre racismo e preconceito escrito por uma jovem chamada Leana. Em seguida, os alunos discutiram o tema e falaram dos tipos de preconceitos que já sofreram. Após as discussões, os alunos criaram frases e slogans sobre o tema. O trabalho foi corrigido e exposto num mural da escola para a leitura de todos. Os alunos gostaram do trabalho por quê complementou as questões que foram debatidas em sala de aula.

Jardinagem (só Lúcia): No Edifício Eugênia, onde mora, Lúcia fala sobre as flores que ela cultiva e está regando. Tudo começou com a preocupação do embelezamento do prédio e valorização do meio ambiente. Fala como surgiu o canteiro: quem iniciou foram as mulheres, os homens não se envolveram. A terra foi revolvida e acrescida de adubo orgânico e comenta sobre o cuidado que se deve ter com a natureza, com a preservação do meio ambiente e embelezamento da área coletiva do prédio.

Feitio do pão caseiro (Lúcia e eu): De início, Lúcia explicou como se faz um pão caseiro. “Aí colocamos a mão na massa”. Foi colocada uma bacia com um pouco de água morna, uma colher de fermento em pó, duas colheres de azeite, dois ovos, e uma porção de farinha de trigo até dar ponto à massa. Depois amassamos o pão na mesa, sovamos e fizemos pãezinhos, colocando-os numa forma de alumínio. Deixaram crescer, por uma hora, e depois colocamos para assar. Em seguida os pães foram degustados.

Lúcia também gosta de escrever poemas. Reproduzo aqui, com sua autorização, alguns poemas escritos por ela.

És bela

És linda

Mas quem

Você é

Não sei ainda!

Mulher

Quem és tu, mulher?

Meiga, sincera, honesta

Batalhadora, lutadora

Derrama lágrimas

Pelos filhos

Pela vida

Por tropeços

Mas sempre viva

Sem jamais desistir

da luta, da vida!

Amor

Amor é paixão

Quem mora

No coração

Das pessoas

Tem peso

Tem energia

Brilhando

Noite e dia

No coração

De todas

As marias!

Vida

Oh! Vidas vividas

Estás em tudo,

Em todas

Na mata, nas aves,

Nos rios, nas pessoas

Em tudo o que respira

E em todos os seres

Vibrantes

Alucinantes!

Mulheres

Branças, pretas

Todas as cores

Todos os amores

São imprescindíveis

No mundo, na vida

São bases para um

Mundo melhor

Onde brilhe o sol

Para todos

Filhos

Amamos, lutamos

Por eles

Em qualquer tempo

Somos fortes

Guerreiros

Lutadores

Libertadoras

Mulheres de todos os tipos

Branca, Preta, mulata

de todas as raças

de qualquer cor

Não importa onde for

Todas são iguais

Mesmo sendo diferente

Convivem com a gente

Preconceito

No Brasil sempre existiu

Pessoas discriminadas

Vivendo marginalizadas

Com muita tristeza e dor

Vivem sem amor

Nas ruas abandonadas

Horta

Verduras, plantas germinadas recebendo a luz das solitárias.

Criando vidas e dando colorido a natureza!

Que beleza!

Natureza

Milho pipoca

repolho

alface

almeirão

salsa

cebola

melão

limão

alecrim

manjericão

Fazemos salada

Que confusão!

Natureza e concreto
Não podem gerar confusão
O homem e mulher
Vivendo e sonhando
No ar puro e na brisa da manhã
O tijolo quebrado
Cimento misturado
Cal, água, coisas da natureza
Ajudando o homem na construção

Todos trabalham
Luta diária
Folha caída
Pedra rolando
Galhos quebrados
Noites escuras
E a aurora
Na vida de cada um

Seres humanos

Muitos são bons, Outros maus e perversos

Levam a vida

Zombando dos outros

Mas o dia deles chegará

Não tardará

Pensamos fazer a horta

Tudo muito organizador

Mexer na terra faz bem

Plantar, cuidar o lavrado

Pensar faz bem

Pensar orienta

Pensar, a gente

Sempre experimenta

Algo de diferente

Alecrim, cebola, tomate

repolho, alface e chicória

Tudo fica muito gostoso

No prato do indivíduo

Fortalece o corpo e torna tudo colorido

Folhas caindo

Pássaros voando

Vento soprando

E o sol brilhando

Na tarde bela de Itaara

Vidas passadas

Vidas recentes

Vidas estranhas

Vidas diferentes

Mas tudo é vida

Minha vida é linda

Você também é

Será que sabemos

O futuro de cada

Um como será?

A vida é um jogo

Onde ganhamos e perdemos

Todos os dias

Construímos sonhos

Alimentamos Vidas

Caminhamos sempre

Em busca da partida

Deus

Oh! Deus

Olhar por nós

Viverei aqui

Ali, lá

Com certeza

*Chegarás à noite,
a tarde
Um dia desses
Talvez.*

*Consciência
No fundo da alma
Grita sem saber
Mas estás consciente
Do que pode fazer!
Estás vivo e pensante
Chora, ama, sorri
Neste mundo
Tão ausente
Vivo pensando em ti*

*Vida
Vi tantas coisas
Nesta vida*

*Que contando ninguém acredita
Coisas boas e ruins
Alegrias e tristezas
Mas tudo valeu a penalidade
Apesar das incertezas.*

*Mulher
Mulher! Nome forte
Corajoso
Amoroso
bondoso
Ergues nas costas os filhos
Para não deixar as coisas
Sem solução
Para os que virão.*

*Sonhos
Sonhos, projetos*

Todos ambicionam

Uns conseguem

Outros não.

Pois vivem

Na ilusão.

Riqueza

Ser rico é

Saber ouvir

Falar, calar

Ajudar

É viver com o quebra-cabeça

Do que se têm.

Beleza

Beleza, destreza

Delicadeza

Todos possuem

Dentro de si

*Mas há também
A fera adormecida
Que de repente
Surge em
Cada um
De nós.*

*Metas
As mulheres querem
Carinho, amor
Amizade, tranquilidade
Paz em seus corações
Para viverem
Muitos verões
Com seus amados!*

*Felicidade
Palavra simplesmente
Complicada*

*Para muitos,
Dizem que
Não existe
Mas faz parte
Do universo
E temos que
Tentar alcançá-la
O sol
O sol nasceu
Para todos
Mas tem gente
Que vive na escuridão
Sem ter a noção
De uma vida
Prá frente, inteligente.*

*Diferenças
Homens e Mulheres
São diferentes*

*O homem escuta
A mulher fala
Se contradizem
Brigam, sorriem
Mas se completam.*

*Pessoas
Convivi com pessoas
Muito diferentes
Alegres, tristes
Sofridas, amadas
Humilhadas
Mas todas
Levando
Uma vida decente.*

*Horas
Horas passadas
Horas perdidas*

Relógio correndo

Contra o tempo

É fim de ano

Cantamos alegres

Esperamos amores

Paz, luz e flores.

Além de escrever poesias, Lúcia em parceria com seu esposo, Vilmar Bagetti, em abril de 2012, compraram um terreno, localizado na rua Bons Amigos de Mário Grassi, bairro Cidade Oásis, Itaara-RS.

No terreno, seguimos uma proposta da permacultura¹², tendo o cuidado com a terra, cuidado com o solo, cuidados com as pessoas e a restituição dos excedentes. Reutiliza-se a água da chuva num reservatório, uma caixa d'água de 10 mil litros. Esta água é aproveitada nos banheiros da casa, no jardim, na horta e na limpeza em geral.

Neste terreno há muitas árvores nativas, flores, plantas medicinais, como lírio do campo, pitangueira, limoeiro, fruta do conde, japeganga. Depois de ver, sentir e cheirar toda estas plantas, construímos um galpão com banheiro, água e luz e fizemos um *jardim*, plantamos beijos, palmas, sálvia, milho pipoca, babosa, manjeriço, alecrim, flor da seda, ginseng, madre silva, boldo, gervão, inhame, samambaia, orquídea, roseiras.

Em seguida fizemos uma *horta* onde foram semeadas algumas verduras: alface, almeirão, cebolinha, melão, abobora, milho pipoca, porongo; estas plantas estão germinando.

São objetivos para o jardim: a) ocupar um espaço permanentemente, b) não poluição para plantas, solos ou água. c) reciclar toda a matéria orgânica, gerada no dia a dia, d) reduzir a distância da comida. Para Morrow (2010: 111): “se você não tiver objetivos de design para um jardim de vegetais: você pode desperdiçar dinheiro e recursos. Pode ser dependente de alimentos trazidos de longa

¹² A permacultura é um método [holístico](#) para planejar, atualizar e manter sistemas de escala humana ([jardins](#), [vilas](#), [aldeias](#) e [comunidades](#)) [ambientalmente sustentáveis](#), socialmente justos e financeiramente viáveis. O termo provém do inglês *permaculture* e foi cunhado por [Bill Mollison](#). Trata-se de uma contração das palavras *permanent agriculture* (agricultura permanente) ou *permanent culture* (cultura permanente). A sustentabilidade ecológica, ideia inicial, estendeu-se à sustentabilidade dos assentamentos humanos locais. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Permacultura>.

distâncias. Poderá se tornar um poluidor”.

A horta carrega as funções de absorção da água da chuva e como segurança de um suprimento constante de alimentos livres de produtos químicos. Outra função é ser um habitat para a vida silvestre e predadores de insetos. Diariamente observa-se a visita de passarinhos na horta, como tico tico, sabiá e joão de barro. Casais de juriti se aproximam e fazem o ninho em lugares mais altos, um deles se alojou no telhado, e visita o pomar.

Todavia, nada fazemos isoladamente neste terreno. Mas estamos criando um habitat humano, onde há um processo, um devir. Faremos um sistema permacultural. Com planejamentos, decidindo prioridades, fazendo prospecção dos recursos, desenvolvendo um núcleo inicial e para a sequência. Este núcleo inicial será uma micropolítica a partir das necessidades e da convivência para 2014 e os anos seguintes.

A seguir, as respostas que me deu Lúcia nas entrevistas que com ela fiz.

O que é mulher?

A palavra mulher é uma questão difícil de ser respondida. A mulher é alguém num universo de seres humanos, com necessidades de alegria, tristezas, prazer, amor, compreensão, dedicação e enfrentamento de um cotidiano carregado de compromissos.

Mulher é ser forte, amiga, companheira, boa mãe, boa profissional e capaz de viver pelos outros e para os outros. Mulher é um ser que pensa como ter uma vida tranquila e feliz ao lado da família e dos filhos, irmãos, pai etc. Mulher é lutar sempre. Acreditar nos seus direitos e cumprir seus deveres na sociedade. É lutar por justiça social.

Como se chega a ser mulher?

Quando alcançamos a maturidade e sabemos enfrentar os desafios da vida, lutando e batalhando no dia a dia. Ser independente dos homens, emancipar-se.

Qual a pergunta mais interessantes que eu poderia lhe fazer neste preciso instante?

Você é feliz?

Aqui caberia perguntar: Que mulher Lúcia compõe? Lúcia compõe uma mulher com necessidades de sentimentos, isto é, uma mulher conectada ao território familiar. Quando Lúcia comenta sobre sentimentos como alegria, tristeza, prazer, ela fala de uma mulher que está voltada para os outros num enfrentamento de um cotidiano carregado de compromissos, ou seja, compromisso com sua família. Ela coloca que ser mulher é ser forte, pois quando se tem uma família é preciso que haja força, é preciso também ser companheira e amiga, boa mãe. É o que vemos com muita frequência no cotidiano de muitas mulheres, que associam a palavra mulher a ser “mãe”. Mas não é ser somente mãe, é preciso ser uma boa mãe. Então pergunto: Existem mães boas e mães más? Ou ser mãe é algo que foi inventado como um mito, um “mito do amor materno”? Em seu livro: *Um amor conquistado, o mito do amor materno* Elizabeth Badinter (1985: 2) questiona: Será o amor materno um instinto, uma tendência feminina inata, ou depende, em grande parte, de um comportamento social, variável de acordo com a época e os costumes? Diz ainda que o instinto materno é um mito, não havendo uma conduta materna universal e necessária. Então: Por que algumas mulheres que abandonam os filhos, ou mesmo, não desejam serem mães, são consideradas muitas vezes como anormais?

A ideologia da maternidade vivida nos dias atuais e nascida com a sociedade burguesa patriarcal confere a todas as mulheres a faculdade natural de amar sem restrições e de cuidar da criança que concebeu sob quaisquer condições. As que recusam de algum modo este destino biológico e social são consideradas exceções e recebem com frequência o rótulo de anormais. A falta de maternagem é frequentemente encarada como uma falha que envolve a própria identidade da mulher. Não sendo mãe, que mulher é essa? (Motta, 2008: 63).

Lúcia é uma mulher que tem uma família e acredita que para ser mulher é preciso ser uma boa mãe, a que é devota de seus filhos. Segundo Motta (2008:65) “*O mito da boa mãe sempre foi eficaz para os costumes familiares e distribuições de papéis. Se é a fisiologia da mulher que lhe permite procriar, ela é portanto que pode mulher maternar*”.

Entretanto, muitas mulheres modernas, principalmente, as mulheres que quando não conseguem ter filhos fazem inúmeros tratamentos médicos para ter um filho, ou ainda, mulheres que expõem seus filhos na internet, com vídeos e fotografias dos partos, e até mesmo, de passeios com os pequenos, que são realizados nos finais de semana. Mais ainda, vemos o crescimento de um mercado de produtos para os bebês e crianças pequenas, para a mãe consumir. Logo, o investimento para ser uma boa mãe está aliado a uma rede de consumo. Pois a boa mãe de hoje não é a mesma boa mãe, de que Lúcia fala. Porque Lúcia criou seus filhos sem consumir este monte de parafernalias.

Lúcia diz que ser mulher é ser uma boa profissional. Pois, nas conversas informais que tive com Lúcia, ela diz que, antigamente, muitas mulheres não trabalhavam fora. O trabalho era o de dona de casa: lavar, cozinhar, passar etc... Era uma jornada pesada. Porém, com a modernidade a vida mudou, há uma exigência para uma vida mais digna para a mulher, por isso ela está saindo da “cozinha” para trabalhar fora. Por conseguinte, ela conseguiu a sua liberdade financeira, quando começou a trabalhar fora.

No entanto, a vida para as mulheres poderá ser mais fácil, quando ajudadas pelos seus maridos nas lides domésticas. Por sua vez, a mulher ajuda financeiramente, ganhando um salário para o sustento do lar e se realiza profissional e pessoalmente. Assim não precisará pedir dinheiro para o esposo e terá mais liberdade para fazer compras com seu dinheiro.

Lúcia comenta que gostaria de ser farmacêutica, mas acabou se tornando professora devido aos afazeres para com a sua família. Como ela não teve tempo de estudar para outro vestibular mais concorrido, optou por ser professora, assim estaria mais perto de sua realidade.

Um discurso do governador do Piauí, ao reabrir a escola Normal, em 1910, no qual se diz que as mulheres são preferidas para desempenhar a docência por causa da sua vocação (afeto e aptidão para ensinar crianças) e porque a exiguidade dos vencimentos que o Estado oferece aos professores não permite que o homem exerça essa função, sendo a mulher mais resignada e fácil de contentar, e quase sempre assistida pelo marido, pelo pai ou pelo irmão, por isso podendo aceitar o professorado e desempenhá-lo com assiduidade e dedicação, apesar da baixa retribuição (Rabelo, 2010 apud Kuleska, 1988:70).

Logo, o que se questiona é o fato de muitas mulheres desde o início do século ganharem menos dos que os homens e também a profissão de professora estar aliada a ser mulher.

Lúcia nasceu na década de 1950, época que houve uma geração de mulheres que é integrada ao mercado de trabalho como professora. Ser professora permitia o exercício de todos os atributos que constituíam uma identidade materna: dedicação aos outros, generosidade, bondade, amizade, doação, etc.

O feminismo, em sua história, investiu em uma série de lutas, lutas a favor dos direitos das mulheres, direito até mesmo delas ganharem os mesmos salários que os homens. Mas o que questiono é a razão de as mulheres quererem este lugar, de igualdade trabalhista com os homens O que vemos é que esta questão perdeu um pouco de sua força devido a muitas mulheres quererem o lugar do homem em nossa sociedade, ou seja, um lugar masculinizado. O trabalho tornou-se algo que deve ser

questionado. Acredito que a mulher deve trabalhar sim, mas não para ter posto de trabalho masculino, assumir um lugar dominado. Esta seria a mulher que adere a este modelo burguês de trabalho. Sendo que o homem em nossa sociedade também é oprimido, então, por querer o lugar dele?

Na década de 1950, o que estava reservado para a mulher, muitas vezes, era ser professora. Mas o que temos hoje é bem diferente. Temos um excesso de imagens e palavras relacionadas às mulheres, que servem a um modelo típico da mulher bem sucedida, mulheres que fazem de tudo para ter sucesso profissional. Mulheres que seguem nesta empreitada até mesmo junto com os homens. Existe até mesmo livros ensinam a competir no mercado de trabalho, um exemplo disso é o livro de Gustavo Cerbasi, *Casais inteligentes enriquecem juntos*. Segue abaixo um breve resumo do livro.

Grande parte dos problemas de relacionamento dos casais começa no dinheiro – no excesso ou na falta dele. Quando a renda do casal não dá conta dos gastos do mês, o dia a dia tende a uma desagradável monotonia e qualquer proposta mais romântica que envolva algum gasto é cortada pela raiz. As dificuldades decorrentes desta escassez geram conflitos entre o casal, que nem sempre percebe que o problema é financeiro. A frase “o dinheiro não está sobrando” pode ser traduzida pelo outro como “falta de romantismo”, “relacionamento caindo na rotina”, “ele é um pão-duro”, “ela não tem controle”, ou “essa não é a vida que eu esperava”. A falta de dinheiro enterra sonhos. O grande charme do dinheiro está no fato de ele raramente se mostrar claramente como o vilão da história. Se falta dinheiro para um jantar romântico, o problema percebido é a falta de romantismo; se falta dinheiro para renovar o guarda-roupa, o problema percebido é o desleixo; se falta dinheiro para levar as crianças ao parque, o problema percebido é a falta de carinho. Todos culpados disfarçados de um erro comum: falta de habilidade em lidar com o dinheiro ou de torná-lo suficiente. Por outro lado, quando a renda do casal é maior, raramente os dois chegam a um acordo sobre os hábitos de consumo de um e de outro e sobre a melhor maneira de administrar as finanças, o que também origina conflitos. Um reclama dos hábitos perdulários do outro, que, por sua vez, acha que muitas conquistas do casal estão sendo adiadas em razão dos desperdícios do parceiro. E os motivos para conflitos e discussões explosivas vão se acumulando. Uma vida a dois planejada e com objetivos é mais feliz. Tenho constatado isso nos depoimentos que recebo de leitores que conseguiram administrar bem suas finanças ao longo dos anos e hoje desfrutam de uma vida sem privações. Também tenho ouvido, consternado, pessoas com certa idade confessarem que, se tivessem aprendido no passado algumas simples lições sobre a administração de seu patrimônio, hoje teriam uma vida mais folgada financeiramente. Dependendo do perfil financeiro de cada um de vocês dois, o relacionamento pode ter tudo para dar certo – inclusive financeiramente – ou tudo para ser uma verdadeira bomba-relógio. É preciso aprender a lidar com o perfil de seu parceiro e criar condições para que os sonhos sejam conquistados e comemorados a dois, sempre. Compreendam melhor questões como: • Os benefícios de um planejamento financeiro de longo prazo • Dicas para presentear seu amor gastando menos, • Crises financeiras do relacionamento • Vida a dois: até que ponto juntar tudo • As finanças dos casais com filhos • Planos de previdência e seguros • Como lidar com a mesada • Como resistir à tentação de gastar • Como lidar com a herança. (Acessado em 07/11/2013 disponível em <http://www.maisdinheiro.com.br/livros/9/casais-inteligentes-enriquecem-juntos>)

Este livro faz parte de uma série de bibliografias que associam, sem meias palavras, a

inteligência de homens e mulheres ao dinheiro. Então, para ser rico e acumular dinheiro tem que ser inteligente junto. O livro mostra uma série de normas e regras para ser bem-sucedido, ensina como fazer dinheiro de uma forma capitalista. Esta bibliografia é indicada para casais que desejam enriquecer juntos. Nas conversas que tive com Lúcia, percebi que ela nunca teve acesso a este tipo de leitura, ou, mesmo, nem sabe da existência deste tipo de leitura. Lúcia é casada, mas nunca teve a intenção de se unir ao seu companheiro para enriquecer. Da mesma forma, lendo sobre a sua história de vida, percebe-se que ela teve que vencer muitas lutas na vida. Vencer a luta de criar quatro filhos, dar aulas como professora, cuidar da si mesma, cuidar da sua casa, cuidar da sua vida.

Todavia, existem muitas mães diferentes em nossa sociedade. Mas Lúcia é uma mãe enorme. A palavra mãe é o que mais aparece em sua vida. Enquanto outras mulheres ocupam cargos públicos e dedicam sua vida para isso, Lúcia assim como Vera, dedicou grande parte de sua vida a ser mãe. Existe também uma bibliografia que ensina a ser mãe; é uma leitura destinada para “mães de primeira viagem”, o livro é intitulado: *Mãe de primeira viagem*. O livro propõe:

Saber da chegada do primeiro filho deixa as futuras mães um tanto atordoadas e cheias de dúvidas, afinal de contas, o bebê não vem com um manual de instruções! Mas, sem dúvidas, esse é o melhor presente que você poderia ganhar: ser mãe. Há uma longa jornada à frente, repleta de grandes descobertas e marcada por muito amor e carinho. Mas o que realmente a espera? Como adaptar-se a esta nova fase com rapidez e segurança? Conte com [Kevin Leman](#) para ajudá-la a entender a dinâmica de sua nova vida como mãe de primeira viagem, a conhecer as necessidades de seu filho e a tomar as decisões mais acertadas, que favorecerão toda a família. Este livro vai ajudá-la a saber o que esperar quando levar seu filho da maternidade para casa e em que se concentrar durante os primeiros dez dias de vida dele, além de orientações sobre o que fazer até o primeiro ano da pré-escola. Sua decisão de tornar-se mãe significa que você terá de fazer alguns sacrifícios para poder assumir a responsabilidade adicional de cuidar de um filho. Mas, por favor, esteja ciente de que criá-lo será a coisa mais importante que você vai realizar - e uma verdadeira dádiva capaz de mudar o mundo ao seu redor de uma forma jamais sonhada. Mergulhe de cabeça nessa aventura! (Disponível em: http://www.mundocristao.com.br/produtosdet.asp?cod_produto=10891).

O livro comenta que a *mãe* deverá fazer alguns sacrifícios para poder assumir a responsabilidade de *cuidar* de um filho, ou seja, terá que abrir mão de sua vida para cuidar da criança. Por que este livro é destinado para mulheres e não para homens? Esta bibliografia insiste em defender a ideia de que mãe é sempre mulher, ou seja, que a palavra mulher está associada a ser mãe. Muitas mulheres compram este tipo de livro, por acreditar que aprenderão a cuidar de seus filhos da melhor maneira possível. Mas estes e outros livros, que são inspirados numa moral religiosa, desejam com suas teorias moldar um tipo de comportamento, ou seja, ensinar as mães a educarem crianças dóceis e

submissas. Como escapar deste tipo de subjetividade? Como resistir a todo e qualquer manual que ensine um jeito de se ser e de se comportar? Lúcia e Vera não tiveram nem tempo de ler este tipo de bibliografia, ou seja, aprenderam a educar seus filhos através do que a vida mostrou para elas. Aprenderam com e na experiência prática da vida.

Não obstante, o que falta para as mães de hoje em dia, é um desligamento de tudo que vem sendo produzido para formar um ser. Sabe-se que existe um mercado de consumo, ligado a inventar desejos e fazer com que as mães se tornem escravas de certas palavras e modos de vida já dados. Como no caso de mães que desejam que seus filhos sejam médicos ou ricos bem-sucedidos. É extremamente importante pensar como estão se dando as relações entre pais e filhos. Que tipo de relação é esta? É possível pensar em relações mais saudáveis entre pais e filhos? Por que muitas vezes cabe somente à mulher educar a criança? E os homens? O que estariam fazendo? Trabalhando? Sabe-se que o que mais vemos acontecer é casos de violência dentro das próprias casas. Por que viver em família tornou tão difícil? Segundo Rolnik (1993), que a família implodiu, já sabemos. Isso não é de hoje. Dela restou uma determinada figura de homem, uma determinada figura de mulher. Figura de uma célula conjugal. Mas esta vem se “desterritorializando” a passos de gigante. O capital inflacionou nosso jeito de amar: estamos inteiramente desfocados. Muitos são os caminhos que se esboçam a partir daí: do apego obsessivo às formas que o capital esvaziou (territórios artificialmente restaurados) à criação de outros territórios de desejo, topamos com inúmeros perigos, por vezes fatais.

O capital acaba por ditar as regras de como deve ser uma relação. O que acaba por criar figuras: figura de homem, figura de mulher, figura de filha etc. Como pensar em outras subjetividades que não estejam apegadas a determinadas figuras? Figuras criam hierarquias. Por isso é interessante pensar em desmanchar estas figuras para fortalecer relações mais horizontais entre pais e filhos. Os anarquistas sempre pensaram e tentaram viver relações horizontais, ou seja, desmanchar hierarquias sempre foi proposta dos anarquistas.

Acredito que viver relações horizontais é uma das formas mais abertas para se pensar a educação de crianças e jovens, sem violência e sem hierarquias.

Uma Inaida

Lembro-me do dia em que conheci Inaida Pires, na moradia estudantil da Unicamp. Conversamos muito e logo senti uma afinidade incrível com a sua pessoa. Foi um encontro muito prazeroso e belo.

Faço um relato aqui da entrevista que eu fiz com Inaida, em um dos encontros que tivemos. Inaida é africana e naquele momento cursava Letras na Unicamp.

O que é mulher?

Sabe fazer homem, tomar conta de casa e fazer isso é como se fosse uma obrigação da mulher, e não é uma coisa que é pra ser dividida, tanto com homem tanto para qualquer um. Dá pra ver na atividade quando a gente sai o marido fala assim: oh mulher, a criança ta chorando. E quem tem que buscar é a mulher não é o homem, mas quem criou o filho é o homem não é a mulher Só que a mulher empresta a barriga, tá dando certo a mulher emprestar a barriga para colocar o nenê até ele nascer. Só que esta responsabilidade foi gerada pra gente principalmente no continente africano e onde você fala para o homem e ele fala: não a responsabilidade de casa, de fazer comida, limpar a casa, lavar a roupa, fazer aquilo é responsabilidade de mulher e não é do homem. Pelo contrário em alguns países você vê que não é assim, o homem divide o trabalho com a mulher. Mas no nosso continente é mais forte você ver a menina na cozinha em relação ao menino. O menino não é habituado de entrar na cozinha. Só que hoje em dia não é todo mundo que aceita isso dependendo de que condição de família você é, você não aceita essa responsabilidade de ficar cozinhando como se fosse um papel e aquilo é a sua pra fazer e você não tem mais outra coisa para fazer. Até tinha uma época para sair para estudar na Europa e ter o ensino superior, eram pouco as mulheres. Em alguns países africanos, não posso falar tudo, mas assim, a mulher vai até a oitava e nona série e para aí por que tem que casar e tomar conta de casa. Quem saía muito eram os homens.

Mas hoje em dia, a maioria que sai para estudar são as mulheres nos países africanos, sai mais mulheres do que os homens para estudar. Os homens vão até a oitava série e já começam a desistir. Mas neste século XXI pra frente eu acho que já começa a melhorar. E a mulher vai ver qual é o ponto, o papel dela não é somente de limpar a casa e tomar conta de filho e fazer tudo de casa, o papel dela é também de um dia ser uma representante ou um presidente da república também este é um papel que a

mulher tem que se dedicar e tem que ouvir isso e as mulheres tão lutando pra isso, a gente vai conseguir, vai demora sim. Tem alguns países que falava que a mulher não tinha força, país árabe, a mulher não tem direito a conduzir, a mulher não pode pegar o carro, até hoje uma mulher ta presa por que saiu com o carro, precisava comprar uma coisa e não tinha como e o lugar era longe, daí ela teve que fazer o que, ela pegou o carro e foi presa, por que não tinha autorização de conduzir, a condução era só do homem. Na verdade ela já tinha tirado a carta da condução, mas não podia conduzir por que ela não é homem. Daí a mulher só tem direito de tomar conta de casa, limpar e fazer só o trabalho doméstico, nada de representar na sociedade e fazer outras coisas. Isso me deixa um pouco mais revoltada e sinto triste de ser mulher, me sinto triste por que você apanha e não tem força para devolver o que você apanhar, o seu marido fica junto e se você não quer fazer uma coisa, você apanha dele e não tem como, você não tem força, não tem força para defender. Você é obrigada a apanhar, por que você fez uma coisa que ele não gostou e você é obrigada a apanhar e acho injustiça temos que conversar já que existe o diálogo, já que Deus nos deixou para falar, acho que tem que conversar para saber o que ta passando, por que eu tenho que fazer isso e você não e sabe acho que isso que resolve o problema. Acho que tem que conversar abrir um diálogo já que a gente já tá junto e não tem mais nada pra fazer, a não ser o diálogo. Em alguns países africanos a mulher apanha, não é só aqui que eu vejo isso. Nos países africanos apanha mesmo e não consegue falar, não é que não tenha lei, tem a lei, mas não é todas as mulheres que recolhe esta lei Pois é a cultura, o pai dá o casamento e aí você tem que respeitar os pais e quando você apanha do marido e você tenta sair de casa para a casa de sua mãe e chega para o seu pai e fala que brigou e seu pai fala, não a gente brigava também desse jeito e então você tem que aguentar essa briga como se fosse a sua obrigação de ser mulher para ser casada é a obrigação de tomar conta de casa e ao mesmo tempo apanhar de seu marido.

Daí a mulher, algumas voltavam e apanhavam do marido. Eu via isso quando uma mulher era da minha rua, e aí a gente tava assim brincando no meio da rua e a mulher sentada lá e o marido chamou e aí ele disse para ela você não sabia que este era o seu trabalho de fazer, daí ele bateu nela, bateu colocando os pés e daí eu cheguei atrás e comecei a bater nas costas dele daí ele virou e disse assim: Inaida e aí eu falei assim para ele, você não pode bater nela, você não é o pai dela, você é o marido, isso não ta certo, leva ela para casa dos pais e arruma outra mulher. Não pode bater nela e aí comecei a chorar, comecei a gritar. Então como se fosse uma obrigação que a gente veio no mundo para fazer daí eu sinto um pouquinho triste por isso agente não poder se defender e ter barreira no meio para entrar e acho que nós mesmas mulher tem que lutar para quebrar essa barreira no meio, não é só tomar conta de casa a gente pode assumir a responsabilidade de um continente inteiro e

guiar este continente e dar certo, sem brutalidade, sem briga sem nada, mas na base do diálogo e isso eu tenho certeza absoluta que a gente vai chegar ali e isso que eu tenho fé e jogo por isso. Por hoje acho que é isso que eu tenho, mas a gente vai conversar mais, se encontrando.

Como se chega a ser mulher?

A Guiné Bissau não tem só um povo, a Guiné é composto de vários povos de etnias diferentes, através dessas etnias que conseguimos ter um povo de diferentes culturas como da etnia da minha mãe onde filho não é do país mais sim da barriga, Nesse caso não posso falar muito da cultura mas se eu falar da minha talvez posso aprofundar.

A mulher africana ela é sempre vista como um objeto o que só serve para cuidar da casa e a noite para o seu marido na cama, até o lugar para ela deitar é sempre atrás do seu marido, antes a mulher africana não podia estudar porque ela não era vista como um ser humano capaz de dirigir uma nação, só que hoje em dia estamos mostrando para eles que nós mulheres temos a capacidade de dirigir uma casa melhor do que os homens, até de dirigir uma nação bem melhor do que os homens, aonde quando uma mulher assumir um cargo maior no governo a noticia corre o mundo inteiro porque pensam que a mulher não é capaz de fazer algo de bom.

Para ser mulher, não é preciso só tomar conta de casa, mas sim saber ser independente do seu companheiro. Saber dar conta de si mesmo, como dar conta de outras coisas. Apesar de hoje em dia, nós mulheres que tem formação superior está sendo difícil de se casar por que os homens falam que nunca vamos obedecer as regras deles, a maioria deles vai para o interior do país procurar as que não tem escolas. Ser mulher na sociedade africana é muito complicado. Estamos indo como deus quiser até conseguir vencer esta luta.

Qual a pergunta mais interessante que eu poderia lhe fazer neste preciso instante?

Questão não respondida.

Inaida comenta em suas respostas que a questão: “o que é mulher?” está associada a tomar conta de casa, ou seja, ir para a cozinha. No continente africano é comum que a cozinha seja um espaço destinado para as mulheres e os meninos não são habituados a entrar na cozinha. Inaida questiona: Por que as mulheres têm que tomar conta da casa, como se fosse um papel a ser assumido, como se fosse algo pronto e que as mulheres são obrigadas a ficar na cozinha.

No Brasil, isto acontecia muito no início do século XX, quando o serviço destinado para as mulheres era o serviço doméstico, mas muita coisa mudou de umas décadas para cá, a mulher conseguiu conquistar outros espaços como ser independente, trabalhar por conta própria, ter filhos e educá-los sozinha. Porém, no continente africano o que vemos é que ainda muitas coisas não mudaram, como é o caso dos papéis atribuídos aos sexos. Ainda vemos a mulher ocupando a cozinha mas resistindo a este lugar. Inaida resiste a este tipo de vida quando questiona que a cozinha não é único espaço destinado para as mulheres.

Na questão da maternidade, Inaida diz: a mulher sabe fazer homem, empresta a barriga e cuida, mas quem leva o mérito é o homem. Se a criança chora é a mulher que tem que atender a criança. Aí vemos que aparece de novo a questão da maternidade estar associada a mulher e não ao homem. A mulher é a responsável em cuidar dos filhos. Inaida faz uma crítica a isso na medida em que fala que é a mulher que empresta a barriga, sendo que os dois deveriam assumir a responsabilidade de cuidar da criança juntos.

Inaida em uma de suas falas comenta que um homem quis bater numa mulher que estava na rua com ela. Mas Inaida, antes que o homem batesse, defendeu a mulher da briga, dizendo ao homem para parar com aquilo. Isso é bem interessante para pensarmos a questão da violência contra a mulher, que é uma coisa que existe e está cada vez mais forte na África. Pois não só a mutilação genital feminina, o rapto, mas também a violência doméstica, são comuns no continente africano. Além disso, em alguns casos de questões familiares, a violência é aceita em determinadas comunidades.

Contudo, o que temos aqui, é uma mulher defendendo outra da violência exercida pelo homem. No Brasil, vemos acontecer em muitos dos movimentos feministas, onde a luta é de todas as mulheres, que saem para a rua para questionar o porquê de tanta violência contra a mulher.

Em relação aos estudos, Inaida comenta que, antes eram os homens que saíam para estudar fora. Mas agora tem muito mais mulheres que saem de casa para estudar. Inaida foi uma das mulheres que saiu de seu país para estudar no Brasil. Conforme Lopes (2011) em Guiné Bissau, o fato de a mulher ter um papel familiar enquanto esposa, que se dedica aos filhos e às lidas domésticas, reserva-lhe pouco tempo livre para outras tarefas tais como a educação (no sentido de acesso à escola). Não se tratando apenas do fator falta de tempo, mas também de fatores culturais, sendo este um dos principais motivos. Apenas 36,3% das mulheres frequentarem a escola, em relação aos 53,5% dos homens, proporciona uma elevada disparidade entre sexos na frequência do ensino, bem como níveis de alfabetização díspares, 38.9% nas mulheres, 65.2% nos homens (PNUD, 1995).

Inaida comenta que se sente triste ao ser mulher devido que as mulheres apanham e não tem

força para devolver o que apanham. Em relação ao casamento, os pais é que escolhem o casamento para as filhas e se tiver briga, as filhas tem que aguentar e não podem se separar ou voltar para a casa dos pais. Inaida decidiu não se casar e vir para o Brasil para estudar, diz que está difícil se casar em seu país pois os homens preferem as mulheres que não têm escolaridade, porque estas sim, obedecem as suas regras. Segundo Lopes (2011), a idade legal para casamento na Guiné-Bissau é de 14 anos para a mulher e 16 anos para o homem. Trata-se de uma lei antiga, aplicada na época colonial, mas que ainda se encontra em vigor (OECD, s. d.).

Inaida mostra-se como uma mulher livre, pois acredita que para ser mulher não é preciso somente tomar conta de casa e ter um marido, mas sim é preciso saber ser sozinha. Inaida acredita que a mulher africana tem força para guiar um continente, sem briga e sem brutalidade. Entretanto, Lopes (2011) comenta que ocorre muitas desigualdades no que se refere a política pois a percentagem de mulheres no parlamento é de 12,7% (PNUD, 1995), um número reduzido, que implica menos voz das mulheres nas tomadas de decisões ao nível de políticas do país. Os aspectos multidimensionais da pobreza e das desigualdades tornaram-se largamente conhecidos e reconhecidos, sendo que toda a desigualdade aumenta a pobreza. Assim a feminização da pobreza tem sido um fenômeno marcante e com tendência para se agravar, se medidas adequadas não forem tomadas.

Inaida ao contrário, acredita que a mulher negra africana tem muitas possibilidades de realização, e uma das delas é a realização profissional. Nesse sentido, percebe-se que Inaida luta para ter uma vida livre diferente das mulheres do seu país. Inaida está cursando Letras na Unicamp e aposta na sua formação acadêmica para conquistar seus sonhos e romper com o machismo dos homens em relação à vida das mulheres. O machismo é uma das questões que se discute com muita intensidade nos debates dos feminismos contemporâneos, Diversos movimentos sociais abrem possibilidades para pensar o problema da violência contra a mulher, colocam a lei maria da penha como um direito conquistado pela mulher para se defender do homem violento que muitas vezes é seu próprio companheiro. Porém, sabe-se que a lei não está dando conta de resolver o problema da violência, muitos homens são presos, cumprem a pena na cadeia e quando são soltos continuam cometendo violência contra a mulher. O que é preciso problematizar é: Por que homem bate em mulher? E como fazer um trabalho dentro dos presídios com o agressor de modo que ele não cometa mais violência. Outra questão que vem antes disso é a educação das crianças nas escolas, pois, quem educa para o machismo? É importante termos no currículo escolar um planejamento efetivo para combater o machismo desde cedo. A escola pode promover eventos relacionados a formação de educadores que atuam diretamente com as crianças para que meninos e meninas tenham respeito uns pelos outros

desde crianças.

O combate é todos os dias, a luta contra o machismo é uma luta que envolve todas as pessoas de diversas sociabilidades. Inaida fala da África como um local onde a mulher ainda é muito submissa ao homem, ela abre espaço para pensar que a mulher não deve aceitar ser inferiorizada e tem que lutar contra este lugar que lhe foi colocado. É importante ouvir e denunciar esta violência para que todas as mulheres possam lutar com coragem, é preciso ter força para não aceitar os planos de vida programados por pessoas machistas.

Estamira – A boa mãe e a má mãe

Não se curem além da conta. Gente curada demais é gente chata. Todo mundo tem um pouco de loucura. Vou lhes fazer um pedido: Vivam a imaginação, pois ela é a nossa realidade mais profunda. Felizmente, eu nunca convivi com pessoas ajuizadas. É necessário se espantar, se indignar e se contagiar, só assim é possível mudar a realidade.

Nise da Silveira

Estamira é um documentário baseado em uma história real, dirigido por Marcos Prado no ano de 2006 no Brasil. O diretor Marcos Prado deseja lançar um livro para mostrar o lixo que é produzido pela sociedade. Ele tira fotografias do aterro sanitário Jardim Gramacho, localizado no Rio de Janeiro. Nesta passagem, ele encontra Estamira trabalhando no aterro, então, ele se apaixona por ela e a convida para fazer um filme e afirma que ela é a senhora mais preciosa do planeta Terra. E ela lhe responde dizendo que estava esperando por isso há muito tempo. Estamira diz para Marcos Prado que tem um castelo enfeitado com coisas do lixo e diz que tem uma missão. Ela afirma: “*A minha missão, além de eu ser Estamira, é revelar a verdade, somente a verdade: Seja a mentira, seja capturar a mentira e tacar na cara ou então, ensinar a mostrar o que eles não sabem.*”

É a partir disso que começam as filmagens sobre a vida de Estamira, então uma mulher de 62 anos, que morava num barraco e todos os dias pegava um ônibus para ir trabalhar no lixão do Jardim Gramacho no Rio de Janeiro.

Durante as filmagens, Estamira afeta e é afetada o tempo inteiro por seu discurso. Ela discursa

livremente sobre angústia, dor, lixão, pobreza, controle, estupro, deus, filhos, amor, solidão, beleza, perdas, música, amigos, internação, remédios, tudo isso ela faz de uma forma poética. Ela não sente pena de si mesma e nem dos outros. Ao discursar, Estamira não está amparada por nenhuma instituição, não é professora, nem médica ou cientista. É um ser em devir, que fala por si mesma. Foucault (1996) perguntava: que o que há enfim, de tão perigoso no fato das pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo? O perigo está em que toda a sociedade, pois a produção de discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seus acontecimento aleatórios, esquivar sua pesada e temível materialidade. Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um não pode falar de qualquer coisa.

É neste sentido que Estamira fala sobre tudo, ela fala tanto que é considerada pela família e pela sociedade como anormal. Estamira é mãe de três filhos, Hernani, Carolina e Maria Rita. O seu filho Hernani já tentou internar Estamira em um hospital psiquiátrico, mas não conseguiu, porque o hospital não tinha condições de recebê-la e ele por ser evangélico, alega que Estamira tem um demônio no corpo e que precisa de tratamento psiquiátrico, ele diz isso porque Estamira discute muito sobre religião, Estamira diz o tempo inteiro durante as filmagens que não acredita em Deus e nem em Jesus. Em uma das cenas do filme Estamira diz:

O natal pra mim, tudo que nasce é natal. E ainda mais essa confusão misturada com o sofrimento de Jesus... Eu não tenho nada contra o homem que nasceu, entendeu, prá eles o que era bom era o Deus, depois eu revelei quem é Deus, porque felizmente eu posso, sem prevação, sem repugnância, com muito orgulho, com muita honra, Estamira, Eu. Posso revelar, revelei porque posso, porque sei, consciente, lúcido e ciente, quem é deus, o que significa deus e outros mais. Ó, cê, quer saber? Eu não tenho raiva de homem nenhum. Eu tenho é dó. Eu tenho raiva, sabe de quê? Do trocadilho! do esperto ao contrário, do mentiroso, do traidor. Eu tenho raiva, ódio, nojo!... Jesus correu e escondeu inderna de antes de nascer. O Jesus que eu conheço como Jesus, filho de Maria, filho de Israel, filho de rua... eu já tive dó de Jesus, mas eu não tenho mais dó. Eu já tive dó de escravo, não tenho mais dó de escravo também não. (...)Me chamaram de Jesus, me chamaram de sangue de barata, de sangue de Cazuzá, me chama de Maria que é a mãe de Jesus.

“Que Deus é esse? Que Jesus é esse, que só fala em guerra e não sei o quê?! Não é ele que é o

próprio trocadilho? Só pra otário, pra esperto ao contrário, bobado, bestalhado. Quem já teve medo de dizer a verdade, largou de morrer? Largou? Quem andou com Deus dia e noite, noite e dia na boca ainda mais com os deboches, largou de morrer? Quem fez o que ele mandou, o que o da quadrilha dele manda, largou de morrer? Largou de passar fome? Largou de miséria? Ah, não dá!”

Por isso, Hernani insiste em dizer que Estamira precisa de tratamento médico, por ofender Deus e Jesus em seus discursos. Hernani em uma das cenas do filme diz ainda sobre Estamira:

O sr. Leopoldo, falecido Leopoldo, quando tava vivo, o italiano, meu pai de criação, não deu dinheiro nenhum pra ajudar a minha mãe não. Então eu fiquei ligando a semana toda pra esses hospitais que tratam da cabeça das pessoas, pra ver se tinha vaga pra poder internar ela. Eu tinha combinado com ele assim: Fui no hospital de Caxias. Fui primeiro com o “Velho”, com o carro dele, aí consegui uma ambulância. Aí fomos pra lá pra o lixão. Aí chegou lá até os bombeiros tava com medo de encostar a mão nela, porque ela queria morder e começava a gritar nome de entidade de macumba, e daquele jeito, chega espumando, parecia um bicho mesmo, gritando. Aí pegaram uma corda e amarraram ela, com a mão pra trás assim, enrolada. Aí fomos pra o hospital de Caxias. Chegou lá, a menina falou assim: não, aqui não dá pra internar que aqui não tem desse tratamento”. Tinha que levar pra Engenho de Dentro. Aí fomos pra Engenho de Dentro. Os que entrar ali não saem. Só com a autorização do responsável. Aí comecei a preencher a ficha. Aí não quis aceitar, mesmo com os bombeiros lá falando, conversando. Aí tivermos que voltar e levar ela pra Caxias de novo, aí mandaram eu esperar ela acordar. Quando ela acordou, eu falei: “mãe, vamos embora”, ela já veio me mordendo... Aí eu falei: “O que é que eu posso fazer? E deixei ela lá.

Sobre este episódio Estamira comenta: *A desgraçada da família Itália, juntamente com aquele meu filho, me pegaram aqui dentro, como se eu fosse uma fera, um monstro, algemado. E aquele meu filho que ficou contaminado pela terra suja, pelo baixo nível, pelo insignificante, parecendo um palhaço lá dentro do hospital, a coisa mais ridícula!*

Estamira fica indignada com o filho que tentou internar ela no hospital psiquiátrico. Então, em uma outra passagem do filme, Estamira vai consultar por livre e espontânea vontade uma médica psiquiatra que atende num posto de saúde, o CAPS de Nova Iguaçu e então recebe um diagnóstico. O diagnóstico diz o seguinte: *“Atesto que Estamira Gomes de Sousa, portadora de quadro psicótico de evolução crônica, alucinações auditivas, ideias de influência, discurso místico, deverá permanecer em tratamento psiquiátrico continuado”*. Este diagnóstico muda a sua vida. Estamira passa a ser medicada, com uma porção enorme de medicamentos. Ela entra para as estatísticas, passa a ser classificada como anormal. Estamira acaba por aceitar fazer tratamento neste posto de saúde. Mas

depois de ir ao CAPS, Estamira diz o seguinte:

Estamira sem carne, Estamira invisível, vê e sente as coisas todinhas. Por isso que eu sou Estamira. Tem vez que eu fico pensando: mas eu não sou um robô sanguino, eu não sou um robô. Eu falei pra Dra. Alice que minha cabeça tem hora que parece que dá até choque assim: “tiiiimmm... tiiimmm!...” Não dói não, dá agonia, dá choque, bate assim igual a onda do mar: “Tcháaaa!... igualzinho a onda do mar...

- há há há há há.... (gargalhada de desprezo) ... A dr^a passou remédio pra raiva... há há há há há há...E eu fiquei muito decepcionada, muito triste, muito... profundamente com raiva dela...falar assim uma coisa daquela? Ela ainda disse, sabe o quê? Que Deus livrasse ela!... que isso é magia, telepatia, “amide”, e o caralho... pô, pra que, ela me ofendeu demais da “contera”...

Aqui ó, ó, o retorno...,daqui a 40 dias... Presta atenção nisso... Olha, e ainda mais, eu conheço médico, médico, médico...direito, entendeu?

Ela é copiadora... eu sou “amigo” dela, eu gosto dela, quero bem a ela... quero bem a todos, mas ela é copiadora...Sabe o que que eles estão fazendo, sabe o quê? Dopando, quem quer que seja, só com remédio!... não pode, o remédio... quer saber mais do que Estamira? Presta atenção, o remédio, é o seguinte:

Se fez bem, para, dá um tempo. Se fez mal, vai lá, reclama, como eu fiz, 3 vezes. Na quarta vez que eu fui atendida. Mas eu não quero o mal deles não... eles estão copiando... o tal de Diazepan então... se eu sou louca, visivelmente, naturalmente, eu fico mais louco...entendeu agora? O tal de Diazepan... não, eles vão lá e só copiam. Uma conversinha pra cá, e só copiar, e tome!... Ah, isso não pode não sr.!... como é que eu vou ficar... todo dia, todo mês, cada marca... e eu vou lá “panhar” o mesmo remédio? Não pode, é proibido... além... além... não pode... entendeu agora? Eu não estou brincando, eu estou falando sério, aqui ó, ‘cê vê como é que é o remédio. e aí eu devolvi a ela porque ela, os viciados deles, porque não sou eu, às vezes pode precisar... está aqui, porque na faculdade do exército, como eu fui operada aqui, ó, entendeu? Eles me deram o remédio... eu fui lá, na faculdade de Botafogo, faculdade do exército, em Botafogo, e devolvi na farmácia, falei com o médico, e devolvi. Porque eu não estava precisando deste remédio. Quem sabe sou eu... quem sabe é o cliente... fica se viciando...dopando, vadiando, pra Terra isso não é o (...) sua excomungada, desgraçada, (...), manjada, desmascarada, desgraçada...

Aí, ó, tudo que ela passou pra mim, eu bebi. A quantia, os limites, toda coisa tem limites, esses remédio são da quadrilha da armação do dopante, pra cegar os homens, pra querer deus... deus falsário, entendeu? Esses remédios são dopantes, pra querer deus falsário, entendeu? Ela falou que deus

livrasse ela, o trocadilho é ela.

Porém, Estamira questiona o diagnóstico da médica quando diz: *Estão dopando quem quer que seja com um só remédio.* Estamira comenta que os remédios não estão fazendo bem para ela. Ela diz que já bebeu todos os remédios prescritos pela psiquiatra mas diz ainda: *Estes remédios são da quadrilha dos dopantes, diz ainda é só uma conversinha e eles copiam,* aqui ela se refere as receitas prescritas pela psiquiatra. Em algumas cenas do filme, vemos que Estamira parece estar realmente dopada. Segundo Passeti (apud Tedesco e Nascimento, 2009) nas sociedades de controle os loucos passam a ter direitos a serem loucos; a loucura deixa o asilo e se multiplica em postos de atendimento, ainda que permaneça uma doença a ser medicada. Foucault (1996) comenta que durante séculos, na Europa, a palavra do louco não era ouvida, ou então, se era ouvida, era escutada como uma palavra de verdade. Era através de suas palavras, que reconhecia a loucura do louco; elas eram o lugar onde se exercia a separação; mas não eram nunca recolhidas nem escutadas. Jamais, antes do século XVIII, um médico teve a ideia de saber o que que era dito (como era dito, por que era dito) nessa palavra que, contudo, fazia a diferença.

É devido a seu discurso que Estamira é medicada, suas palavras parecem um desabafo a tudo que está errado no mundo, ela questiona tudo, até mesmo o tratamento psiquiátrico que recebe.

Apesar de sofrer preconceito em relação a sua saúde mental, Estamira trabalha no lixão, e é uma mulher que é catadora de lixo e que passou por inúmeras situações de sofrimento em sua vida, foi estuprada duas vezes e numa das vezes destes estupros ela teve uma filha chamada de Maria Rita, a qual a acompanhava no lixão, desde criança, catando lixos para sobreviver. Estamira trabalha neste lixão já há 20 anos. Porém Estamira já tem dois filhos crescidos e um dos filhos decide que esta filha que Estamira teve decorrente de um estupro deve ficar com outra família. Estamira, então, devido às suas condições sociais, não pode ficar com a criança. Estamira fica com a criança até ela completar 8 anos e depois seu filho Hernani decide que criança tem que ir para outra família. A mãe adotiva de Maria Rita (filha de Estamira) diz assim:

Mais ou menos há 12 anos atrás eu já era motorista de caminhão e era voluntária de um hospital. E aí eu conheci uma pessoa, uma senhora muito bacana, e um dia ela chegou lá em casa com essa menina pequenininha pelas mãos e falou assim: ‘Ângela, eu tenho um presente para você’. E aí eu falei: ‘não vai me dizer que é essa coisinha aí... ela falou: ‘é esse bichinho do mato aqui que eu to trazendo para você cuidar...’ Aí eu falei assim: ‘de onde ela saiu?’ Aí ela me contou a história da menina, que a menina vivia na rua com a mãe, que a mãe catava lixo, e que o irmão dela, o mais velho, não queria aquela vida pra menina. Aí ela falou: ‘Vou marcar uma reunião com os irmãos dela

para eles te conhecerem, porque há um impasse: a irmã quer botar a menina num colégio interno, o irmão, acha que ela deve ir pra uma casa de família, para ela ter um lar. Mas o irmão era o mais velho, decidiu o que deveria decidir.. e tudo bem, fiquei com a menina. Até aí então eu só ouvia falar da Estamira: que ela era de rua, que era mendiga, que catava lixo, que vivia disso... e aí um ano depois começou a levar a menina pra mãe ver. O encontro foi dramático demais, a menina tremia igual vara verde, quando viu a mãe, aí eu falei pra mãe que... eu tive que mentir pra mãe pra ela me respeitar um pouco, não querer tomar a menina, né, que a gente tinha aquele medo ainda. Até eu falei pra mãe que eu era assistente social de um colégio interno do governo, e que o juiz que me deu posse da menina, de tirar a menina da rua, inventei uma historinha, com o consentimento do Hernani, pra a mãe acreditar e não querer levar a menina de volta. Ela queria muito uma família, um lar, então ela se adaptou com muita garra a nós, muita garra mesmo”.

A filha de Estamira, Maria Rita visita Estamira em sua casa, isto já depois de adulta, com 21 anos de idade. As duas fazem um macarrão e conversam. Estamira diz o seguinte: *Maria Rita, entra aqui!...*

Maria Rita diz: Boa tarde!...

Estamira diz: Boa-tarde, “cara do pai”!... (beijo). “Trem” bonito!... Uai, mas porque é que demorou desse tanto?

Maria Rita diz: O carro enguiçou!... A sr^a tá bem, mãe?

Estamira diz: -Tô!...

Maria Rita comenta sobre como foi viver com sua mãe Estamira.

Olha, pra mim, que vivi lá em Jardim Gramacho, é um local de trabalho. Sei lá, eu tenho uma imagem um pouco macabra daquele lugar lá onde eu vivi, porque eu vivi muita coisa... e a maioria da parte de que vivi lá foi ruim... Eu era uma que catava entre os lixos... eu tinha uns 6 anos.. eu fui morar com essa minha madrasta eu (...) tava fazendo 8... e era horrível, tinha que pedir... pedir muito, trabalhava muito pra conseguir um sanduíche. É muito triste, porque eu saí de perto da minha mãe, meu irmão me tirou... e eu já com a cabeça... já cresci pensando em ajudar ela.. e ela é um pouco difícil de querer se ajudar... e eu, sinceramente, se eu pudesse, não teria saído de perto da minha mãe, não...mas, se “aquele” Gramacho continuar, pode contar que ela vai querer continuar lá.

Estamira diz: Vamos preparar o macarrão?

Maria Rita diz:-vamos preparar o macarrão!...

Maria Rita diz: *-Eu vou ser sincera, queria cozinhar igual à minha mãe...*

Estamira diz: *-Hum?*

Maria Rita diz: *--Ela cozinha bem!...*

Estamira diz: *-Não chega a tanto!...*

Maria Rita diz: *-Minha mãe tá com medo do mundo, porque ela falou uma vez assim pra mim: que acha que Deus não existe,. E quando fala em Deus ela fica nervosa... eu acho que um determinado tempo da vida dela que se apagou dentro dela. A fé, o que falta na minha mãe é a fé.*

O que vemos aqui é que Estamira não cabe neste modelo de boa mãe, imposto pela sociedade. Estamira aparece como uma mulher, que não tem condições financeiras de dar alimentação e educação para a sua filha e por ser avaliada que não condições mentais para cuidar de uma criança, por isso a criança é retirada deste ambiente.

Então, as mães que são bem aceitas em nossa sociedade são as mães boas, por fazerem de tudo para as crianças, são boas na medida em que estão cuidando de perto, estão junto, criando os filhos. Ou seja, a ideia de ser uma boa mãe passa pela ideia da criação de um filho. A mãe que cria é uma boa mãe. E as mães que não estão perto e que não cuidam de seus filhos? E as mães que abandonam os filhos em lares? Ou as mães que não tem condições de criar um filho?

No documentário, o abandono aparece não como algo reativo, pois Estamira tem uma relação muito bonita com sua filha, pois a menina vai visitá-la constantemente em sua casa, onde as duas se relacionam muito bem. Durante o documentário, Estamira não fica se lamentando por que não pode cuidar da criança. Ela afirma um modo de ser mãe que escapa deste jeito burguês que foi imposto há séculos na sociedade ocidental. Convida a sua filha para passar o dia e fazer um macarrão com o que é retirado do lixão. Fica claro que não se tem lugar para Estamira, pois ela não consome, como muitas mães consomem. Mães que para criar seus filhos consomem e desperdiçam diversos tipos de alimentos. Estamira vive do lixo e, durante o documentário, ela questiona muito o consumismo, dizendo frases como: *“Quem economiza têm”* E diz também: *Se você tem uma camisa, e está todo suado você não pode jogar fora esta camisa.* Estamira vive do que as pessoas jogam fora, ela recolhe o lixo e vive do lixo. Sobre o lixão, Estamira diz:

Isto aqui é um depósito dos restos. Às vezes é só resto. E às vezes vem também o descuido. Resto e descuido. Quem revelou o homem como o único condicional, ensinou ele conservar as coisas. E conservar as coisas é proteger, lavar e limpar. E usar mais, o quanto pode. Você tem sua camisa.

Você está vestido, você está suado: você não vai tirar a sua camisa e jogar fora... Você não pode fazer isto. Quem revelou o homem como o único condicional, não ensinou a trair; não ensinou a humilhar; não ensinou a tirar..ensinou a ajudar..

Miséria, não. Mas as regras, sim. Economizar as coisas é maravilhoso, porque quem economiza, tem. Então as pessoas têm que prestar atenção no que eles usam, no que eles têm, porque “ficar sem”, é muito ruim.

O trocadilho fez de uma tal maneira, que quanto menos as pessoas têm, mais eles menosprezam, mais eles jogam fora, quanto menos eles têm!...

Eu, Estamira, sou a visão de cada um. Ninguém pode viver sem mim. Ninguém pode viver sem Estamira. Eu me sinto orgulho e tristeza por isto. Porque eles, os astros negativos, ofensível, eles sujaram os espaços, e querem... e querem...e sujaram tudo.

A criação toda é abstrata: os espaços inteiros são abstratos, tudo é abstrato, Estamira também é abstrata. Visivelmente, naturalmente, eu tenho a impressão de que se eu desencarnar, eu tenho a impressão que eu serei muito feliz. E talvez eu poderei ajudar alguém. Porque o meu prazer sempre foi esse: ajudar alguém, ajudar um bichinho. Tem 20 anos que eu trabalho aqui. E eu adoro isto aqui. A coisa que eu mais adoro é trabalhar.

Daqui a 2 dias, isso aqui já tá cheio... eu não gosto de falar lixo não, mas vamos falar lixo... é cisco, né? É caldim, disso, é fruta, é carne, é plástico fino, é plástico grosso, é não-sei-o-quê-lá mais... e aí vai azedando, é laranja... é isso tudo...e aí faz espoqui, e aí imprensa, azeda, fica tudo danado, e faz a pressão, e aí vem o sol e esquenta, mais o fogo de baixo... e aí forma o gás, o gás carbônico, que serve pra cozinha, prá qualquer coisa, mas ele é forte, ele é branco... Quem não consegue, tem gente que não se habitua com ele, não dá conta, é tóchico, (cf sua pronúncia). Felizmente, graças aqui, eu tenho aquela casinha lá, aquele barraco. Eu acho sagrado, o meu barraco, abençoado, e eu tenho raiva de quem fala que aqui é ruim. Saio daqui, eu tenho pra onde descansar. Isso aqui é que é a minha felicidade.

Em relação a sua filha Maria Rita, Estamira perdeu a guarda da filha devido às condições de vida que ela tinha. O seu filho Hernani acreditava que Maria Rita deveria ter um lar, um lar onde a criança pudesse frequentar a escola, coisa que Estamira já questionava em uma de suas falas: Estamira diz: Vocês não aprendem na escola. Vocês copiam. Vocês aprendem é com as ocorrências. Eu tenho neto de 2 anos que sabe disso. Tenho um de 2 anos, que ainda não foi à escola copiar hipocrisias e mentiras charlatais.

Estamira questiona o processo de escolarização pelo qual as crianças passam dizendo que na escola não se aprende, as crianças copiam. É um questionamento bem interessante para pensarmos que a escola reproduz o sistema que está aí, mobilizando os corpos das crianças por cinco horas diárias impedindo muitos processos de criação.

Logo, Estamira não cabe no modelo de mãe boa e nem de mãe má. Quem avalia o que é bom e ruim, no momento são os critérios do mercado. O documentário nos mostra que ser mãe escapa de adjetivos e rótulos. É algo bem diferente disso, é algo que se constrói nas relações que estabelecemos uns com os outros e que não depende de sermos filhos ou mães, mas sim pessoas. Muitas pessoas pobres têm filhos e cuidam muito bem das crianças, o caso de Estamira não poder ficar com a criança, é devido a ser diagnosticada como portadora de doença mental. Falo em pessoas por que nos dias atuais muitos homens gays decidem adotar crianças. Neste caso, pode-se dizer que ser mãe também não está ligado a ser mulher. Muitas famílias de homossexuais cuidam muito bem de seus filhos e não são mulheres. Cada época traz muitas transformações no modo das pessoas estarem no mundo. E estar no mundo, não é simplesmente estar ou ser, algo que cabe em um território pronto e já idealizado. Mas sim estar no mundo é estar junto com outro de uma forma diferente.

Estamira cria um modo de vida no momento em que diz não a muitas coisas que já estão prontas. E mesmo sendo diagnosticada com transtornos psiquiátricos, ela manda em sua vida quando decide ir trabalhar em um lixão, quando ela mesma se sustenta, quando faz amizades em um lixão e até mesmo tem pretendentes amorosos lá. Cito uma passagem do filme no qual Estamira é paquerada por um de seus amigos que também trabalha no lixão de Jardim Gramacho.

Se eu não fosse casada, e esse sr. Não fosse casado, eu casava com esse sr!.. (o homem, amigo de Estamira repete o mesmo)

Estamira cria um novo jeito de ser mulher. Se perguntássemos para Estamira o que é mulher? Acredito que ela responderia algo próximo ao que segue.

O que é mulher?

“A minha missão, além de eu ser Estamira, é revelar a verdade, somente a verdade: Seja a mentira, seja capturar a mentira e tacar na cara... ou então, ensinar a mostrar o que eles não sabem.

“Não tem mais inocente. Tem “esperto ao contrário”. Esperto ao contrário tem, mas inocente não tem não... Vocês é comum, mas eu não sou comum não. Só o formato que é comum. Vou explicar tudinho pra vocês agora:

Cegaram o cérebro, o gravador sanguino, e o meu eles não conseguiram, porque eu sou

formato gente, carne, sangue, formato homem, par, eles não conseguiram!... A bronca deles é essa!... do trocadilho!... trocadilho, amaldiçoado, excomungado, hipócrita, safado, canalha, indigno, incompetente... Sabe o quê que ele fez? Mentir pros homens, seduzir os homens, cegar os homens, incentivar os homens e depois jogar no abismo...(...) Foi isto que ele fez. Por isso que eu to na carne, sabe pra quê? Pra desmascarar ele, com a quadrilha dele todinha. Eu derrubo!.. Derrubo, ele sabe que eu derrubo (...) quer me desafiar? É ruim, heim?

Ele é tão poderoso ao contrário, que eu, até depois de a carne, velhinha desse jeito, feia desse jeito, boba desse jeito... ele ainda quer mais!... Ai, ai!... é mole? Que bobo, rapaz!...

Ó lá, os morros, as serras, as montanhas, a paisagem, e Estamira!... Estamar. .Estasserra...Estamira está em tudo quanto é canto...tudo quanto é lado... até meu sentimento mesmo vejo... todo mundo vê Estamira!..

(Instrumental)

Felizmente, nesse período que eu comecei a revelar e cobrar, a verdade, sabe o que eu é que acontece? felizmente, tá quase todo mundo alerta. Erra só quem quer.

Como se chega a ser mulher?

Eu nasci dia 07 de abril de 1941. A carne e o sangue. O formato. Formato homem, par. Mãe e avó E aí então, sabe o que que aconteceu? eles levaram o meu pai em 1943. Aí... nunca mais o meu pai voltou!...Meu pai chamava eu de tanto nomezinho... chamava eu de uns nome engraçado: “merdinha”... neném... fiinha do pai... Aí então, depois, sabe o que eles falaram? Depois eles falaram que o meu pai morreu. E aí então minha mãe ficou pra cima e pra baixo, pra cima e pra baixo comigo.... Que judiação, não? Coitada da minha mãe, mais perturbada do que eu. Bem, eu sou perturbada, mas lúcido, e sei distinguir a perturbação. Mas coitada da minha mãe não conseguia. Mas também, pudera, eu sou Estamira!... Se eu não dou conta de distinguir a perturbação, eu não sou Estamira...eu não era...eu não seria.

Qual a pergunta mais interessante que eu lhe poderia fazer neste preciso instante?

Nenhuma.

Para acabar com os programas

Aqui lanço as questões de pesquisa para Maria Lacerda de Moura, como se ela mesmo respondesse às perguntas. Coloco em itálico o que é resposta da autora, retirado de seus escritos.

O que é mulher?

UM PROGRAMA?

DECLARAÇÃO DE PRÍNCIPIOS?

“Maria Lacerda de Moura ainda não se encontrou a si mesma”.

Desconfio que Maria Lacerda não sabe exatamente o que quer...”

“Pertence a algum partido? Qual é esse partido?”

“Que deseja, afinal essa senhora?”

“Que reforma propõe essa publicista?”

“Qual é o seu programa?”

Essas e outras objeções fazem os “críticos” de ataques sistemáticos a tudo quanto escrevo. E como tais perguntas e tais conceitos se multiplicam no meu caminho, respondo, de maneira geral, aos meus contentores, quiçá obscurecendo ainda mais a sua má vontade de compressão ou a sua impotência de chegar a outra harmonia diversa de sua harmonia.

Geralmente os que me agridem não me leram. Si me leram, não me quiseram compreender.

Certos agressores cometeram a ingenuidade de confessar não haver lido o livro atacado. Foi o título que os impressionou desagradavelmente. Outros voltam atrás, com coragem e, confessando o engano, tornam-se meus amigos.

Todos me conhecem pelo que ouviram dizer... de mal...

Houve quem me visse com um facho aceso à frente da multidão que incendiou ' II Pícolo', descabelada, gritando como possessa, incitando aos estudantes e aos populares. E todos sabem que eu estava em Guararema, a 2 horas da capital e que só vim a saber do ocorrido no dia seguinte, pelos jornais da tarde de 24 de setembro.

Uns são inimigos sistemáticos sem nunca terem visto, sem conhecerem uma só página dos meus escritos.

Alguns me elogiam, si ouvem elogios dos presentes e me atacam agressivamente, si sou agredida.... Alguns fogem, quando presentem agressão, e aparecem para colher os louros... E a

maledicência não falta.

E não há meio termo; ou o entusiasmo incondicional ou a agressão incondicional. E a calúnia.

Que me não encontrei a mim mesma? Quem é que já encontrou a si mesmo, sob o Sol?

Quem poderá dizer; “eu sou o caminho, a verdade e a vida”?

As palavras de Cristo foram deturpadas pelos padres. Cristo deveria ter pronunciado esta verdade profunda: “ Que cada qual siga o seu caminho, a sua verdade, e a sua vida, tal como eu tenho o meu caminho, a minha verdade e a minha vida”.

Quando eu me encontrar a mim mesma serei um Deus realizado. Só se encontram a si mesmos por sobre a terra, os padres, os políticos profissionais, os pensadores de rebanho – tontos de vaidade, pesados de orgulho, trôpegos de presunção intelectual, dobrados ao peso dos dogmas e das afirmações categóricas, seguros de si mesmo, infalíveis e jactanciosos.

Só sabem exatamente o que querem- esses políticos os “profiteurs” da imprensa, os armamentistas, os comerciantes, os industriais, as mensagens dos pais da pátria, os caftens, os “gigolôs”, os sacerdotes; a igreja católica romana, os imperialismos yankee, britânico e mussolinesco, o Papa, Tachi Venturi – o chefe dos jesuítas, as associações de “boxeurs”, os militares, o “coronel”, as embaixadas diplomáticas, Hitler, I Accion Française”....

Todas essas cousas e toda essa gente tem um programa definido, sistematicamente traçado e de realização prática, baseado no dinheiro, no poder ou na astúcia para engodar aos papalvos, organizar, mobilizar o rebanho social para mais facilmente explorá-lo, mandar tiranizar, roubar, assaltar, vender, domar, ganhar, gozar, saquear, salvar....

Todas essa cousas e toda essa gente tem um plano delineado no papel ou no “ring”, sempre versus....

Mensagens, programas, apostolados ingênuos ou maroteiros, reformadores, manifestos, cornucópias de esperanças, de liberalidades, promessas de felicidade e de bem estar social – só sabem transbordar os partidos políticos ou religiosos, os demagogos, os oradores populares, os donos da humanidade escravizada: padres, aspirantes a reinos, republicas ou academias, os candidatos às Constituintes... as casas lotéricas, as feiticeiras e as cartomantes.

Não é de agora que se exige de mim um programa ou a ingressão “corajosa” em um partido.

Que me defina! Que sele o meu nome com determinado rotulo, afim de que possa ter “autoridade”....

Que carregue o peso de uma chapeta e o auxilio indispensável de duas muletas sociais. Que me batize finalmente. Preciso completar-me. Fazer parte de um partido é ter amigos e defensores

incondicionais. E estar, docilmente, servilmente, domesticadamente ao lado de alguém. É ter valor, portanto, é ter “autoridade”....

Desprezar as muletas e os partidos é ser atacado por todos, é ser “voz isolada”, “voz única”, “irrefletida”, “despercebida” do rebanho social acarneirado no redil da imbelicidade e da covardia.

O “individualista da vontade de harmonia” não faz programa para si nem para os outros.

Com relação a minha vida interior, sei o que desejo sei o que quero.

Com relação a vida social, sou anti social, nem sei, nem me interessa saber. Destaco os indivíduos do bloco social. Em relação a sociedade sei o que não quero.

A minha ética repele os partidos, os programas, toda a moral social.

Não sou advogado, não sou político, não me interessa a “população de cima” e nem a “população de baixo”.

Observo, analiso, critico, exalto, não mando, não dirijo, não exijo, nem mesmo peço ou procuro persuadir, não me preocupe com soluções para os problemas. As soluções ficam bem aos matemáticos, aos sentimentos dos padres e das beatas, é profissão dos advogados e das mensagens prometedoras dos políticos, dos programas sectários fora dos quais não há salvação e dos romances da gente honesta em que são castigados os vícios, em que é premiada a virtude....

Não sou revolucionaria no sentido da revolução para uma organização social mais equitativa. Já tive, sim, essa ilusão.

Cheguei, porem à convicção ou aprendi a tempo que os homens, em nome do amor e da justiça, em nome da Solidariedade Humana, em nome da Fraternidade Universal, em nome da Liberdade, da Igualdade, em nome de Deus, em nome das Cruzadas religiosas, em nome do ídolo da honra, em nome do Direito, da Pátria, da civilização se estraçalham como animais ferozes. Pregando o advento da paz, fazem guerras.

Ora, em torno de princípios políticos, sob o comando dos reis, dos democratas ou dos padres, ora em torno das religiões, sob o comando dos padres, dos democratas e dos reis – aliados incondicionais de todos os tempos e de todas as pátrias e de todas as nações, - as multidões se trucidam para obter o “bem estar social”, afim de estabelecerem as formulas.... da Liberdade, do Amor e da Justiça, em sociedades idealizadas na santa Paz dos seus sonhos de obediência servil....

Convenço-me cada vez mais de que “o ódio não mata o ódio, ódio só morre com Amor”.

A violência é mãe e filha da violência. A guerra traz a guerra e a revolução é a sementeira de outras revoluções.

Não-violência, mas “suprema resistência às forças negras do passado reacionário.

Não houvesse tanta covardia.

Procuro a minha harmonia interior: é o único programa que me cabe formular:

Mas, tão vasto é esse programa, tão profundo, tão complexo, tão alto, tão nobre, que se deixa de pontificar em um programa para se desdobrar pelo infinito e pela eternidade, além do tempo e para além do espaço.

A vida não cabe dentro de um programa escrito pela imbecilidade social, não pode encerrar-se em universidades, em academias literárias, científicas ou filosóficas, não pode fechar-se em um partido, em uma doutrina, em um sistema religioso, em a moral social.

As necessidades humanas têm as suas origens nas criptas profundas do Eu e não são as leis mesquinhas dos homens ou as suas teorias, as suas doutrinas, os seus partidos ou os seus programas que hão de solucionar ou pelo menos definir o problema da vida.

E os homens, da sua impotência, da sua limitação sensorial, da sua pequenez, da sua insignificância sectarista, da sua miopia, da sua maravilhosa inconsciência, da sua formidável ignorância, da sua ambição desmedida, tecem um padrão de glórias: o heroísmo dos partidos, das seitas, das bandeiras, dos programas.

Quem se não deixa encerrar dentro desses limites – é acuado para a possível domesticidade dentro dos números redís, sistematicamente divididos em rebanhos a obedecer a determinados senhores ou programas.

O meu programa, repito, seria a busca incessante da minha harmonia interior; é a “vontade de harmonia” e, si ás vezes uma nota dessa harmonia canta dentro do equilíbrio harmonioso de outra criatura, realizo uma beleza maior, sonho um sonho mais alto.

Si não consigo essa realização, pelo menos canto dentro de mim mesma esse belo e generoso individualismo, delicado e forte, do meu acordo interior – para uma sinfonia mais empolgante. ...

“ Uma voz foi feita para falar” como o Sol para aquecer e iluminar. Si a minha harmonia choca-se com a brutalidade do ódio ou com o sarcasmo da aspereza rija de outra linha de evolução, que não é a minha, que culpa cabe a mim? Si deturpam, o que tenho eu com isso?

Também o Sol, si acende o iris magnifico na gota pura do orvalho ou aquece a velhice enferma ou ilumina o rosto da criança ou as flores da primavera ou si brilha no olhar de fé do idealista ou no rosco de uma face penetrada de juventude e exaltação, também o sol vivifica o paúl e faz viçosa a planta que mata e alimenta o silvo da serpente e aquece a virulência do micróbio da peste.

Essa é a conclusão ryneriana do individualismo da “ vontade de harmonia”.

Sou humana; e já um programa, o programa universal da solidariedade biocósmica, programa

eterno e infinito.

Prefiro dissolver-me no vasto programa da vida a limitar-me para ser agradável as ambições e a vaidade dos homens, sufocando as minhas aspirações de Liberdade nos programas insignificantes dos partidos, das seitas, religiões, ou da concorrência social sob qualquer aspecto.

Repugna-me o crime de mandar e o servilismo de obedecer.

Só a insuficiência mental pode limitar o horizonte da visão da vida.

Mas, si a mente humana finita, a razão ou a ciência tem, limitado, o campo desse portentoso raio visual, em compensação, podemos alar os nossos sonhos em hipóteses acariciadoras e imaginar tudo quanto possa alcançar a imaginação m busca do infinito e do eterno, além do tempo e do espaço, através da sabedoria subjetiva, libertadora e humana a que damos o nome de divindade interior.

Para a fatalidade social, o estoicismo – esse “positivismo da vontade”, na expressão de Han Ryner.

A tirania social não depende de mim. Não posso, pois, formular programa deante de uma fatalidade ' inevitável como a morte”.

Mas, as cousas que de mim dependem para não ser algoz ou cúmplice dessa tirania, na medida possível do meu esforço: tudo quanto for alicerçado por sobre o Amor – a lei máxima da gravitação universal concebida pela nossa mente e pela piedade humana:: tudo que depende da minha vontade segundo a classificação de Epiteto: minhas opiniões, meus desejos, minhas ações, meu caráter em suma, meus sentimentos – tudo isso conhecer-me para me realizar, realizar-me “para aprender a amar”, é o que constituí o meu programa.

Não posso, não devo, não quero perturbar a liberdade de outras evoluções, de outros desejos, de outras ações.

Procurar iluminar a mim mesma afim de contribuir para o despertar de outras consciências, para cada qual soluciona, por si mesma, o seu problema, não é exigir a submissão nem pretender impôr as ideias ou os sonhos.

O meu individualismo não é dos “ super- elefantes” nietzschianos, não é o dominismo da “vontade de poder”.

E “em que as desigualdades naturais justificam as desigualdades sociais”?

O programa de um ou da minoria cerceia a evolução de muitos, e, si comete o crime de cercear a evolução de um só, já é atentado a liberdade individual, ao direito humano, as necessidades naturais do homem.

O único programa digno do homem livre é a divisa inscrita no templo de Delfos, a que a

sabedoria profunda e amorosa de Han Ryner acrescentou: “... para aprenderes a amar.”.

E os partidos políticos, religiosos ou sociais incitam as paixões, ateiam o incêndio do ódio e adormecem e sufocam as consciências.

No programa da evolução interior está, em primeiro capítulo o protesto consciente e forte e heroico, e quaisquer circunstâncias, contra as guerras e o cabotinismo das fronteiras e da paz armada e dos pactos Kellog, o dever de protestar, com todas as forças da consciência, contra todas as causas de conflitos entre os homens.

Por isso, repito: não sou advogado, não sou capitalista, não sou sacerdote, não sou político, não sou acadêmico, não sou comunista nem socialista, não pertencço a nenhuma grei, embora todos os nomes batismais com que me desfavorecem os críticos.

Não tenho programa para reformas sociais, literárias ou religiosas.

Viver a mente em harmonia com o coração e procurar realizar na vida, a criatura ideal que o cérebro concebe e o coração sente em uma sociedade melhor; viver o que a imaginação generosa é capaz de sonhar no indivíduo superior; humano, é programa inexequível para os que apresentam programas para os outros.

E a minha mente finita – busca no eterno e no infinito da minha vida subjetiva, procura tirar das criptas profundas da superconsciência, essa nota de Harmonia Universal perdida nos abismos de luz e sombra da alma humana.

O programa da vida em toda a sua plenitude é o programa da Liberdade integral, é o programa do Direito Humano dos que soluçam e cantam e aspiram a um sonho mais alto de Amor e de Beleza.

É o programa da Solidariedade Humana – para a vontade Harmonia.

Nunca ninguém me viu num bordél num “Cabaret” ou num “Casino”. Desafio.

E “senhoras” recém-casadas, brasileiras, virtuosas consortes de cavalheiros respeitáveis, da “boa” e da “alta” sociedade, que os frequentam aqui, na Europa ou no Prata, ao lado dos maridos, me teem convidado para ir ver de perto a sociedade “chic” dos bordéis elegantes. Sempre me recusei. Não os conheço. Nem os daqui, nem os de Buenos Aires. E denominaram o meu gesto de puritano.... E são eles os puritanos, moraliteisas, defensores da sociedade constituída. Não. Eu não poderia divertir ao lado da dor inominável da prostituição mascarada de alegria desbordante – na força dolorosa da industrialização da carne feminina – exposta nos mostradores de salões, a sensibilidade e o coração das mulheres pendurados ao harpéos dos magarefes desse comercio desalmado.

Nunca fui, nem mesmo “ para estudar”... “para observação psicológica, como vai toda a gente

de espírito....

Para que?

Conheço por demais até onde podem ir as misérias humanas, quase sem ter tido contato com elas.

Meu pobre pensamento me aferroteia na angustiosa inquietação da dor social. Não é mais preciso esverrumar uma chaga que sangra.

Deixo aos cristãos piedosos e caridosos, ás senhoras religiosas e aos cavallheiros sérios, aos psicólogos de livros escandalosos, todos defensores da sagrada instituição da família, essa especie de distração elegante – tomar champagne ou dançar nos cabarets chics e jogar nos salões dourados da fina flor dos “casino” de luxo. Os bordeis dos bas-fond, também frequentados nas grandes metropolis pelas damas virtuosas das “sociedades de espirito”, como os bordéis de alto bordo chamado “Club” ou “Casino” ou Hoteis ou “Cabaret” são como atrativos indispensáveis para a ociedade sensual das famílias bem constituídas, abençoadas pelo Religião, registradas pelo Estado. E os intelectuais que os frequentam e que tomam parte em todas essas diversões da “gente de espirito” e “emancipada”, são eles os noticiaristas puritanos dos fatos policiais em que delegados fazem “desgraçada” uma menina nas salas de despacho dos comissários da policia. São eles que denunciam como culpada a mulher assassinada pelo marido, pelo amante ou pelo irmão, porque não soube guardar e respeitar a “honra” de toda a família... São os que enchem a boca com as formulas de Deus! Pátria! e Família!

Farsa representada para a imbecilidade milenar dos domesticados da Rotina. E são eles, é gente de espírito, a gente elegante e “fina”, são essas senhoras, as “coureuses” de diversões desse gênero, nos réveillon, no Carnaval, nos bailes modernos, são esses mesmos os que fazem a caridade nos salões e sustentam os edifícios sumptuosos dos templos católicos, os Asilos do Bom Pastor (!) e os colégios religiosos, defendem encarniçadamente a moral dos bons costumes e sacratíssima instituição da família.

É natural e lógico. A prostituição é um dos esteios mais poderosos da moral religiosa. As colunas sociais – governos, capital, militares e clericalismo – é preciso acrescentar a coluna central – a prostituição.

É a razão por que toda a sociedade elegante, toda a fina flor do parasitismo dourado es pouca champagne e brilha o espírito nos salões feéricos onde reinam as prostitutas profissionais e a alta prostituição das negociastas e das intrigas da diplomacia secreta. É no “Cabaret”, é no Cassino, é nos hotéis das praias elegantes que as quatro primeiras colunas sociais solidificam a solidariedade das

suas formulas de defesa: Deus, Pátria e Família!

Apoiam-se na coluna central- a prostituição.

Admirável organização social!

Toda esta sociedade não passa de um imenso bordel de vampiros da consciência e proxenetas da razão humana.

Perscrutar até onde vai a imbecilidade e o acarneiramento de “toda gente”, procurar sentir toda a insolência da perversidade organizada em partidos e programas – para acarneirar, atuar, imbecilizar e explorar – já não será um programa ... social?

Como se chega a ser mulher?

A mulher terá de deixar as suas tolas e infantis reivindicações civis e políticas – para reivindicar a liberdade sexual, para ser dona de seu próprio corpo. É a única emancipação possível, dentro da civilização – mercado humano, tronco de escravos. Emancipar-se economicamente ganhando a vida pelo seu trabalho e emancipar-se pela liberdade sexual. É o início do matriarcado. O matriarcado é a volta as leis naturais; os animais nos dão exemplos frizantes dos direitos primordiais das mães. Mas, o matriarcado agora, consciente. Não mais o comunismo primitivo, porem, a liberdade de amar. É biológico, é humano, é natural reivindicar a posse de seu corpo, aliás, todos os animais gozam desse direito.

A mulher, vai compreendendo, felizmente, que as leis são feitas pelos homens e para os homens – sexualmente bem instalados na vida- e que só visam o bem estar, a liberdade, o prazer e o pátrio poder do sexo forte, em detrimento do sexo fraco, que por ser fraco, tem que aceitar a proteção nessa partilha leonina. É afetiva, sentimental, se deseja o amigo, o companheiro, não suporta mais o dono, marido, proprietário legal.

A mulher de caráter, a mulher superior sente a humilhação a que se submete no casamento. Acompanha a história dolorosa, a “via cruxis”, a tragédia do sexo feminino através de todas as civilizações e vai tomar caminho oposto.

Si a apontam como imoral, como corruptora de costumes, isso lhe não importa. É individualista, reivindica o direito á vida, o direito á alegria de ser alguma coisa mais do que objeto de compra e venda, dentro ou fora do casamento.

É a luta aberta, deserção da sociedade, é colocar-se inteiramente à parte, vivendo a vida simples, dentro de uma moral bem mais humana, como um ser que volta ás leis cósmicas – as únicas

dignas de respeito, as únicas merecedoras do nosso culto, de nossa admiração, do nosso entusiasmo.

Qual a pergunta mais interessante que eu poderia lhe fazer neste preciso instante?

Amor pelas armas?

Devires, Acontecimentos, Verdades e Processos de Singularização

Félix Guattari, em uma entrevista a João Luiz S. Ferreira, para a Fundação Cultural Bahia, Salvador, 13 de setembro de 1982, comenta sobre minorias: os devires da sociedade. Diz que o feminismo também tem isso; ele não coloca só o problema do reconhecimento dos direitos da mulher, em tal ou qual contexto profissional ou doméstico. Ele é portador de um devir feminino que diz respeito não só a todos os homens e às crianças, mas no fundo, a todas as engrenagens da sociedade. Aí não se trata de uma problemática simbólica – no sentido da teoria freudiana, que interpretava certos símbolos como sendo fálicos e outros maternos – e sim de algo que está no próprio coração da produção da sociedade e da produção material.

Então, que diálogo estabeleço com as mulheres, em suas micropolíticas? Que acontecimentos poderão ser provocados em seu cotidiano? Foucault, em seu curso de 1984, falava no tema da *parresía*, do dizer a verdade. Assim estão as relações entre sujeito e verdade, a partir de práticas, e que podem ser investigados ao longo de uma pesquisa.

As mulheres individualmente apresentam as suas verdades e são coerentes com a filosofia de Foucault, quando diz: “é preciso dizer a verdade sobre si mesmo” (Foucault, 1984). Por isso também a noção de *parresía* é uma noção política, conforme Foucault, no mesmo curso. São práticas de veridicção, práticas de verdades e que encontrarão no cotidiano destas mulheres as perguntas: Por que dizer a verdade? Por que busco a verdade? Por que quero dizer a verdade sobre mim mesmo? Quero investigar as práticas de verdade, as minhas práticas de verdade. No que fui autêntico comigo mesmo e com os outros? Onde encontro na pré-história essas práticas da verdade?

Uma noção política – o que Foucault encontrou no passado. Das relações entre sujeito de verdade: das relações de poder e de seu papel no jogo entre o sujeito e a verdade. Com a noção de *parresía*, arraigada originariamente na prática política e na problematização da democracia, derivada depois para a esfera da ética pessoal e da constituição do sujeito moral. Prática – governo de si mesmo e dos outros. Os modos de veridicção, as técnicas de governabilidade e as práticas de si, no fundo, o

que sempre quis fazer (FOUCAULT, 2011). Dizer a verdade sobre si e sobre os outros, foi isso que as mulheres pesquisadas fizeram ao relatar sobre suas vidas, ao contar sobre o que é mulher. Ao problematizar esta questão elas criaram novos processos de singularização, conforme Guattari (1993). No fundo, os processos de singularização não podem ser especificamente atribuídos a um nível macrossocial, nem a um nível microssocial, nem mesmo a um nível individual. É por isso que prefiro falar de “processo de singularização” em vez de singularidade. Ainda, mais uma vez, sem fazer apologia destes processos, pois eles podem entrar em toda espécie de modalidade de sistemas de recuperação, de sistemas de modelização. Toda a problemática micropolítica consistiria, exatamente em tentar agenciar os processos de singularização no próprio nível de onde eles emergem.

As mulheres aqui retratadas falaram destes agenciamentos nos processos de singularização, no nível de onde eles emergem, ou seja, nos seus próprios cotidianos. O que vemos é que apareceram várias mulheres em uma só. Uma multiplicidade de ser mulher. Cada uma com sua singularidade, cada uma criando novos processos de vida e resistindo aos velhos modelos que já não cabem mais. Autoras e filósofas de um novo porvir, como Maria Lacerda de Moura e Estamira que compartilham ideais e pensamentos, cheios de harmonia, e ao mesmo tempo questionadoras.

As duas aparecem como duas mulheres, que estão à frente de seu tempo. Pois suas vidas mostram isso, na medida em que elas não aceitam viverem o que já foi posto. Maria Lacerda de Moura, grande mulher, escritora que não parou de escrever, não parou de dizer, não conseguiu permanecer calada diante de tantas injustiças cometidas pela sociedade. Questionou a educação das crianças, a maternidade, a mulher tipo solteirona, os programas estabelecidos pelos governos, o militarismo, as formas de amar, a sexualidade de homens e de mulheres, os fascismos existentes na sociedade. Enfim, inúmeras outras questões foram abordadas nas obras da autora. Maria Lacerda passou grande parte de sua vida disposta a escrever e a dizer *eu resisto*. Esta resistência estava associada a sua vida, a sua maneira de viver, sempre dizendo não para qualquer forma de vida violenta. Defendendo as mulheres de todos os preconceitos que a sociedade elaborou. Maria Lacerda afirma que a mulher pode reivindicar o direito de ser dona de seu próprio corpo, mas não para consumir e se tornar uma pessoa fútil, este direito que ela diz é o direito de ser dona de si mesma e de mandar na sua vida. A autora sempre esteve ao lado daqueles que lutaram por uma vida melhor e mais digna para todos. E da mesma forma, rompeu com aqueles que se aliaram aos governos. Como no caso do seu filho adotivo que resolveu seguir o exército; Maria Lacerda não o reconheceu mais como seu filho.

Estamira da mesma forma, sempre inventando palavras novas, dizeres difíceis de serem compreendidos por “gente normal”. Ela inventa uma nova ética de viver quando permite que sua vida

seja filmada. Diz que tem a missão de revelar, acredita na força de suas palavras para que as pessoas mudem a maneira de ver o mundo. Da mesma forma em que Vera, Lúcia, Aline e Inaida questionam o mundo e permitem que novas ideias abram novos dias para elas e para as pessoas que estão perto delas.

Essas mulheres se misturam, são diferentes, produzem diferenças ao fazerem de suas vidas verdadeiras obras de arte. Fazer acontecer e criar uma política de vida para o cotidiano. Uma política marcada pelas suas vidas. Suas vidas foi o que mais apareceu nesta tese. Vidas que se mesclam, que se diferem e ao mesmo tempo em que se complementam.

Espero que tudo que foi questionado ao longo dessa pesquisa e agora nessa tese se concretize como os sonhos de Vera em viver de forma feliz em sua comunidade onde mora no assentamento. Vera escolheu viver em uma comunidade e luta para que consiga sempre dar o melhor de si neste local. Lúcia comprou um terreno em Itaara e espera fazer dele um espaço de permacultura. Aline inventa poesias e poemas para questionar o que já está dado e abrir espaços para palavras diferentes. Inaida luta para não permanecer em espaços já dados para as mulheres, quer criar ou guiar um continente com a força de ser mulher.

Maria Lacerda de Moura sustenta todas estas mulheres em seus discursos e compõe um novo jeito de pensar a mulher na contemporaneidade, a mulher livre, a que se basta a si mesma. Da mesma forma que Estamira propõe novas formas de vida a lugares que a sociedade esqueceu. Não se esquecer desses lugares e afirmar uma nova vida: esta é a luta das mulheres hoje e sempre.

Referências Bibliográficas:

Antologia de textos / Epicuro. Da natureza / Tito Lucrécio Caro. 3.ed. Da república / Marco Túlio Cícero. Consolação a minha mãe Hélvia ; *Da tranqüilidade da alma* ; Medéia ; Apocoloquintose do divino Cláudio / Lúcio Aneu Sêneca. Meditações / Marco Aurélio ; traduções e notas de Agostinho da Silva ... [et al.] ; estudos introdutórios de E. Joyau e G. Ribbeck. — 3. ed. — São Paulo : Abril Cultural, 1985. (Os pensadores) Contém vida e obra de Epicuro, Lucrécio, Cícero, Sêneca e Marco Aurélio.

ARTAUD, Antonin .*O teatro e seu duplo*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ASPIS, Renata Pereira Lima. *Ensino de filosofia e resistência*. Tese de Doutorado em Educação. Unicamp, SP, Brasil 2012.

BAGETTI, Vilmar. *Educação, movimentos sociais e formação de professores: O Projeto CUIA no contexto da reforma agrária brasileira*. Dissertação de Mestrado. UFSM. Santa Maria, RS. Brasil. 2000.

BADINTER, Elizabet. *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1985.

Banco Mundial. *República da Guiné-Bissau: Prestação de Serviços Sociais Básicos num Contexto de Fragilidade Estatal e Transição Social*, Washington, Banco Mundial ,2008.

Banco Mundial. *Indicadores do Desenvolvimento em África 2010*, Washington, D.C, Banco Mundial ,2010.

BARATA, Óscar e PIEPOLI, Sónia. *África: gênero, educação e poder*, Lisboa, ISCSP - Centro de Estudos Africanos ,2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de

Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BONDÍA, Larrosa Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Universidade de Barcelona, Espanha. Tradução de João Wandereley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de linguística. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 n 19.

BONDÍA, Larrosa Jorge. *Pedagogia Profana – Danças, piruetas e mascaradas*. pg. 7. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 2003.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre o limite discursivo do sexo*. In: LOURO, Guacira (org). *O corpo Educado, pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica: 2001.

CAIAFA, J. *Aventura das cidades*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1007.

CADERNOS AEL: Anarquismo e Anarquistas. Campinas: UNICAMP/IFHC, V. 8/9, 1998. In: *A imagem da mulher na imprensa de esquerda no Brasil, 1889-1922: uma exposição sumária* de Hadassa Grossman.

CERBASI. Gustavo. *Casais inteligentes enriquecem juntos*. Editora Gente, 2004.

CHILLEMI. M. *Tirando a poeira da palavra amor*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, RS, Brasil, 2003.

CORRÊA, C. G. *Educação, comunicação e anarquia. Procedências da sociedade de controle no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2006.

COUTO. Mia. *Antes de Nascer o Mundo*. Companhia das Letras. Moçambique. 2009.

DELEUZE, G; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998

DELEUZE, Gilles. *A lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1969/2000.

DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. Lisboa: Relógio D'Água, 2001.

DELEUZE, G & GUATTARI, F. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1976.

DELEUZE, G & GUATTARI, F. *O que é filosofia*. Rio de Janeiro: EDITORA 34, 1993.

DELEUZE, G & GUATTARI, F. (1982) *Mille Plateaux*, Minuit, Paris (1997) Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia, v. 4. São Paulo: Editora 34.

DELEUZE, G & GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vols. 1, 2, 3,4 e 5. Rio de Janeiro: EDITORA 34, 1996.

FABRINI, João Edmilson, *Os camponeses e a práxis da produção coletiva.* João Edmilson Fabrini, Valéria de Marcos – 1 ed – São Paulo: Expressão popular:Unesp. Programa de pós graduação em geografia, 2010.

FOUCAULT, M. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. in DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. Michel Foucault: uma trajetória filosófica, para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p.261.

FOUCAULT. *A ética do cuidado de si como prática de liberdade*. In: Motta, M (org). In: Ditos e escritos V. Rio de Janeiro: Forense, Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, M. *La verdade y las formas jurídicas*, México. Editorial Cedisa, 1986, 2 ed.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*, (trad. de Maria Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. .

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1990a..

FOUCAULT, M. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A História da Loucura na Idade Clássica*. 1997. São Paulo, Perspectiva.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. *Por uma vida não fascista*. Organizador: Coletivo Sabotagem, 2004.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: a história das violências nas prisões*. Tradução Lígia M. Ponde Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. *Sécurité, territoire, population. Cours au Collège de France, 1977-1978* (Édition établie par François Ewald et Alessandro Fontana, par Michel Senellart). Paris: Gallimard/ Seuil (Coll. Hautes études), 2004.

GALLO, S. *Deleuze e Educação*. 2. ed. - Belo horizonte: Autêntica, 2008.

GALLO, S. *Cuidar de si e cuidar do outro: implicações éticas para a educação dos últimos escritos de Foucault*. In: KOHAN, W. O. e GONDRA, J. *Foucault 80 anos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. P. 71-79.

GALLO, S. *Ética e Cidadania*. Campinas: Papirus, 2003.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S.B. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis. Vozes, 1989.

GOLDMAN, Emma. *O indivíduo, a sociedade e o Estado*. Tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, 1998.

IBSEN, Henrik. *Um Inimigo do Povo*, Rio de Janeiro: Editora Globo. ISBN Biografia e comentários sobre a obra de Ibsen (Vidal de Oliveira), 1984.

JAPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

KASTRUP, Virgínia. *O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção* In: CASTRO, Luica Rabello & BESSET, Vera Lucia (Orgs.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008, p. 465-489.

LANZ. R. *A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano*. São Paulo: Antroposofia, 1990.

LARROSA, Jorge (2002). *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. **Leituras, n 4**. (Textos -subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/Fumcc), Secretaria Municipal da Educação, Campinas, Julho.

LAQUEUR, Thomas: *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LAURETIS, Teresa de. *A tecnologia do gênero*. In. HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Rocco: 1994.

LEMAN, Kevin. *Mãe de primeira viagem*. Editora Mundo Cristão, 2013.

LOPES, Cátia. *O papel da mulher no microcrédito na Guiné-Bissau. Estudo de caso em Piche e em Pirada*, 2011.

LORIERI, M. A. (Org.); ALMEIDA, C. R. S. DE (Org.); SEVERINO, A. J. (Org.). *Perspectivas da Filosofia da Educação*. 1. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011. v. 1. 288 p.

MAGNANI, Sílvia Lang. *O movimento anarquista em São Paulo (1916-1917)*. São Paulo, Brasilense, 1982.

MANFREDI, Sílvia Maria. *Formação Sindical no Brasil : história de uma prática cultural*. São Paulo : Escrituras Editora, 1996.

- MASSEY, Doreen. *Pelo espaço – uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MIRANDA, Carlos et al. *A educação do olho*. *Cadernos Cedes*, Campinas, n. 54, p. 28-40, ago.2001.
- MORTON, Camila. *Como andar de salto alto*. O guia da cinderela moderna, Editora Matrix. 2007.
- MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo, Atica, 1984.
- MOTTA, M.A.P. *Mães Abandonadas: a entrega de um filho em adoção*. São Paulo. Cortez, 2001.
- MOURA, Maria Lacerda de Moura. *O trabalho feminino na comunhão social/ qual a aspiração da mulher na sociedade atual*. Revista da semana, Rio de Janeiro, 31 (41), 27 de sete. 1930.
- MOURA, Maria Lacerda de. *“A mulher é uma Degenerada”*. São Paulo: Typ. Paulista, 1924.
- MOURA, Maria Lacerda de. *Religião do Amor e da Beleza*. São Paulo: Typ. Condor, 1926.
- MOURA, Maria Lacerda de. *Civilização – tronco de escravos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931.
- MOURA, Maria Lacerda de. *Amai e... Não Vos Multipliqueis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932.
- MOURA, Maria Lacerda de. *Serviço Obrigatório para Mulher? Recuso-me! Denuncio!* Santos, São Paulo: A sementeira, 1933.
- MOURA, Maria Lacerda de. *Han Ryner e o Amor plural*. São Paulo. Gráfico Editora Unitas Limitada, 1934.
- NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino. *Indisciplina: Experimentos libertários e emergência de saberes anarquistas no Brasil*. Tese de Doutorado do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais/ Política. Puc/SP: São Paulo, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário a Silva. 18ª. ed. Rio de Janeiro - RJ: Editora Civilização Brasileira, 2010.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, *“Para a Genealogia da Moral: Uma polêmica”*; tradução notas e posfácio de “Paulo César de Souza”, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- NOVELLI, G. *Ensino Profissionalizante na cidade de São Paulo: um estudo sobre o currículo da “Escola Profissional Feminina” nas décadas de 1910, 1920 e 1930*. Trabalho e Educação n/9, Puc, SP, 2009.
- OMAR, Arthur. *O antidocumentário, provisoriamente*. *Cinemais*, Rio de Janeiro, p. 179-203, set./out.

1997. Editorial.

ORLANDI, L. B. L. (1999) Combater na imanência (prefácio). In: DELEUZE, G. *Péricles e Verdi. A filosofia de François Châtelet*. Rio de Janeiro: Pazulin.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia : Pesquisa Intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

PASSETI, Edson. *Anarquismos e Educação*. Edson Passeti e Acácio Augusto. Belo Horizonte Autentica Editora, 2008. (Coleção- Temas em Educação).

PEIXOTO, Clarice Ehlers (Coord.). *Maria Lacerda de Moura: trajetória de uma rebelde*. Rio de Janeiro: UTV, 2003. Entrevista concedida à série Cinema & Antropologia: os bastidores do filme etnográfico.

PERROT, Michelle. *Escrever uma história das mulheres: relato de experiência*. *Cadernos Pagu*, 4, 1995.

PERROT, Michele. *Minha história de mulheres*. Tradução Angela M.S. Corrêa. 1 ed. 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

PREVE, Ana Maria. *Mapas, Prisão e Fugas: cartografias intensivas em educação*. Tese de doutoramento. Unicamp, SP, Brasil, 2010.

RABELO, Amanda. A remuneração do professor é baixa ou alta? Uma contraposição de diferentes referenciais. *Educação em Revista*. Belo Horizonte. v.26. n.01.p.57-88. Abr. 2010

RAGO, Margareth. *Anarquismo e feminismo no Brasil. A audácia de sonhar. Memória e subjetividade em Luci Fabri*. 2 edição revista aumentada, Rio de Janeiro: Achiamé.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil, 1890-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

RAGO, Margareth. *As mulheres na historiografia Brasileira*. Mimeografado. Uberlândia, Centro de Ciências Humanas e Artes, 1994, p.1.15.

RAGO, Margareth. *Descobrimo o conceito de gênero*. *Cadernos pagu* (11) 1998: pp.89-98.

RAGO, M.; BIAJOLI, M. C. P. (2008) *Mujeres Libres da Espanha: Documentos da Revolução Espanhola*. Rio de Janeiro: Achiamé.

RAGO, M.; ORLANDI, L. B. L.; VEIGA-NETO, A. *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 2005. p. 99-110.

RAGO, Margareth & NETO, Alfredo Veiga organizadores. *Para uma vida não fascista*. Belo

Horizonte: autentica Editora, 2009 (Coleção Estudos Foucaultianos).

RAGO, M. MARIA LACERDA DE MOURA (1887-1945) Labyrir, Estudos Feministas, Janeiro/Julho/2004).

RITHCHER, Liane Peters. *Emancipação feminina e moral libertária: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998.

RODRIGUES, Nelson. *A vida como ela é...o homem fiel e outros contos*. São Paulo:Companhia das Letras, 1992.

RODRIGUES, Nelson. *Escravas do amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ROLNIK, Suely. *Cartografias sentimentais*. Transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Educação e liberdade, 1989.

SANT'ANNA, Denise B. *Corpos de passagem*. Ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SERRES, Michel. *Filosofia Mestiça*. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SCOTT, J. *A cidadã paradoxal*. Florianópolis: Mulheres, 2002.

SCOTT, J. *Preafácio à Gender and Politics of History*. *Cadernos Pagu*, 3, 1994, p. 12.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Trad. e notas de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

STIRNER, Max. *O falso princípio da nossa educação*. São Paulo, Imaginário, 2001.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão & WHITAKER, Arthur Magon (org.) *Cidade e campo: relações e contradições entre o urbano e o rural*. São Paulo:Expressão Poular, 2006, p. 111-130.

SUSKIND, Patrick. *O perfume, história de um assassino*. Romance, título original, Das Parfum Die Geschichte eines Mörders Editorial Presença. Alemanha, 1985.

VARELA, Julia. *Nacimiento de la mujer burguesa: el cambiente desequilíbrio de poder entre los sexos*/Julia Varela. Madrid: La piqueta, 1997.

VERVE: Revista Semestral. Nu-Sol- Núcleo de Sociabilidade Libertária/ Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais, PUC-SP. N 6 Outubro 2004-) São Paulo: o programa, 2004- Semestral, In: “ *A mulher cordial*”: *feminismo e subjetividade* de Margareth Rago.

WALLERSTEIN, Valeska. *Feminismo como pensamento da diferença*. Labrys, Nº 5. jan-jul. de 2004.

ZOURABICHVILI, F. *O vocabulário de Deleuze*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004a.

Filmografia:

As horas. Stephen Daldry. Reino Unido, EUA, 2003, DVD (1h 54 minutos).

Bruno. Larry Charles. EUA, 2009, DVD (1h 23 minutos).

Estamira. Marcos Prado. Brasil, 2007, DVD, (120 minutos).

O segredo de Brokeback Mountain. Ang Lee. EUA, 2006, DVD (2h 14 minutos).